

TIAGO TONIAL

DANÇA DE SALÃO E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
um estudo sobre academias de Belo Horizonte

Belo Horizonte – MG
2011

TIAGO TONIAL

DANÇA DE SALÃO E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
um estudo sobre academias de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação - Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração Lazer, Cultura e Educação

Linha de Pesquisa: Lazer, História e Diversidade Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Fortes Soares

Belo Horizonte – MG
2011

T665d Tonial,Tiago
2011 Dança de salão e lazer na sociedade contemporânea: um estudo sobre academias de Belo Horizonte.[manuscrito] /Tiago Tonial– 2011.
164 f., enc.

Orientador: Rafael Fortes Soares

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 152-155

1. Dança - Teses. 2. Dança de salão - Teses. 3. Lazer - Teses. 4. Sociabilidade – Teses. 5. Escolas de dança – Teses. I. Soares, Rafael Fortes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8 (815.1)

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Mestrado em Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação intitulada ***Dança de salão e lazer na sociedade contemporânea: um estudo sobre academias de Belo Horizonte*** de autoria do mestrando **Tiago Tonial** defendida e aprovada em 25 de maio de 2011, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Rafael Fortes Soares (Orientador)
Centro de Ciências Humanas
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias
Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

**Em memória de Cícero Bleidson, a
pessoa que me apresentou a dança de
salão.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai pelas vezes em que gentilmente, me carregou em seus ombros, me fazendo sentir medo e agarrar com força seus cabelos ainda escuros, hoje bem grisalhos.

À minha mãe por olhar meus rabiscados e mal tratados cadernos de infância, e me perguntar sobre minhas aulas mostrando interesse pelo que tinha aprendido. Sem isso com certeza eu não estaria aqui

Agradeço a Luciano Carneiro Alves, meu primeiro orientador, que acreditou na minha vida acadêmica e em minha incipiente pesquisa sobre dança de salão. É incrível como palavras como “eu topo cara” mudam a vida da gente.

Agradeço a Jose Alfredo Debortoli por me apresentar às teorias do jogo, e a Victor A. Melo, pois ambos me ajudaram a dar os primeiros passos nesta pesquisa.

Agradeço a Rafael Fortes por me orientar. Acredito que isso não seja tarefa fácil.

Agradeço a Silvio Ricardo da Silva e Cleber Augusto Gonçalves Dias, por aceitarem ajudar a melhorar essa pesquisa com suas críticas e sugestões.

Agradeço a meus depoentes, por me cederem suas histórias, opiniões e sentimentos. Eles são a pedra fundamental dessa pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, em especial a João Franco Lima, o baiano, pelas longas conversas madrugada a fora sobre o lazer e outros assuntos que contribuíram para esta pesquisa e para minha vida.

Agradeço a saudade, palavra tão brasileira, que resume muito do que senti estando aqui em Belo Horizonte. Esse aperto no peito me fazia lembrar o porquê de ter deixado meus entes queridos para estar aqui.

Foi da união dos corpos dos meus pais que eu e pessoas de suma importância para minha vida nasceram, meus dois irmão, Leonardo e Renato Tonial. E é também desta união em um salão de dança que me vem uma das mais preciosas lembranças de minha infância, vê-los abraçados, deslizando na pista, unidos e com um semblante que expressava simplesmente felicidade, me é uma das lembranças mais caras de minha vida.

Portanto:

Agradeço a dança de salão, pois sem ela esse texto, e muito do que sou hoje, não seriam possíveis.

RESUMO

A presente pesquisa se ateve à dança de salão enquanto atividade de lazer na sociedade contemporânea belorizontina. Através da teoria do jogo (em especial de Huizinga) e do lazer (principalmente os conceitos de Gomes) procurou-se questionar, do ponto de vista teórico, a dança de salão, o objetivo foi então entender melhor o que é dança de salão. A pesquisa de campo se constituiu por formulários e entrevistas semi-estruturadas com pessoas que vivenciam a dança de salão em academias de Belo Horizonte. O resultado da pesquisa mostrou uma série de tensões em relação à divisão de gêneros com papéis instituídos durante a dança (masculino/condutor e feminino/conduzido), dialogando também com a sociedade atual. Um ponto a ser levado em consideração é que dança de salão, ao colocar as pessoas em contato corporal direto com alguém do sexo oposto, cria um contato de intimidade. Esse contato acontece dentro do que aqui se entende por um jogo que ocorre dentro de um universo próprio permitindo aos seus jogadores se entregarem ao contato corporal íntimo com outro ser, mas que se encerra ali. A dança de salão, de maneira geral, se apresentou a este estudo como algo movido pela sociabilidade e todas as tensões que este conceito abarca, uma vez que é justamente o convívio com outras pessoas que leva seus atores a buscarem as aulas oferecidas pelas academias de dança de salão. Outro ponto, fruto dessas tensões, se refere à idéia de que esse tipo de dança não pertence nem ao universo masculino, nem ao juvenil. De forma geral, a pesquisa mostrou que isso não pode ser afirmado de forma categórica, devido às novas configurações da dança de salão que vem modificando inclusive o processo de “condução”, onde a mulher cada vez mais passa a ter um papel ativo neste elemento essencial da definição da dança de salão. Todos estes fatores estão intimamente ligados à invenção desse tipo de academia, do desenvolvimento técnico que a dança de salão vem sofrendo e da criação de uma dança inventada para ser elemento de prazer e sociabilidade nos salões, que agora ganha os palcos italianos. Isso cria um maior refinamento da dança que leva tanto condutor quanto conduzido a terem que fazer aulas para aprenderem as diversas danças de salão do mundo e para conseguir dançar com pessoas diversas.

Palavras chave: Dança de salão. Jogo. Lúdico. Lazer. Academia. Condução. Dama. Cavalheiro. Dança.

ABSTRACT

This research adhered to ballroom dance as a leisure activity in contemporary society from Belo Horizonte. Through game theory (especially Huizinga) and leisure (primarily Gomes' concept's) sought to question, from theoretical point of view, the ballroom dance. Then, the objective was to understand better what ballroom dance is. The field research consisted of forms and semi-structured interviews with people who experience ballroom dance in dance studios from Belo Horizonte. The survey results showed a series of tensions over the division of gender with established roles during the dance (male/leader and female/follower), in dialogue with society today. A point to be taken into consideration is that ballroom dance, when put people in direct body contact with someone of the opposite sex, creates a touch of intimacy. This contact occurs within what is understood here as a game that occurs within a unique universe that allows its players indulge in intimate physical contact with another being, but it ends there. The ballroom dance, in general, is presented in this study as being motivated by sociability and all the tensions that embraces this concept, since it is just being with others who leads his actors to attend the lessons of the ballroom dance studios. Another point, resulting of these tensions, is the idea that this kind of dance does not belong to the male nor the youthful universe. In general, the research has shown that this cannot be stated with absolute certainty because of the new configurations of ballroom dance that is even changing the process of "leading", where woman increasingly is replaced by an active role in this essential element of the definition of ballroom dance. All these factors are closely related to the invention of this kind of academies, of the technical development that ballroom dance is suffering and the creation of a dance invented to be an element of pleasure and sociability in the halls, which now wins the Italian stage. This creates a further refinement of the dance that leads to both leader and follower to take classes to understand the diversity of ballroom dance from all over the world and to get to dance with different people.

Keywords: ballroom dance. Game. Ludic. Leisure. dance studio. Conducting. Lady. Gentleman. and dance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2.2	Objetivos.....	11
2.1	Justificativa	12
2.3	Metodologia.....	15
2	RELAÇÕES ENTRE A DANÇA DE SALÃO, O SALÃO DE DANÇA E A ACADEMIA.	22
2.1	O jogo e a dança de salão: primeiras aproximações	24
2.1.1	Analisando o jogo Homem/Mulher	37
2.1.2	Dança de salão e regras	63
2.2	O que leva as pessoas a procurarem a dança de salão	73
3	RELAÇÕES ENTRE A DANÇA DE SALÃO E O LAZER	112
3.1	O lúdico.....	112
3.2	O lazer.....	116
3.4	A Dança de Salão	131
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
	REFERÊNCIAS	152
	APÊNDICE A	156
	APÊNDICE B	157
	APÊNDICE C	161

1 INTRODUÇÃO

Oriunda da cultura popular, a dança de salão surgiu como uma prática social ligada ao que hoje se conceitua lazer, como será exposto no trabalho em questão. E esta característica permaneceu em sua difusão pelo mundo ocidental desde o início do século XIX. As danças de pares entrelaçados tiveram sua grande difusão pelo mundo através da valsa, muito praticada em Viena, que chegou a Paris. A partir daí, ela foi levada a todo o mundo junto aos padrões europeus de civilidade e conduta. Como observa Luciana Teixeira de Andrade (2004, p. 86) descrevendo sobre a Belo Horizonte do século XX: “Os valores urbanos continuavam a ser difundidos pelos cronistas, que tinham como modelo à belle époque parisiense e o Rio de Janeiro”.

A valsa vai ganhar o cenário francês e, com isso, se difundir como prática por todo o mundo ocidental. Deste modo, as danças da corte francesa ganharam o adendo de uma dança onde os pares entrelaçam os braços e dançam frente-a-frente, se livrando das coreografias pré-estabelecidas pelos mestres de baile. (TONIAL, 2007).

Chegando ao Brasil, a dança de salão foi colocada em um contexto pluricultural distinto, estabelecendo um contato que agregou novas informações para esta prática. Isso contribuiu para a elaboração de uma dança com características próprias, que foi paulatinamente diferindo-se de sua matriz européia. Esse percurso traçado pela dança de salão faz com que ela se torne uma prática de lazer integrante da recente história do Brasil, sendo que suas várias formas de apresentação e seus diferentes estilos contribuíram para a sua disseminação em todos os segmentos da sociedade brasileira como prática social de lazer. Assim, a dita “dança de salão” extrapola os salões, ganha cada vez mais um refinamento técnico e se incorpora a um mercado cada vez mais dinâmico. Tudo isso contribui para a criação e disseminação da “academia de dança de salão”, foco desta pesquisa.

No cenário belorizontino, a dança de salão tem um espaço significativo, já existindo um mercado e uma agenda de eventos consolidada. Na internet, existem vários sites especializados neste assunto. Além dos bailes das casas noturnas, as academias promovem eventos constantes. Isso nos mostra a existência de um circuito¹ já estabelecido.

Foi estabelecido um recorte em um elemento que se considerou aqui fundamental

¹ Para José Guilherme Cantor Magnani (1996, p. 18) a categoria “circuito é o que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários”.

para o entendimento deste contexto mais amplo: a “Academia de dança de salão”. Ela é um elemento que dialoga e contribui com um cenário maior, o da sociedade de Belo Horizonte. A academia de dança de salão abre um novo mercado e ramo profissional na paisagem belorizontina². Geralmente estas academias são espaços que comportam aulas coletivas, individuais e bailes, sendo alguns deles semanais. Em suma, todos estes elementos que apresentamos fazem com que a dança de salão ganhe cada vez mais significados distintos, o trabalho que aqui se apresenta faz um esforço de melhor delimitar o que é dança de salão.

2.2 Objetivos

O problema que centra esta pesquisa é entender melhor o que é dança de salão. Para isso o foco foi analisar os pontos de vista dos agentes em relação às aulas de dança de salão e ao lazer. Logo, foi buscada a dança e do lazer sob a perspectiva dos próprios praticantes.³

A idéia foi romper com uma visão de realidade estática, de imutáveis relações, com o intuito de um olhar de que não apreende-se somente o aparente, o óbvio como o real. Deve-se entender que:

O senso comum não é algo desprezível e não deve ser confundido com ignorância, pois trata-se do saber cotidiano disponível, com o qual organizamos o nosso dia-a-dia. É um saber acumulado que orienta as nossas ações, mas, obviamente, esse saber reveste-se de tradições, valores, preconceitos, tabus e crendices. (GOMES e AMARAL, 2005, p. 18)

Com essa visão, foram propostas as entrevistas com pessoas envolvidas com a dança de salão buscando-se em seus conhecimentos acumulados, os significados e representações que construíram sobre a dança e o lazer. E o melhor caminho para tanto foi:

A crítica ao senso comum é, pois, um caminho para o conhecimento científico e tem a finalidade de romper com as idéias dominantes arbitrariamente inculcadas e disseminadas entre os indivíduos. Apesar de tudo, não nos podemos esquecer de que

² O site Bhdançasalao (<http://bhdancadesalao.com.br/portal/?q=node/3> acessado em novembro de 2010) lista 51 academias na região de Belo Horizonte isso sem mencionar as academia e grupos e professores particulares que não estão no site ou que trabalham de maneira informal.

³ O que realmente se buscou aqui foi uma interpretação, uma vez que nosso olhar centra-se nas significações dadas pelos atores às práticas e ações em que estão envolvidos, estabelecendo um contínuo de interações sociais dentro do contexto em que se insere. Pois, ao se lançar um olhar sobre a sociedade “É necessário compreender a significação dos símbolos sociais construídos. Estudar o social é compreender (o que só é possível vivendo) que o objeto social não é uma realidade externa, é uma construção subjetivamente vivida.” (GOMES; AMARAL, 2005, p.10)

todos estamos, irremediavelmente, imersos no mundo da vida. Nossa experiência é toda ela experiência do mundo. Analisando e comparando as duas atitudes, podemos percebê-las totalmente diferenciadas, mas não podemos eliminar o senso comum e tomar uma decisão de pensar de forma totalmente racional. (GOMES e AMARAL, 2005, p.19)

É pensando nas interferências da contemporaneidade e na sempre presente possibilidade de gerar a sociabilidade a partir da vivência das manifestações culturais que tentou-se propiciar o entendimento da constituição de redes de sociabilidade e significados ao redor da dança de salão, bem como possibilitar uma discussão de conceitos relacionados ao campo do lazer e da dança. É patente o lugar da dança de salão e de outras festas nas representações dos brasileiros sobre o lazer. A festa nos ajuda a compreender o ambiente em que o lazer contemporâneo é forjado, uma vez que é “visualizada como processo, como acontecimento cultural inacabado, em que há conformações, resistências e trocas”. (ROSA, 2004, p. 89)

A presente pesquisa procura proporcionar a construção de uma interpretação sobre como as pessoas envolvidas com a dança de salão a vêem como alternativa de lazer e o que representa para seus praticantes o ato de dançar e fazer aulas de dança, propiciando um olhar peculiar tanto para a dança de salão quanto para o lazer. O meio escolhido para isso foi ater-se à sociedade contemporânea, em específico a cidade de Belo Horizonte.

2.1 Justificativa

Atualmente a dança de salão faz-se presente em muitos momentos da vida social do ocidente, sendo encontrada em festas populares, e em casamentos e festas de debutantes, nos quais se torna parte integrante do cerimonial. As igrejas fazem festas nas quais a dança a dois é um ponto forte. Existem muitas casas de baile, lembrando também do foco principal desta pesquisa das academias de dança. Em Belo Horizonte a dança a dois se encontra em eventos quase diários. É sobre a articulação entre lazer e dança de salão tendo como ponto principal academias belorizontinas que se pautou essa pesquisa.

O lazer aqui é visto como uma temática multidisciplinar que abarca uma série de manifestações culturais no tempo-espço de sua vivência. O intuito foi o de compreender uma dessas manifestações, a dança de salão, como uma das possibilidades de vivência do lazer surgido como fruto híbrido de heranças culturais distintas. Uma pesquisa na área de lazer com perspectiva interdisciplinar justifica-se pelo diálogo que pretende estabelecer com as áreas de

atuação que se propõe a discutir,⁴ pois, o lazer é um fenômeno que não consegue ser debatido por uma única área de conhecimento. Ele é um campo no qual temos que nos apropriar com uma visão interdisciplinar, para assim dar conta de sua complexidade. Segundo José Guilherme Cantor Magnani (2000, p. 25):

Por definição este campo exige o concurso de diferentes disciplinas; não é propriedade particular de nenhum delas. O Ponto de partida é: existe uma questão nova, o lazer e seus desdobramentos (histórico, políticos, teóricos, metodológicos) já não podem ser devidamente equacionados de acordo com o enquadramento habitual, sendo preciso analisá-los sob seus vários ângulos o que, por sua vez, exige a colaboração de diferentes pontos de vista.

Essa amplitude na busca de referências se apresenta como um caminho para se compreender em profundidade o lazer, principalmente quando se tem por objetivo entender as ações realizadas pelos atores sociais num dado tempo-espço, sob o recorte de determinada manifestação cultural.

A dança de salão é de grande importância para o convívio social e auto-identificação das pessoas em determinados grupos. Isso se dá, por meio dos espaços de lazer, salões de baile e academias, pois esta identificação é proveniente da dança enquanto experiência do brincar com o próprio corpo em relação a um outro ser, a música e ao espaço do salão. Logo, entendemos que essa manifestação pode contribuir para a diminuição do “processo de excessiva fragmentação e individualização presente na sociedade contemporânea”. (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003, p. 47).

Além de uma forma de lazer, a dança de salão pode ser vista como uma forma de expressão, e as formas de expressão tanto interiores como exteriores são de natureza social. Elas só existem dentro de um contexto onde cada indivíduo tem um horizonte social que o faz pensar e se exprimir voltado para um auditório bem definido. Logo, são em espaços sócio-ideológicos que as formas de expressão da realidade são construídas, atribuindo-lhes significados e valores, tanto para quem se expressa como para o público, pois o signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. Para Maria Inês Galvão de Souza *et al.* (2005, p. 224) a dança enquanto atividade de lazer é:

⁴ Como afirma Vânia de Fátima Noronha Alves (2004, p. 57) “O Brasil é, com certeza, uma nação pluricultural, constituída por diferenças, por isso mesmo as inúmeras manifestações de lazer presente neste universo de cultura(s) precisam ser consideradas como uma totalidade”.

Um importante componente da cultura, e cultura é a lente pela qual observamos o mundo que nos cerca. O conjunto de interpretações que fazemos está diretamente ligado a nossa cultura e se a dança faz parte desta cultura, através do lazer ela pode gerar uma mudança de perspectiva que interfira na maneira de entender o outro e assim entender as nossas relações sociais.

Porém, as individualidades estão em constante embate com o que Roberto DaMatta (1986, p. 51) chama de “ritos de reforço” onde o que se tem por fim é:

Celebrar as relações sociais tal como elas operam no mundo diário, as diferenças são mantidas, tal como são, pois o que está se celebrando, é a própria ordem social, com suas diferenças e graduações, seus poderes e hierarquias.

Na dança, isso está expresso em rituais como a obrigatoriedade de o homem tirar (chamar) a mulher para dançar, onde se espera que o mesmo a conduza pelo salão, em danças européias (com exemplo principal temos a valsa) no sentido anti-horário⁵. Outro bom exemplo é a valsa que marca, simbolicamente, a primeira dança de uma garota que debuta, ou dos recém casados que se apresentam para a sociedade.

A dança de salão é praticada diariamente em nossa sociedade contemporânea, porém, sem muitas reflexões. Mesmo no meio acadêmico ainda são incipientes os trabalhos que versem sobre ela. Nessa pesquisa, ao perguntar aos depoentes sobre o que é a dança de salão e o lazer, foi comum o estranhamento dos mesmos em relação a algo que vivenciam diariamente e, conseqüentemente, os saberes destes se mostram, em grande parte, produzidos no âmbito do “sentimento”. A pesquisa aqui apresentada tenta justamente preencher a lacuna do “racional” em relação ao lazer e à dança de salão. O que nos move é, então, produzir uma forma de saber diferente da que se observa no cotidiano dançante, porém, partindo do modo como é percebido o lazer e dança de salão para seus praticantes.

Em seu trabalho, E. P. Thompson (1998, p. 17) nos mostra que os costumes e a cultura de um modo geral são algo dinâmico que se constroem na prática. Então:

Há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é [a cultura] uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma

⁵ Em algumas danças temos a obrigação do giro do casal pelo salão no sentido anti-horário, este é o sentido contrário do marcador do relógio analógico, ao se entrar em um salão de frente para o centro este sempre será o lado direito de quem olha para um salão redondo, assim o casal deve estar em continuo deslocamento neste sentido, lembramos aqui que “valsa” significa literalmente girar.

pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”.

Sendo assim, concordando com Victor Andrade de Melo (2003, p. 33), quando este se refere a Thompson:

É somente pela experiência que o indivíduo desenvolve e incorpora valores. E tais valores não podem ser compreendidos apenas como uma imposição, mas como criação e luta, resistência e subjetivação. Nos costumes, no cotidiano, encontrar-se-iam férteis exemplos de resistência e luta; não somente nos fóruns institucionais.

Portanto, não podemos pensar a dança de salão como algo pronto e acabado, pois ela é passível de novas interpretações e novas relações. Entende-se aqui a sociedade como um conjunto de indivíduos, cada um com sua voz e seu pensamento, que constroem o todo de maneira dinâmica. Porém, estes indivíduos são perpassados pelo contato com as relações de poder, simbologia, e o valor socialmente atribuído a cada símbolo dentro de um ambiente. Pois, como afirmam Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Júnior (2003, p. 28) “a formulação de valores, normas e representações nunca é casual. Existem processos claros de intervenção, de busca de manipulação, diretamente relacionados com as estruturas de poder da sociedade”. Segundo os autores, a cultura é um campo de tensões e conflitos entre quem domina e quem é dominado, havendo trocas, resistências e acomodações.

Compreender de que maneira a dança de salão existe como atividade de lazer no cenário contemporâneo em Belo Horizonte, pode auxiliar no entendimento de como a sociedade belorizontina vem se configurando, pois, como afirma Magnani (2000, p. 20) “a partir do lazer é possível pensar a sociedade e refletir sobre valores gerais, pois ele não está desvinculado dos demais planos da vida social”.

2.3 Metodologia

Nesse trabalho combinou-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, desenvolvendo uma análise qualitativa dos dados por meio do estudo dos envolvidos com a dança de salão em academias através de entrevistas parcialmente estruturadas e questionário. Tendo em vista que o trabalho pretende colaborar com o preenchimento das lacunas de que se ressentia a dança de salão, o recorte escolhido foi o lazer dançante de envolvido com academias na cidade de

Belo Horizonte. A pesquisa qualitativa se apresentou como um importante método para este fim.

Segundo Maria Cecília de Souza Minayo *et al* (1994, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse sentido, destaca-se aqui a ênfase no caráter qualitativo da pesquisa, pois, seu intuito foi procurar entender e desvendar como ocorre a dança de salão como prática social. A necessidade do enfoque metodológico qualitativo desta pesquisa fica evidente ao levarmos em conta as considerações de Gomes e Amaral (2005, p.47) que afirmam:

As metodologias qualitativas, embora não possam permitir generalizações estatísticas de seus resultados, podem, no entanto, oferecer um quadro descritivo e aprofundado dos significados e das percepções que movem os sujeitos da pesquisa, permitindo o que se denomina de “generalizações naturalísticas”.

Sendo a pesquisa qualitativa a opção que nos apresentou como a melhor para dar conta dos problemas que movem esta pesquisa, a subjetividade do pesquisador e suas vivências são levadas em conta no processo de produção científica. A dança se faz presente na minha **via** já muito tempo, aos meus 17 anos troquei os tatâmis, pois fui judoca, pelas sapatilhas. Foi em uma das aulas voltadas para eficiência física para bailarinos que conheci meu primeiro professor de dança de salão. Dois anos depois troquei definitivamente as sapatilhas de balé pelos sapatos de dança de salão. Hoje faço aulas de dança de salão, sou bailarino e professor de vários gêneros desta dança.

Pratico dança de salão há sete anos. Isso me levou também a condição de professor, atividade que exerço há três anos. Iniciei minhas atividades em dança na cidade de Rondonópolis, ministrando aulas na UFMT por dois anos. Atualmente sou bailarino e professor em academias de Belo Horizonte. Também, venho pesquisando dança de salão desde minha graduação em História. Acredito que todos estes fatores me proporcionam uma maior inserção no campo de pesquisa, sempre com o cuidado de não perder o distanciamento entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Desse modo, posso afirmar que a minha própria relação entre pesquisador com o próprio tema da pesquisa, é alvo de uma reflexão permanente. Acredito que isso seja algo natural para qualquer

pesquisador, esteja ele envolvido com seu objeto de estudo ou não, pois o processo de pesquisa não investiga somente um processo de tensão, mas guarda em si uma tensão intrínseca. Nessa pesquisa não foi diferente. Em relação a isso Gomes e Amaral (2005, p.17) afirmam que:

A pesquisa, em suas várias possibilidades, coloca-se em um palco complexo, marcado por desafios entre o observado e o registro, entre as situações vividas pelo indivíduo e as vividas coletivamente, entre a narração do depoente e a interpretação do pesquisador, entre a objetividade e a subjetividade de quem faz a pesquisa.

Fazer essa pesquisa, entre outras coisas, me possibilitou um necessário estranhamento. Este que me possibilitou rever meu trabalho como professor, pesquisador e bailarino. Isso foi possível graças aos desafios da pesquisa que foram: olhar, investigar e transformar o olhar. Para tanto precisei fazer escolhas e decidir caminhos. Em relação à pesquisa sou muito grato ao meu orientador por essa ajuda, pois me indicou as possibilidades e caminhos a serem seguidos, bem como os problemas dos mesmos.

Foi com o intuito de assumir a contento o papel não só de pessoa que vivencia o lazer e a dança de salão, mas também de ser um pesquisador destes assuntos, que pude perceber que refletir sobre sua prática produz novos conhecimentos. Essa produção se potencializa na medida em que procura fazer uso de um arcabouço teórico e metodológico que dotam essa reflexão ao status de ciência. Pois o pesquisador é um profissional que reflete sobre sua prática e produz novos conhecimentos.

Todavia, não somente a subjetividade foi alvo de questionamento⁶, mas também as nossas fontes, uma vez que, como afirma Paul Thompson (1992, p. 18), “a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam orais, escritas ou visuais”. Discorrendo sobre o método qualitativo, Gomes e Amaral (2005, p.43) nos mostram que “essa linha de trabalho defende que a pesquisa não deve desprezar a intencionalidade, a consciência, a paixão e o desejo que move o sujeito. Portanto, a realidade não poderia estar separada da subjetividade, nem dos sujeitos pesquisados, nem do próprio pesquisador.”

Tudo isso gerou um saudável processo de tensão que se dá, em grande parte, na exigência de que os temas da pesquisa precisam ser abordados de forma rigorosa e sistemática,

⁶ Para o engendramento do material para as entrevistas e posterior análise, procuraremos fazer uso de uma leitura crítica dos depoimentos, que não podem ser vistos como portadores de verdades absolutas, mas como manifestações da memória e da sensibilidade dos anseios e visões de mundo de quem fala. Segundo Peter Burke (1992, p. 192) os depoimentos podem proporcionar “uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas”.

superando o senso comum e caminhando em direção à atitude científica. Nesse processo, buscamos a não construção de um conhecimento de modo imediato, pois a realidade vivida não é transparente à percepção humana. As ações humanas e os fenômenos em geral não se apresentam como dados acabados, mas sim como resultado de um processo de relações complexas e contraditórias. Pois, como nos apontam Gomes e Amaral (2005, p.22), “a marca distintiva da atitude científica é o questionamento sistemático, que valoriza principalmente os processos de elaboração argumentativa e de reconstrução metódica (consistente e coerente), sistemática, crítica e criativa do conhecimento.”

Assim, para a elaboração desse trabalho seguiu-se as indicações de Joffre Dumazedier (1976, p. 293), nas quais o autor propõe que os modelos descritivos de pesquisa tenham como princípio que “o fenômeno do lazer seja descrito como uma situação social e cultural e não como um comportamento isolado”.

Após uma primeira análise da dança de salão enquanto jogo, segundo as considerações de Joham Huizinga, em contraponto a outros trabalhos científicos sobre dança de salão, produziu-se um roteiro de entrevista, para assim, poder confrontar os aprofundamentos iniciais com as informações colhidas no contexto cultural das academias de dança de salão de Belo Horizonte. O roteiro produzido (ver Apêndice B) versa sobre a história de vida, a participação e a visão do entrevistado sobre os temas estudados.

Em um segundo momento, empreendeu-se a realização de entrevistas semi-estruturadas, elaboradas a partir de pesquisa bibliográfica, com os atores envolvidos com a dança de salão de Belo Horizonte. Essa pesquisa bibliográfica possibilitou um maior aprofundamento nas questões que nos propomos a resolver. Os entrevistados foram alunos, professores e os administradores/proprietários de academias de dança de salão.

Para Christian Laville *et al.* (1999, p.188), neste método, “os temas são particularizados e as questões (abertas) preparadas antecipadamente”. No entanto, ao contrário de uma entrevista estruturada, é plena a liberdade de o entrevistador/pesquisador quanto à retirada ocasional de algumas perguntas, à ordem em que essas perguntas estão alocadas e ao acréscimo de perguntas improvisadas. Assim, o método que mais se apresentou como pertinente foi a semi-entrevista, uma vez que, neste método:

O pesquisador estabelece um roteiro prévio, porém flexível. Embora sejam feitas perguntas específicas, o entrevistado possui um espaço para falar livremente, e o

pesquisador pode elaborar questões não previstas inicialmente, mas que podem ser importantes para a compreensão de seu problema de pesquisa. (GOMES e AMARAL 2005, p. 75)

A constituição dos entrevistados deu-se por uma seleção de pessoas que vivenciam o lazer dançante em academias. A amostra foi formada pelos seguintes sujeitos: (a) alunos da academia de dança, (b) profissionais que trabalham na academia, entre professores, administradores e monitores da academia. A escolha da amostra foi feita com base em algumas evidências: (a) os alunos, como vivenciadores das aulas, que podem fornecer ricas contribuições para o objetivo da pesquisa, visto que experienciam e re-significam as aulas, seja no seu sentido pedagógico ou como atividade de entretenimento. (b) Os profissionais, tanto os planejadores como os executores (ou ambos), podem indicar para a pesquisa sua concepção da dança de salão como aula e sua percepção das consequências e resultados de suas ações em relação aos alunos, as dificuldades e os meios das/nas suas atuações. Um fato que se mostrou presente durante a pesquisa é que, na maioria dos casos, os professores são também os administradores das academias, acumulando estas duas funções.

Tendo esses elementos produzidos, o problema e o método a serem utilizados, buscamos depoentes que atendessem aos pré-requisitos supracitados. Foram marcadas as entrevistas nas quais usou-se como estratégia uma conversa inicial, informal e com o gravador desligado, mostrando o roteiro das perguntas e fazendo uma breve descrição do que seria a entrevista. Essa estratégia possibilitou amenizar a tensão inicial e criar condições de confiança para o desenvolvimento de uma entrevista de qualidade satisfatória, pois tínhamos como objetivo que o depoimento concedido pelo entrevistado fosse um diálogo entre ele e o entrevistador, culminando na construção e interpretação de fatos e do contexto atual da dança de salão em nossa sociedade.

A pedido de alguns, formulei uma possibilidade de questionário (ver Apêndice C), a partir das entrevistas já feitas, onde os mesmos poderiam responder e me entregar. Foram feitos alguns pilotos e ao comparar a qualidade das entrevistas e os resultados do formulário, foi descoberto que poder-se-ia conseguir informações pertinentes em relação a pesquisava no segundo caso.

Muitos dos depoentes optaram por preencher o questionário e enviar ao invés de serem entrevistados pessoalmente. Estes somaram o número de 16 questionários respondidos e entregues. A pesquisa contemplou alunos de 7 escolas diferentes e também pessoas que não estão

regularmente matriculados em nenhuma escola mas que freqüentam aulas em congressos, oficinas com professores diversos, e/ou fazem aulas particulares com professores variados. Este é o caso comum de professores ou alunos que se preocupam em atingir um nível de dança mais avançado.

Foram 11 entrevistados pessoalmente com gravação e transcrição. As entrevistas contemplaram todos os seguimentos da pesquisa (professores e alunos com mais de 10 anos de prática e iniciantes). Teve-se o cuidado de garantir que as pessoas que tem uma vivência profunda em dança de salão fossem entrevistadas.

A pesquisa contemplou 27 depoentes, destes, 17 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, sendo 17 depoentes que são somente alunos de academias de dança de salão, e 11 professores. Alguns também são alunos. Em relação a isso, notamos que em muitos casos os professores também fazem aulas, e em grande parte também administram sua academia ou seu trabalho como profissionais autônomos. A idade dos depoentes (entrevistados e quem respondeu o formulário) variou entre 20 e 51 anos.

De posse das entrevistas, foi feita uma análise livre por tópicos abrangentes. Em seqüência, elaborou-se um quadro que continha os pontos principais da fala de cada entrevistado. Isso possibilitou o cruzamento dos pontos da análise livre com os do quadro e foram encontradas questões convergentes e divergentes para a elaboração do estudo. Tendo firmado compromisso com os entrevistados em relação ao sigilo de suas identidades, foram classificados estes atores como depoentes, e imputamos a letra “E” (depoente E1 a E11) para diferenciá-los dos que responderam o questionário, os quais são citados apenas com números. (Depoente 1 a 16)

Assim, durante toda a pesquisa procuramos empreender um processo de busca e análise de indícios, dentro do que Carlo Ginzburg (1989, p. 149) nomeou paradigma indiciário, “onde a proposta é de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”, pois os “nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós”. Trata-se de uma perspectiva de análise que privilegia o qualitativo e no qual se promove o tratamento dos dados por meio de um método “articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de método ou termos-chave”. (GINZBURG, 1989, p. 170).

Com o intuito de melhor apresentar as reflexões que se originaram da pesquisa, esta dissertação foi estruturada em dois capítulos, que versam diretamente sobre a dança de salão em

nossa sociedade. Nesta pesquisa, a tríade dança de salão/jogo/lazer foi algo pertinente a todos os momentos. Um ponto a ser levado em consideração é que, no primeiro capítulo, procura-se entender o que é a dança de salão e as observações em relação ao jogo se apresentaram como fundamentais neste processo. No segundo capítulo estabeleceu-se uma ligação entre o entendimento da dança de salão e do lazer. O tema lúdico que vem por intermédio do jogo, se torna também fundamental. Assim, apesar de falar de um mesmo autor, aspectos diferentes em cada capítulo foram usados. O jogo é diretamente abordado, sendo esse uma categoria para se entender a dança de salão no primeiro capítulo, e no segundo especificamente o lúdico, enquanto categoria para o entendimento do lazer. Ou seja, o conceito de jogo fica aqui como um elemento para se entender o lúdico.

Em suma: O primeiro capítulo se baseia na busca de um esclarecimento sobre o que seria a dança de salão. Isso é feito pela análise da dança de salão como uma atividade que se estabelece diretamente a dois, mediada por um contato direto entre os corpos que ocorre dentro de um determinado contexto que transcende a unidade do casal. Pois, a própria unidade do casal é socialmente constituída e as relações que se estabelecem encenam significados e sentido históricos e sociais. Esse capítulo se aprofunda em questões sobre a dança de salão como um jogo, ou seja, esta dança é cercada por uma atmosfera lúdica, e também é constituída por um conjunto de normas que precisam ser seguidas para que o jogo possa efetivamente acontecer. Mais do que isso, essas regras propiciam segurança às pessoas que freqüentam ambientes de dança de salão. Por fim analisamos o que leva uma pessoa a procurar uma academia ou mesmo um baile de dança de salão, pois, pode-se notar que, por trás do dançar por prazer, existem outras coisas a serem percebidas: aprendizado, sociabilidade, consumo. O trabalho dos gestores das academias são levados em consideração nesse processo.

No segundo capítulo pontuamos com mais profundidade alguns assuntos já citados no capítulo anterior, mas isso é feito como fonte de uma melhor discussão da relação entre lazer e dança de salão. O meio para tal empreendimento foi se apoiar em um referencial mais específico sobre a cultura, o lúdico e o lazer. A partir destes referenciais e em relação ao que descobrimos com a pesquisa de campo, se estabelece um conceito de dança de salão.

2 RELAÇÕES ENTRE A DANÇA DE SALÃO, O SALÃO DE DANÇA E A ACADEMIA.

Segundo uma velha crença chinesa, a música e a dança têm a finalidade de manter o mundo em seu devido curso e obrigar a natureza a proteger o homem. (HUIZINGA, 2000, p. 14)

O que se busca nesta pesquisa é um esclarecimento de o que seria a dança de salão e suas implicações em nossa sociedade. Entende-se aqui a dança de salão como experiência lúdica. Ela diz respeito a uma prática enquanto experiência do brincar com o próprio corpo em relação a outro ser, a música e ao espaço do salão (em danças européias, deslocar-se no sentido anti-horário do salão, em outras, permanecer no lugar). Este contato tem por fim também um deslocamento, evitando que o casal trombe com os outros que também estão dançando. Entretanto, todo este conjunto se bem executado, cria uma estética agradável aos observadores do salão.

Restringiu-se aqui à análise da dança de salão no contexto em que a estudamos, ou seja, como atividade de lazer em academias de dança de salão brasileiras, especificamente em Belo Horizonte. Em algumas pesquisas que tem como objeto de estudo direto a dança de salão, encontra-se indicação de que ela seja um jogo (isso também vai estar exposto nas falas dos depoentes com veremos adiante), isso é dito de forma direta por Catia Mary Volp:

Como toda atividade corporal, pode-se dizer que a dança de salão é também uma linguagem, com símbolos, códigos e regras peculiares. Dominar e utilizar essa linguagem equivale a "jogar" com seus elementos estabelecendo uma comunicação. Esse domínio engrandece a auto-estima que, em contrapartida, melhora a qualidade de vida. (VOLP, 2004, p. 47)

Esta autora entende a dança de salão como “Um jogo de relações sociais, um jogo de movimento e ritmo.” (VOLP, 2004, p. 174) Ela é um jogo de encenação, onde a comunicação se estabelece pelo contato corporal entre o casal:

O toque, nesse jogo dançante, estabelece a comunicação mais íntima entre os pares. Claro, aqueles que não querem se envolver, não tocam e não percebem o toque como canal de emissão de mensagens. São capazes até de dançar sem se tocar. Para os que querem perceber mais, o toque lhes fala. (VOLP, 2004 p. 173)

Quanto melhor se joga a dança de salão, mais se estabelece um maior nível de

comunicação com o par, o outro jogador. E o contato é um elemento fundamental para que exista um melhor jogo.

Para usar, usufruir, aplicar um conjunto de símbolos é preciso ordená-los no pensamento de forma análoga à ordem de sua estrutura, para percorrer o mesmo caminho, e entendê-lo. Essa atividade é semelhante a um jogo, um jogo mental, que procura decifrar ordens internas e suas relações com as ordens (ou desordens) externas. Até mesmo o conversar com alguém pode ter a característica de jogo, o jogo das relações. (VOLP, 2004, p. 218)

Foi perguntado aos depoentes o que é dançar bem dança de salão. Uma pequena parcela, afirmou somente que o ato de dançar bem estaria ligado a questões como se divertir e se sentir bem. Porém, a grande maioria, ao falar o que é dançar bem, citou questões técnicas como seguir a música e fazer uma dança bonita. Mas pôde-se notar também que todas as afirmativas estiveram ligadas ao que sintetizou a depoente 03 ao afirmar que dançar bem dança de salão “É ter um bom diálogo de corpo entre os parceiros dentro de determinada linguagem, como o samba, forró, rock, etc...”

Os que colocaram a diversão em primeiro lugar ainda não deixaram de mencionar que o dançar com o outro é que gera essa diversão. Segundo a depoente E3 “Dançar bem... eu acho que é sentir prazer em dançar, não só fazer os passos com perfeição, mas tentar fazer da melhor forma, respeitando seus limites, os limites do seu corpo, principalmente, porque nem todo mundo tem as mesmas habilidades.”

Assim entende-se que técnica e prazer se encontram aliados, uma vez que a técnica da dança de salão se embasa justamente no estudo de se relacionar bem com o par durante a dança por meio de uma linguagem dada por um gênero pré-estabelecido da maneira de dançar. Esse gênero estabelece códigos os quais o casal usa para dialogar, e isso, entende-se mais do que como girar muitas piruetas ou dar grandes saltos. O dançar para si, se divertindo, e não para as outras pessoas é o que é realmente propiciado pela técnica da dança de salão. Isso ficou evidente em falas como a da depoente E4 que afirma “uma pessoa pra mim que dança a dança de salão bem, é uma pessoa que tem muita técnica, e que alia isso ao prazer de dançar.”

É nesse entendimento que encontramos as afirmações da depoente E1:

Dançar bem dança de salão é, em primeiro lugar, se divertir dançando. Eu defendo muito isso. Eu acho que cada vez as pessoas procuram mais técnica, técnica, técnica, e esquecem de se divertir. Obviamente que, quando você olha uma pessoa dançando, você vai avaliar isso, você vai ver se a pessoa estica direitinho, se ela dobra o joelho no

momento certo, se ela puxa a ponta... mas o que encanta, pelo menos ao meu gosto, é ver quando tá um casal se divertindo, gostando, seja numa apresentação, seja no salão, e o casal pode não ter técnica, mas o que mais me encanta é isso, é o casal se divertindo, por mais torto que seja, por mais errado teoricamente.

Assim, dançar bem dança de salão é algo que engloba várias competências. Isso ficou bem sintetizado na fala do depoente E11 quando afirmou que:

É dançar bem, não só executar passos, mas movimentar o seu corpo com a qualidade de movimento que aquela dança pede e não só executar os passos de samba de tango ou de salsa movimentar se com um jeito salsa de ser com um jeito tango de ser etc, etc. É estar muito atento ao seu parceiro sua parceira, estar atento a música estar atento em diversos aspectos, acho. A dança trabalha muito isso: a capacidade da gente estar atento a muitas coisas ao mesmo tempo: o espaço, a parceira, a dança.

Portanto, para se dançar, deve-se ter certo domínio do gênero de dança de salão correspondente à música que se está tocando para que se consiga fazer os passos com um movimento corporal correspondente à música. É estar atento ao seu par e também aos outros pares. Logo, dançar bem requer uma série de habilidades e competências que uma boa aula de dança de salão proporciona para o aluno. Então “dançar bem essencialmente é isso: desenvolver essa capacidade de você estar atento a várias coisas ao mesmo tempo e de você estar sempre muito ligado ao seu parceiro muito ligado à música isso é fundamental para se dançar bem.” (Depoente E11)

Levando em consideração estas afirmações pode-se então entender a dança de salão como um jogo. Jogo este permeado pela relação entre o par, que está envolta em um contexto social mais amplo. Esse contexto reflete então a sociedade em que a prática da dança de salão está inserida. É sobre essa relação entre jogo de dança de salão que iremos tratar agora.

2.1 O jogo e a dança de salão: primeiras aproximações

Segundo Johan Huizinga o jogo seria um fenômeno cultural e não biológico, passivo de ser estudado em uma perspectiva histórica. “O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana.” (HUIZINDA, 2000 p. 05) Outro ponto fundamental para entendermos o jogo seria o fato de que o jogo tem uma finalidade nele mesmo. Segundo Huizinga um dos aspectos mais importantes do

jogo, seria o fato de ele ser mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ele então:

Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função *significante*, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa "em jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamando "instinto" ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamar-lhe "espírito" ou "vontade" seria dizer demasiado. Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência. (HUIZINGA, 2000, p. 05)

Isso parece se aproximar da dança de salão, esta que não se apresenta como algo indispensável para a sobrevivência física das pessoas, mas sim como uma atividade que se estabelece diretamente a dois, mediada por um contato direto entre os corpos. Colocando as subjetividades das pessoas em contato, uma vez que estas têm que mais do que se aproximar, tem que se tocar. Mas, isso ocorre dentro de um determinado contexto que transcende a unidade do casal. Ela se relaciona com o salão e as pessoas que estão dançando e também observando. A própria unidade do casal é socialmente constituída. As relações que se estabelecem no casal encenam significados e sentido históricos e sociais.

Além do mais, ao se verificar os processos históricos das “danças dos salões”, observa-se em sua primeira fase, o surgimento de uma dança coreografada pelos mestres de bailes (as pessoas dançavam a música que tinha uma coreografia específica). Hoje, não se tem mais uma coreografia feita em grupo, mas um padrão de movimentação que é livremente usado por cada casal dentro do salão. Assim, a dança de salão atende a uma das “características fundamentais do jogo: o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade.” (HUIZINGA, 2000, p. 10).

Segundo o mesmo autor outra “característica, intimamente ligada à primeira, é que o jogo não é vida ‘corrente’ nem vida ‘real’”. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida "real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria.” (HUIZINGA, 2000, p. 10).

Ao perguntarmos aos depoentes o que é mais importante quando estão dançando, questões como a busca do prazer foram ressaltadas. Porém, o mais comum foi o ideal de se conectar com o par. Ou seja, dançar com a técnica correta leva a se conectar e com isso ter prazer. A depoente E1 afirmou que: “Quando eu danço em bailes, em práticas, o mais importante pra mim é, sem dúvida, eu me divertir, eu me isolar do mundo ali, eu to no meu mundinho, me

divertindo com o meu parceiro”. Ao ser indagada se a aula proporcionava isso e a ela, a mesma afirmou:

Sim, sem sombra de dúvidas, justamente aquilo que eu falei antes, assim, do que eu procuro nas aulas. Eu procuro essa versatilidade, porque quanto mais técnica eu teoricamente eu souber e tudo mais, com mais homens eu vou conseguir dançar bem, eu vou conseguir acompanhar melhor os movimentos. Vou conseguir me conectar melhor. E, assim, essa técnica vai ficando cada vez mais automática, não vou mais ter que precisar pensar.

Notadamente, a preocupação das damas em seguir a condução do cavalheiro e dos cavalheiros de conduzir, foi recorrente nas afirmações dos depoentes. Ao indagar se estes conseguem isso fazendo aulas, as afirmações positivas reforçaram a idéia de que, dançar bem é conseguir seguir os preceitos do fenômeno chamado condução na dança de salão.

A depoente 09 relata que, para ela, quando dança, o mais importante é “deixar-me ser conduzida, além de tentar dançar. Não só executar os passos da dança, mas executá-los com técnica e ritmo de forma harmônica, com charme e beleza, tentando sentir a música. Ainda tenho muita estrada até chegar ao meu objetivo, estou no início do processo.”

Já os homens têm além da preocupação de conseguir conduzir, se conectar com a dama. E ainda tem outras preocupações, como não esbarrar nos outros. Uma das falas chamou atenção, a de um professor e bailarino de dança de salão que afirmou que “quando eu danço, eu busco é profissão, é profissional, é triste falar isso, mas é a minha realidade. Quando eu vou pra dançar, eu vou na busca, por exemplo, de aluno. De performance e na busca de alunos. De fazer meu nome. Como consequência disso vem o prazer.” (depoente E10)

Assim ele entende que mesmo tendo a dança como profissão não deixa de ter prazer com ela. Porém, esse prazer vem como apêndice de seus interesses profissionais. Ou seja, a busca pelo prazer em sua vida não vem pela dança, e sim esta pode lhe proporcionar prazer embora não busque isso, e sim uma profissão. O depoente E11, também professor de dança de salão, relatou que ao dançar em baile:

Eu me preocupo em não me preocupar. O que é difícil, assim, porque como, a gente que é professor, é difícil às vezes você chegam num baile, e não ter, você não se sentir trabalhando, você tem parte do seu trabalho. Então, é muito difícil, às vezes, aqui em BH principalmente, eu ir a um baile, e conseguir realmente dançar, me divertir, não me sentir de certa forma envolvido com o trabalho. E mesmo fora daqui, porque, muitas vezes você está envolvido com o meio da dança de salão, com profissionais de dança de salão. Então, querendo ou não, as pessoas estão observando, estão te avaliando.

Assim, se “as pessoas comuns” entram no salão e sentem-se avaliadas, os professores tem nisso um peso maior ainda, e esse “dançar sem preocupação” vem de forma mais difícil, mesmo dançando muito bem. Se os iniciantes estão preocupados em “dançar bem”, os professores estão preocupados em “dançar muito bem.” Em continuidade, o depoente E11 informa que a busca de passar por cima dessa preocupação para conseguir se divertir é estar dançando para si sem levar em consideração olhar dos outros. Exemplificando com um estado que os músicos de jazz chamam de estar “in the groove”, quando os músicos entram transe ao improvisar e ao fim não lembram o que fizeram exatamente. Ele afirma que:

Então, eu acho que a gente, quando a gente consegue chegar nesse estado, que é um estado que eu não vou dizer que é entrar em transe, mas é um estado que você realmente relaxa, e que você faz coisas, faz movimentos sem pensar, sem programar, sem preocupar com técnica, detalhes técnicos, aí sim é o ideal. É quando se dança melhor, porque essencialmente quando a gente tá dançando dança de salão, a gente está improvisando, obviamente, num baile, então, eu busco isso, eu busco chegar nesses estados de maior relaxamento, e que daí você consegue tirar o maior prazer da dança, sem preocupações.

Em continuidade, nos informa que este estado acima descrito, que é alcançado por não se preocupar com a “técnica”, acontece justamente por se ter a técnica internalizada de tal forma que não se tenha que pensar nela. Dançar com alguém que tenha desenvolvido essa competência é fundamental para se alcançar esse estado que ele descreveu acima, pois:

Obviamente, dependendo da parceira com quem você está dançando, você tem que ter uma preocupação de conduzir muito detalhadamente, se a parceira, tecnicamente não é muito boa, então, depende muito destes fatores, depende do espaço que você tem no salão, mas depende essencialmente do seu estado de espírito.

E esse ponto abriu uma questão, se dançar bem é ser tomado pela dança e se desligar do mundo, então porque é tão recorrente na fala de nossos depoentes o ser visto ao estar se expondo em um salão de dança? Para Mariana Massena⁷ (2006, p. 56) “A dança de salão tem

⁷ Em sua pesquisa Massena faz uma descrição densa da academia de dança de salão Jaime Arôxa, que é uma das maiores do Brasil. A sede tem 8 salas em dois prédios, possui sistema de franquias pelo Brasil todo. De seis em seis meses Arôxa oferece um “curso de formação de professores” freqüentado por pessoas de todo o Brasil bem como ele viaja o Brasil ministrando cursos de dança de salão. Todos os bons professores de dança de salão direta ou indiretamente seguem as idéias desse professor. Assim, a academia dele é icônica em relação ao modo de organizar uma academia e também as maneiras de ensino e idéias sobre a dança de salão. Ela possui franquias em vários lugares do Brasil. Logo, o estudo dessa academia em específico se torna importante para pensarmos o nosso

como um dos fundamentos a teatralidade.” Falando do jogo Huizinga nos apresenta um elemento que se torna fundamental para entendermos a dança de salão.

Todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador. Nunca há um contraste bem nítido entre ele e a seriedade, sendo a inferioridade do jogo sempre reduzida pela superioridade de sua seriedade. Ele se torna seriedade e a seriedade, jogo. É possível ao jogo alcançar extremos de beleza e de perfeição que ultrapassam em muito a seriedade. (HUIZINGA, 2000, p. 10)

É essa possibilidade de “alcançar extremos de beleza e de perfeição que ultrapassam em muito a seriedade”, que vai gerar na dança de salão uma possibilidade de exibição muito grande. O salão é volteado por mesas e cadeiras, em suma pelas pessoas que hora são espectadoras, horas entram na pista e são objetos de observação durante a dança⁸. É justamente este esmero estético que é gerado pelo bom jogo na dança de salão que cria um elemento espetacular. Assim, o olhar do terceiro passa a ser um ponto que dialoga com os dançarinos que estão em casal no salão. É justamente este contexto que faz com que os dançarinos de salão se encerrem um sentido e mundo próprios, com uma orientação própria que, apesar de estar envolta no contexto social em que se dança, é capaz de criar um ambiente próprio. Em relação à estética Huizinga nos traz as seguintes considerações:

Se, portanto, não for possível ao jogo referir-se diretamente às categorias do bem ou da verdade, não poderia ele talvez ser incluído no domínio da estética? Cabe aqui uma dúvida porque, embora a beleza não seja atributo inseparável do jogo enquanto tal, este tem tendência a assumir acentuados elementos de beleza. A vivacidade e a graça estão originalmente ligadas às formas mais primitivas do jogo. É neste que a beleza do corpo humano em movimento atinge seu apogeu. Em suas formas mais complexas o jogo está saturado de ritmo e de harmonia, que são os mais nobres dons de percepção estética de que o homem dispõe. São muitos, e bem íntimos, os laços que unem o jogo e a beleza. (HUIZINGA, 2006, p. 09)

Fica patente então que o salão de baile se apresenta também como um palco, onde pode-se assistir e exhibir-se. Isso é fruto da beleza resultante da atividade da dança em si. O depoente E11, relata que:

trabalho.

⁸ E Volp (2004, p. 48) por sua vez afirma que: “A dança de salão favorece também o que Csikszentmihalyi (1992) chama de mimetismo. Ou seja, ela desloca a ação dos participantes ativos (dançarinos) e passivos (espectadores) para uma fictícia realidade, onde eles assumem papéis que podem satisfazê-los plenamente, inclusive, preparando-os para funções específicas na sociedade. Através da fantasia e simulação a ordem social pode ser captada e praticada.”

Eu acho isso muito fascinante, assim, esse espaço cênico, que é um baile, em que o público, o tempo inteiro, está se revezando com o performer, o tempo inteiro, há esse revezamento, o tempo inteiro tem um público que tá ali ao mesmo tempo participando daquele performance, mas tem o momento que ele tá atuando ali como público, ele está observando, e tem o momento em que ele está atuando como performer, ele vai pra pista de dança pra ter uma atuação. Isso eu acho muito fascinante, eu acho que é maravilhoso isso, esse ambiente, essas relações assim no baile.

Tendo como referência o trabalho de Sabino (2000, p. 30), o qual chama atenção para o que denomina “exercício do olhar”, tem-se que: “olhar o outro, olhar se o outro está olhando, olhar-se nos espelhos de soslaio ou fazendo pose, olhar o espelho para ver o outro ou ver se o outro está olhando”. Massena (2006, p. 115) produz uma análise de como isso acontece na academia de dança de salão, afirmando que:

Na academia de dança de salão esse exercício do olhar se faz presente a todo instante. Todos se observam o tempo todo, procurando reproduzir os passos ensinados pelos professores, avaliando seu próprio rendimento, ou analisando como os outros estão dançando.

Em continuidade, afirma ainda que “é comum nas academias portas ou grandes janelas de vidro, que permitem a exposição de quem está dançando para quem está fora de sala.” (MASSENA, 2006, p. 115) Estes locais são utilizados para os que estão fora da sala observarem quem está na aula, sejam alunos ou pessoas que estão indecisos em relação a se matricular ou não. A autora afirma ainda que a observação é incentivada, pois:

A disposição do espaço da sala de aula como espaço de exposição serve também como “amostra grátis” do que as academias de dança têm a oferecer. Atrai a atenção de possíveis alunos, assim como incentiva alunos iniciantes a permanecerem e se dedicarem cada vez mais, com o objetivo de dançar tão bem quanto aqueles a quem observam. (MASSENA, 2006 p. 116)

Neste processo, a pessoa que vai ser o par também é levada em consideração. Deseja-se ter e ser um bom par pois, como podemos ver, uma boa dança se apresenta pela junção das duas partes, o homem e a mulher. Assim para que o jogo aconteça de forma harmônica, é necessário que os dois jogadores encarnem seus papéis bem definidos e tenham um bom domínio dos códigos, da técnica da dança de salão. Isso criará uma boa representação, que pode absorver os jogadores, logo esse jogo não se encerra no casal.⁹ A satisfação de saber que está dançando em

⁹ Como nos fala Massena (2006, p. 57), o olhar do outro é algo esperado na dança e consciente: “Outro indício da

sintonia com o par e de uma forma aceitável do grupo do qual se insere, faz com que o casal seja absorvido pelo jogo. Isso por sua vez cria um jogo melhor e, portanto, esteticamente mais bonito.

Perguntou-se aos depoentes se quando dançam, pensam nas pessoas que estão olhando. A maioria entende abertamente que o salão é um local de exposição, ou seja, elas vêm e são vistas. Portanto, a dança é um ponto a ser notado. O olhar o outro dançar faz inclusive parte da aprendizagem da dança de salão. Isso aparece com clareza na fala do depoente E6, que após afirmar que entende que as pessoas o observam e que inclusive comentam com ele sobre sua dança, afirmou que “eu gosto de dança de salão pra ficar vendo, às vezes, eu paro e fico vendo, acho legal, fico contemplando, acho bem legal. E você descobre também outras coisas assistindo. Você vai reconhecendo padrões, e vai vendo o quê que cê tá fazendo, o que pode ser melhor.”

Assim, entende-se que o aprender a dançar e o dançar bem levam em conta que isso vai ocorrer em público em um salão de dança, e o dançar bem ou não, é algo admirado pelas pessoas que estão no salão, que é o local não somente para dançar, mas também para assistir a dança dos outros. Em relação às pessoas que assistem sua performance no salão, o depoente E5 se mostrou “muito, preocupado com elas”.

Nesse sentido, o prazer e satisfação de dançar bem incluem o ser observado e reconhecido pelas outras pessoas que vão ao baile de dança de salão:

Todo mundo tem essa necessidade de ser reconhecido, a dança de salão é uma forma dessas, por mais que você esteja lá no baile em que ta todo mundo dançando, você sabe que se você dançar bem, talvez se você dançar melhor no salão, vai ter uma platéia te olhando, na hora que a música acabar com certeza ninguém vai bater palma mas, você sabe que aquele pessoal te reconheceu, depois vem um tapinha nas costas, depois tem uma dama que vai ter preferência de dançar com você, então isso tudo ta dentro daquele pacote da satisfação pessoal, você ser reconhecido dentro de um grupo. (depoente E5)

Em relação a isso a depoente 09 nos informa ainda que:

Nem sempre, nunca foi algo muito presente, mas sim. Antes com uma preocupação de estar fazendo feio, com vergonha de não saber, da exposição negativa. Hoje, quero me sentir fazendo bonito, sendo charmosa, sendo capaz de dançar, uma exposição favorável, mais para mim do que para os outros. Não tenho mais vergonha de não saber e continuo sem me preocupar muito com os olhares de fora.

consciência da observação do outro é o reflexo desse olhar na apresentação pessoal dos dançarinos. O olhar do outro e a consciência desse olhar, definem o aspecto espetacular da dança de salão, que apresenta como traço distintivo a dramatização. Em função dessa teatralidade, todos os envolvidos na dança, assim como suas ações e indumentárias, ganham um sentido social próprio. Ações que na rotina diária são consideradas banais podem adquirir novos significados.”

Assim, dançar a dança de salão em um baile é um exercício voluntário ou/e involuntário de exposição, pois, por mais que a platéia seja algo a ser ignorado e que dançar para se mostrar seja ruim, quem dança vai se sentir observado, e isso pode ser entendido como um ponto que leva as pessoas a fazerem aulas de dança de salão.

Interessante notar que o saber dessa exposição é algo que deve levar as pessoas a não dançarem para os outros. O ponto fundante da dança de salão é o de dançar com o par e obter prazer com isso, e a partir disso ter uma dança agradável de ser observada, pois, “o que é bonito de você ver a pessoa dançando no baile, é exatamente quando você vê que ela está ali dançando pra ela, pro parceiro dela, e não para os outros. Aí, fica bonito. Porque fica natural, fica gostoso. Quanto tá gostoso pra pessoa, fica gostoso pra você assistir.” (depoente E11) Portanto o natural é se dançar para o par, para se satisfazer com isso, e não obter satisfação ao se exhibir para o público. O depoente E9 conta que “apesar das pessoas ainda ficarem olhando eu não faço disso um show não, antigamente eu fazia, mas, hoje eu já sou mais reservado, eu gosto de dançar por prazer e não para me exhibir.”

Essa exibição na dança de salão é mal vista pelas pessoas que vivenciam esse mundo há mais tempo, ou seja, se o dançarino de salão “começa a se preocupar demais com público e outros ele acaba se perdendo e até demonstrando uma certa arrogância. As pessoas vão dizer que cara metido, chato vão rotular ele por causa disso.” (Depoente E8)

Assim o dançar bem inclui abster-se da platéia, buscando, uma dança harmônica onde se valorize o contato com o par e não a produção de uma dança exibicionista marcada por movimentos para uma platéia.

O depoente E11 analisa ser essa a essência da dança de salão, ou seja, se exhibir para o público disfarçadamente (dançar levando em contar um público) que na verdade não quer perceber que você entende que ele existe. Quando dança em palco, afirma que tentar enganar o público uma vez que está dançando uma dança que não pode por essência ser exibicionista, deve-se levar conta o público o tempo todo, uma vez que está em um palco.

Como fala Massena, o olhar do outro é algo esperado na dança e consciente.

Assim como quem observa é influenciado pelo que vê, interpretando e reagindo de alguma forma à dança que observa, quem é observado também reage a esse olhar. Pode-se considerar que essa interação é uma das características mais importantes da dança de salão, dança que se baseia em um princípio de exibição. Dançarinos sabem que dançam

para ser vistos, assim como quem os observa sabe que está se submetendo a um tipo de exibição - que pode suscitar algum tipo de reação. (MASSENA, 2006, p. 57)

Salienta-se aqui que, acredita-se que os jogadores são totalmente tomados pelo jogo. Esse terceiro elemento, o observador, é levado em conta a medida que a relação a dois cria uma estética agradável, mas é provável que durante a dança este elemento seja de certa forma esquecido pelo casal. Assim, acredita-se que todos estes elementos da dança de salão que apontam-se em linhas gerais até agora, trazem uma profunda ligação com as questões ligadas ao jogo que são descritas por Huizinga:

No que diz respeito às características formais do jogo, todos os observadores dão grande ênfase ao fato de ser ele *desinteressado*. Visto que não pertence à vida "comum", ele se situa fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos e, pelo contrário, interrompe este mecanismo. Ele se insinua como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização. É pelo menos assim que, em primeira instância, o ele se nos apresenta: como um *intervalo* em nossa vida quotidiana. Todavia, em sua qualidade de distensão regularmente verificada, ele se torna um acompanhamento, um complemento e, em última análise, uma parte integrante da vida em geral. Ornamenta a vida, ampliando-a, e nessa medida toma-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, à sua significação, a seu valor expressivo, a suas associações espirituais e sociais, em resumo, como função cultural. Dá satisfação a todo o tipo de ideais comunitários. Nesta medida, situa-se numa esfera superior aos processos estritamente biológicos de alimentação, reprodução e autoconservação. Esta afirmação está em aparente contradição com o fato de que os jogos ligados à atividade sexual se verificam justamente na época do cio. Mas seria assim tão absurdo atribuir ao canto, à dança e o "paradear" das aves um lugar exterior ao domínio puramente fisiológico, tal como no caso do jogo humano? Seja como for, este último pertence sempre, em todas as suas formas mais elevadas, ao domínio do ritual e do culto, ao domínio do sagrado. (HUIZINGA, 2000 p. 10 –11)

A dança de salão está ligada e dialoga com a sociedade em que é praticada, e faz isso dentro de um intervalo da vida quotidiana, porém, não deixa de ser uma parte integrante da vida em geral. Tanto para as aulas quanto para os bailes, é requerido um lugar específico. A própria origem do nome "dança de salão" se refere a uma dança que é impreterivelmente praticada em um "salão", tomando a valsa, como exemplo, que significa girar, esta era praticada em um grande salão redondo, onde os casais poderiam girar então.

Outro fato é que a dança de salão encena um lugar e dinâmica próprios. Na dança ocorre certo nível de intimidade entre um casal e se espera um ambiente de sedução onde o público é levado em consideração. Porém, isso é subscrito em um tempo e local. Ao fim da música e da dança, este universo é quebrado, e as pessoas deixam de ser jogadores. Logo, não

ocorre um contato afetivo/sexual após a dança, a não ser que estes já o sejam ou tenham um prévio interesse nisso. Falando sobre dança de salão e sexo, Maristela Zamonier (2007, p. 17) relata que:

Por ocasião do meu primeiro contato com a dança de salão, percebi que esta atividade exercia uma influência avassaladora sobre o comportamento sexual das pessoas de qualquer faixa etária. Inicialmente, imaginei que isso se devia ao fato de que a dança de salão é dependente da relação de masculinidade e feminidade. Esta relação se dá por uma constante comunicação realizada pelos movimentos dos corpos, o que parece ter muito a ver com sexo. Só que não era possível, naquele momento, perceber como. Este sexo, “explícito” na dança de salão, se manifesta de maneira velada.

Ao perguntar-se sobre a relação entre sexo e dança de salão, um pequeno percentual dos depoentes afirmou que “apesar de na dança haver uma aproximação dos corpos, um envolvimento físico e emocional, não acho que tenha relação com o sexo.” (Depoente 01) Em contraponto a isso tivemos em maior número respostas, sobre a existência de uma relação direta entre sexo e dança de salão. Mas essa relação acontece pelo fato de que a dança de salão “é quase que um teatro, é uma representação do ato sexual também. Vários movimentos eu acho que simulam o movimento que tem haver com o ato sexual.” (depoente E6). Assim, essa relação entre sexo e dança de salão acontece não por esta impreterivelmente levar ao sexo, pois com nos esclarece a depoente E2:

Hoje, as pessoas que estão na dança de salão, sejam as que se profissionalizam, sejam as que estão inseridas dentro de uma escola há bastante tempo, elas não vêm a dança de salão como uma possibilidade sexual. [...] Eu, como uma profissional da dança, eu não vejo isso ligado na minha vida, e outras pessoas que eu convivo. Eu vejo com as pessoas que não tem conhecimento técnico e que não são da dança de salão.

Assim, a dança de salão se liga ao sexo não por remeter ao ato sexual. Mas, se dá pela existência de uma sensualidade, uma vez que a dança de salão impreterivelmente une os corpos de duas pessoas em um movimento contínuo e prazeroso para ambos. Segundo a depoente E4 “a dança de salão envolve sempre dois corpos, da mesma forma que envolve o sexo, e é um pouco da perda, é um ganho de libido, na verdade, que você tem na dança de salão. É uma coisa muito prazerosa e, muitas vezes, é orgásmica. Dança de salão é como sexo.” Mas o fato da dança de salão ser como sexo não é vista pelas pessoas de seu meio como tendo uma relação que ultrapasse isso. Segundo o depoente 15, “assim como dois atores se beijando não têm nada entre si, um casal dançando também não precisa ter. A dança não é erótica. E, em geral, aqueles que buscam a

dança para ‘se dar bem’ nunca conseguem nada com isso.”

Em contraponto, a depoente 10 afirma que dança de salão e sexo “tem tudo a ver. Não que eu ache que as pessoas ficam pensando nisso no momento em que estão dançando, mas eu vejo a dança como um jogo de sedução e conquista.”

Porém, outro ponto que diz respeito a esse assunto é a sociabilidade. “A dança é sensual e isso provoca a vontade sexual de ambos.” (depoente 07) Essa vontade está envolta em padrões de conduta que devem ser seguidos. É essa sociabilidade (que tem como elemento fundamental fazer com que as pessoas procurem viver melhor em grupo) que leva a um controle de suas vontades naturais. Porém, a sociabilidade promove mais encontros íntimos, entre pessoas diferentes nos bailes e nas academias de dança de salão. Em relação a isso o depoente E8 analisa que:

Pela questão de envolver os dois sexos por propor o contato entre os dois, facilita a questão de oportunidade, como eu falei o homem que dança tem mais contato com mulheres do que o que não dança. [...] e também a mulher que dança ela vai conhecer mais homens vai ter mais oportunidades do que a mulher que não dança. [...] a dança ela proporciona a sociabilização do ser humano em si e dá mais oportunidade também para ele se relacionar também sexualmente.

Assim, “a Dança de Salão facilita os encontros e a aproximação dos corpos. Conseqüentemente, facilita o sexo de fato. Não que isso ocorra sempre! Simbolicamente, existem diversos movimentos de encaixe que, de certa maneira, podemos associar ao sexo.” (depoente 03) Essa facilidade ao sexo não acontece pelo ato de se dançar em si, mas pelo fato do universo da dança propiciar o contato com pessoas diversas, uma vez que ela é um elemento de sociabilização que amplia seu ciclo de amizades e, conseqüentemente, amplia sua possibilidade conseguir um parceiro sexual. Segundo Zamoner (2007, p. 70) “Empiricamente, nota-se que muitas pessoas percebem a atividade de dança de salão como favorável ao encontro de pessoas, visando relacionamentos afetivos e favorecedora da multiplicidade de parceiros afetivos.” Isso torna-se patente a medida em que nota-se que o ambiente da dança de salão vem de bailes. Em relação a isso o depoente E11 analisa que:

Eu acho que é um ambiente muito propício a isso. Eu acho que é o fato de você estar ali em contato corporal com uma pessoa de outro sexo, envolvido por uma música, que na maioria das vezes, traz uma carga muito grande de sensualidade. Os movimentos, ao mesmo tempo, da mesma forma e traz uma carga muito grande de sensualidade, torna-se muito propício pra que isso aconteça. Pra que haja um interesse, pra desperte libido e

etc.

Em relação a isso, observa-se que mesmo dentro do universo dança de salão, tem-se a percepção de que, quem não comunga deste mundo, tem uma impressão equivocada da relação sexo e dança de salão. Isso vai criar uma série de preconceitos ligados à masculinidade dos homens e também da promiscuidade das pessoas envolvidas com a dança de salão. Uma vez que essa dança propicia um contato corporal direto entre as pessoas. Em relação a isso o depoente E11 relata que:

As pessoas que estão menos acostumadas com isso, é muito fácil de confundir as coisas. Eu me lembro muito bem quando eu comecei a aprender a dançar, que eu ficava meio confuso, pegava umas mulheres pra dançar, e eu ficava naquela duvida: “será que ela tá dançando assim porque é assim que se dança? Ou será que ela tá dançando assim porque tá interessada em mim”?

Ele relata ainda:

E a gente sentou na mesa e eu estava falando, uma pessoa estava comentando comigo que uma amiga dela não fazia aula de dança de salão porque o marido não deixava, o marido não gostava que ela fizesse aula de dança de salão. E poxa, que absurdo e tal, que bobagem, e eu disse realmente, é uma bobagem. Mas, por outro lado, eu me colocando no lugar dele, se eu não fosse uma pessoa ligada à dança de salão, eu compreenderia totalmente, porque eu também vou ter ciúmes. É uma situação que é muito fácil de se confundir as coisas. Agora, como eu to envolvido nesse meio, eu sei que não é bem assim, eu sei dos cuidados que devem se tomar, digamos assim.

Por fim, ele aponta que essa é uma questão que envolve o trabalho com dança de salão de maneira em geral, pois, “os profissionais que trabalham com a dança de salão, tem que estar muito atentos pra saber lidar com isso muito bem. É uma questão totalmente ligada à ética, então tem que saber lidar com isso muito bem.” Falando sobre o trabalho do professor de dança de salão, Zamoner (2007, p. 92) afirma que “é fundamental que o professor se aproprie do conhecimento sobre sexualidade e educação sexual, pois sua tarefa é mediar uma atividade que influencia o comportamento sexual do aluno.” Segundo a autora, uma vez que “a dança de salão é produto do sexo e o tem em sua essência. [...] Esta relação precisa ser reconhecida e entendida, para que possa ser controlada. A importância deste controle reside, principalmente, na prevenção de riscos de sua ignorância.” (ZAMONER, 2007, p. 151 - 152). Pois, como bem afirma a mesma, existe no universo da dança de salão uma relação velada, como o sexo “como se todos soubessem

que existia, mas agissem com se fosse outra coisa.” (ZAMONER, 2007, p. 18)

Apesar de entenderem uma relação sexual na dança de salão, os pares conseguem interagir sem necessariamente serem diretamente influenciados (no sentido de isso não levar ao ato sexual em si), por fatores como a aproximação de outro corpo em um estreito contato, como em uma relação sexual. Segundo (ZAMONER, 2007, p. 49)

Podemos perceber que o comportamento sexual faz parte da sociedade porque teve eficiente papel na manutenção da espécie. [...] em consequência de cérebros elaborados, criamos a cultural, que já tem sua história. [...] atualmente, o sexo não serve exclusivamente para procriação. Cada vez mais, é objetivado como fonte de prazer. A partir do momento em que começamos a produzir cultura, a sexualidade assume uma dimensão psíquica.

Assim, apesar de existir sexo na dança de salão, o mesmo é dito mais como um elemento da cultura mais ampla. Cultura essa em que, tanto o sexo quanto a dança de salão estão envoltos, e o jogo surge como elemento que dialoga com todo esse contexto. Huizinga explica um desses fatos quando descreve sobre o jogo.

Reina dentro do domínio do jogo uma ordem específica e absoluta. E aqui chegamos a sua outra característica, mais positiva ainda: ele cria ordem e é ordem. Introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a esta "estraga o jogo", privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor. É talvez devido a esta afinidade profunda entre a ordem e o jogo que este, como assinalamos de passagem, parece estar em tão larga medida ligado ao domínio da estética. Há nele uma tendência para ser belo. Talvez este fator estético seja idêntico aquele impulso de criar formas ordenadas que penetra o jogo em todos os seus aspectos. As palavras que empregamos para designar seus elementos pertencem quase todas à estética. São as mesmas palavras com as quais procuramos descrever os efeitos da beleza: tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. O jogo lança sobre nós um feitiço: é "fascinante", "cativante". Está cheio das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia. (HUIZINGA, 2006 p.11-12)

Então, está claro que, para entender aquele ideal de estética que é construído durante a dança de salão, esta estética, está ligada a padrões de comportamento bem definidos e com um limite a ser seguindo. Isso garante aos jogadores um grau de liberdade. Correm-se riscos calculados, estabelece-se uma ordem que é criada para gerir a construção de um universo à parte e garante que este universo se encerre nele mesmo.

2.1.1 Analisando o jogo Homem/Mulher

Em dados colhidos em campo por Massena encontrou-se uma amostra do imaginário de seus próprios atores, em relação à dança de salão.

Muitos de meus entrevistados ressaltaram que enxergavam a dança de salão como uma expressão artística. Segundo o discurso de Jaime Arôxa, *“a dança de salão pode ser entendida como diversão, mas também como arte. O dançarino tem que se considerar um artista também”*. De acordo com o professor, *“dançar não é só fazer movimentos coordenados, é expressar sentimentos, é arte”*. (MASSENA, 2006, p. 46)

Como nota-se nesse trecho, a dança cultivada na referida academia procura ultrapassar a técnica de movimento corporal, para também ser um espaço de expressão e liberdade artística. Pois, segundo essa autora, para seus próprios atores, a dança de salão encena um divertimento que está ligado a uma série de questões como a arte e a representação. Segundo Zamoner a própria constituição da arte está ligada ao sexo.

Percebendo que o cérebro é uma característica selecionada evolutivamente por forte influência da seleção sexual e, entendendo que comportamentos culturais são resultado da complexidade do cérebro, chegamos claramente na finalidade biológica da arte. A produção de obras artísticas, incluindo a dança de salão, não contribui em nada na luta pela sobrevivência de seus atores, da mesma forma que a cauda do pavão não contribui para sua existência individual. Estas características são necessárias na luta para a conquista de um parceiro afetivo e reprodutivo. (ZAMONER, 2007, p. 38)

Voltando a Huizinga (2000, p. 06 - 07), “A esfera do jogo ultrapassa a humanidade, não se fundamenta em um elemento racional: jogo possui uma realidade autônoma mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo.”. Deste mesmo modo, a dança de salão, na medida em que encena uma teatralização, também encena um universo próprio. A aula de dança é um momento singular, embora dialogue com a vida cotidiana.¹⁰ Em sua pesquisa de campo Massena traz o seguinte:

Conversando com um casal de professores sobre o que esperavam de seus alunos durante

¹⁰ Encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos. [...] Se verificarmos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa “imaginação” da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens), nossa preocupação fundamental será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e dessa “imaginação”. Observaremos a ação destas no próprio jogo, procurando assim compreendê-lo como fator cultural da vida. (HUIZINGA 2000, p. 07)

as aulas, obtive uma resposta que me chamou atenção para a dimensão da dança como espaço de encenação do romantismo e da teatralização de uma relação amorosa romântica: *“O que a gente quer é fazer com que os alunos pratiquem a dança de uma forma lúdica, não se preocupando apenas em aprender passos de dança e sim como fantasiar uma relação entre um homem e uma mulher”*. (MASSENA, 2004, p. 93)

Assim, a autora aponta para o fato de que, nas aulas de dança de salão, se encenam a própria representação social de heteronormalidade, onde se estabelece uma relação afetiva entre um homem e uma mulher. Como afirma a própria autora: “Essa fantasia corresponde, parece-me, a uma interpretação da relação homem-mulher, em que elementos românticos são destacados ou mesmo exagerados de forma cênica durante as performances.” (MASSENA, 2006, p. 93)

E segundo Huizinga (2000, p. 14) “Representar significa mostrar, e isto pode consistir simplesmente na exibição, perante um público, de uma característica natural.” No caso da dança de salão ela representa uma relação afetiva sexual entre um homem e uma mulher, podendo ser vista inclusive como a representação de um casamento, haja vista que alguns gêneros, como por exemplo, a valsa faz parte do ritual de casamento em nossa sociedade.

Em suas análises, Massena vai ligar esta representação social da dança de salão com o ideal de amor romântico, falado de personagens literários ligados à sedução e ao romantismo como Casanova e Don Juam. A autora afirma que:

Essa interpretação romântica envolve a encenação de um clima de sedução mútua pelo par que dança. O homem deve “fazer a corte” à sua dama - cortejando-a, fazendo galanteios e se comportando de forma cavalheiresca. A mulher, por sua vez, deve exercer sua sedução através de uma atitude “coquete” - mostrando-se sensual, mas de alguma forma sempre deixando em dúvida se realmente deseja aquele cavalheiro ou não, como no tipo de “jogo feminino da conquista” analisado por Simmel (1969). (MASSENA, 2006, p. 93)

Logo, na dança de salão são instituídos dois papéis bem claros que são constituídos por entidades ligadas ao gênero masculino e feminino, e tudo isso tem como referencial o ideal romântico burguês de amor, que são encarnados por um homem e uma mulher e, ainda, nesta teatralização, os dançarinos devem assumir papéis específicos em relação aos seus gêneros. Outro ponto é que a dança de salão não está somente ligada a apropriação da técnica da dança, mas também a relação aos padrões de comportamento em relação ao par. A autora ainda nos traz as seguintes observações:

Conversando com uma aluna de dança, de 27 anos, advogada, ouvi o seguinte

depoimento sobre os bolsistas com quem dançava durante as aulas: *“Eles são ótimos, tratam a gente bem, mas às vezes me incomodo com o jeito deles. Eles todos se acham meio ‘Dom Juan’, acham que são o máximo, que estão conquistando todo mundo. É meio brega, mas também é divertido”*. (MASSENA, 2006, p 93)

A dança de salão vista como uma atividade de lazer, é procurada espontaneamente pelas pessoas que acabam por se divertir com as regras a serem seguidas. Em continuidade sobre o processo de teatralização da sedução na dança de salão, Massena (2006, p. 95) nos diz que “é possível estabelecer uma relação entre o homem que dança e um estilo de masculinidade que tem na sedução sua principal característica.”

Como nota-se, a dança de salão se baseia na manipulação da imagem de um casal romântico burguês, encenando uma imaginação da realidade, integrando a essa, uma imagem romântica de relacionamento social. Além disso, está galgado em uma idéia de conquista, como analisa Massena em relação à idéia de conquista masculina:

Seu foco é ele mesmo e não as mulheres, já que a habilidade de cortejar adequadamente o distinguirá no universo da dança como um cavalheiro perfeito: competente, refinado, completo. O próprio termo que se tornou sinônimo para o dançarino do sexo masculino - cavalheiro - parece reforçar esta análise. O bom dançarino deve agir de forma cortês, remetendo-se assim ao tipo de comportamento típico dos *gentlemen* ou cavalheiros, homens pertencentes às altas esferas das sociedades de corte, aristocráticas. (MASSENA, 2006 p. 96)

Na dança de salão, se encena um ideal de romantismo onde seus atores possuem papéis pré-definidos. Isso vai dialogar com a apropriação da técnica de dança, onde cabe ao homem ser viril, tirar e conduzir a mulher durante a dança e esta, por sua vez, deve ser feminina, aceitar o convite e ser conduzida. Tudo isso cria um ambiente que se distingue da vida comum e ocorre em um lugar específico, o salão e dentro do tempo que durar a música, criando assim uma ordem, pois, possui uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. Na dança de salão, existe algo "em jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação, e isso vai se ligar ao ideal romântico de nossa sociedade:

Voltando à influência do ideal romântico como valor dentro do universo da dança de salão, é possível pensar em outro significado para a importância da cortesia e dos galanteios que fazem parte da cultura deste tipo de dança. A sedução tem tanto espaço e tanta força no imaginário da dança de salão porque existe também uma valorização da idéia romântica de se postergar o período da sedução e de não efetivá-la imediatamente. No romantismo, o período do encantamento, do enamoramento do casal, é cultuado, o que também se dá de forma teatralizada na dança de salão. (MASSENA, 2006, p. 97)

Assim, se por um lado a sedução é algo explícito na dança, esta não chega à vida real. Somente é encenada durante a dança. A dança de salão coloca os casais em contato corporal direto e acaba com o fim da música. Com isso, pode-se dançar com diferentes pessoas sem necessariamente ter envolvimento afetivo/sexual fora do mundo que se forma durante a dança.

Se uma das marcas mais patentes do romantismo é a idealização do passado, na dança de salão também fica evidente a nostalgia de uma sedução “à moda antiga”. Nesse tipo de corte romântico teatralizado na dança, o homem e a mulher têm papéis bem definidos e diferentes. (MASSENA, 2006, p. 100)

Salienta-se aqui que, geralmente as pessoas que procuram a dança de salão, o fazem a partir da puberdade. A dança ainda é vista como um real elemento de aproximação com o corpo do outro. Se a dança encena uma sedução, ela está intimamente ligada em sua maioria às pessoas que passaram ou estão passando pela puberdade. Além do mais, como relatamos até agora, esta dança está ligada a padrões de contato físico heterossexual, nos quais a sedução e o sexo estão intimamente presentes em seu contexto, porém existem outras considerações relevantes a serem expostas.

Roger Caillois (1990) acredita que o jogo diverte, acalma, contribui para a descontração, opõe-se ao trabalho e a seriedade da vida real, remete a idéias de facilidade, risco ou habilidade, e possui um caráter estéril, pois não produz nada. Ele os divide entre os que têm uma “fantasia incontrolada”, onde neste cenário, se encontram liberdade, improvisação e alegria (chamado ‘paidia’ por que esta invoca a criança). Isso se dá até a aparição do jogo, em que intervém o gosto pela dificuldade prática (o ‘ludus’) e possuem mais regras. Assim, seria plausível apontar a dança de salão como ludus, pois é uma dança que possui uma série de regras que permitem um processo comunicativo entre os jogadores. Isso cria um maior grau de dificuldade, exigindo das pessoas melhores condições físicas e predisposições psicológicas para tanto, o que ocorre a partir da adolescência.

Pergunta-se aqui: em que fase da vida nos interessamos pela dança? Provavelmente em todas, pois toda criança dança e brinca com seu próprio corpo, porém sozinha “Paidia”. Contudo, é a partir da adolescência que se deixa de ser “criança” para fazer parte, cada vez mais, da vida social adulta, passando a participar de festas em que a dança de salão se apresenta. Isso fica mais evidente ao se levar em conta que “A influência da sociedade é, portanto, manifesta nos

jogos da adolescência, tanto pelos modelos que propõe, como por favorecer as actividades de grupo.” (BANDET; SARAZANAS, 1973, p. 138). Outro ponto que Jeanne Bandet e Réjane Sarazanas (1973, p. 139) nos apontam é que nessa fase da vida:

Surge a consciência das regras do jogo. [...] Revela-se então o desejo de ganhar que é, sobretudo, desejo de se impor aos outros, submetendo-se às regras comuns, de que o grupo exige respeito absoluto. [...] A sua atitude perante as regras do jogo descobre-lhes o carácter e muitas vezes os seus desígnios. [...] Tanto como no trabalho, é, talvez nos jogos que reconhecemos o ídolo do jovem.

Talvez, por este fato, a dança de salão sempre foi empreendida por pessoas a partir da adolescência, e principalmente por adultos. Ao propor fazer uma pesquisa sobre dança de salão em escolas de ensino formal, Volp nos apresenta motivos para a pesquisa dar-se com adolescentes:

A escolha dessa faixa etária deu-se pela comprovação do tipo de interesse das crianças em trabalhos anteriores. Isto quer dizer, enquanto ainda crianças o interesse se firma nos pares do mesmo sexo na hora de realizarem algo em conjunto (dupla). Apenas a partir da adolescência é que começam a dividir suas tarefas com o sexo oposto. Como a dança de salão depende da relação dos pares de sexos opostos, optou-se pela faixa etária em que tais interesses afloram. (VOLP, 2004, p. 83 –85)

Assim, é possível se pensar que a dança de salão acaba por ser empreendida por casais justamente por ser uma atividade que passa a interessar às pessoas a partir da adolescência, momento em que também acontece o interesse por aproximação pelo sexo oposto.

Quando se perguntou aos depoentes que qualidades tem um bom homem/cavalheiro na dança de salão, obtêm-se unânime, as questões ligadas à boa condução, onde se leve em conta um bom relacionamento com a parceira. Isso então vai proporcionar uma fluidez no salão, onde não se pode esbarrar nos outros casais. Segundo a depoente 01, o cavalheiro “deve ser capaz de transmitir o que deseja para a parceira, deve estar atento ao espaço e aos outros casais no salão, deve saber conectar os movimentos de modo a dançar de forma continua.” Assim, essa conexão deixa de ter um carácter de obrigar a dama a fazer o que ele quer, mas de ser gentil e respeitar as possibilidades da mesma. Segundo a depoente 03, o bom cavalheiro é “principalmente um bom comunicador. Boa escuta do corpo e movimentos da mulher, criatividade, sensibilidade, que proponha movimentos ao invés de obrigar a dama a executá-los.”

Isso está de acordo com o fato de não somente a condução ser algo imprescindível ao

bom cavalheiro. A depoente 07 ainda complementa que o bom cavalheiro possui: “Condução suave, respeite o espaço da mulher, abraço envolvente, escuta e respeita a música, é cheiroso.” Além da condução, a depoente 11 ainda indica “outras qualidades: musicalidade, bom humor, gentileza, educação, simpatia, limpeza, de preferência com um bom perfume.”

Assim, o bom dançarino de salão é aquele que proporciona um contato agradável a quem dança com ele, e questões como gentileza e bom cheiro são importantes. O depoente E7 indica que um bom cavalheiro tem “sensibilidade, segurança, boa dicção e entender o outro.” Quando questionado sobre a boa dicção, ele alegou que acha fundamental um bom cavalheiro saber conversar, inclusive durante a dança caso seja necessário.

Assim, ser um bom cavalheiro inclui várias competências que englobam saber arquitetar a dança, e isso acontece em diálogo com sua parceira.

Um bom cavalheiro é aquele que tenta conduzir bem, porque eu acho que o principal é a condução, e ele também tem que se preocupar com a dama na hora de dançar, não esquecer que ele tá dançando com outra pessoa, porque tem pessoas que dançam e vão fazendo passos, e não se preocupam se a outra pessoa está conseguindo acompanhar. E eu acho que isso é importante. (Depoente E3)

A música entra como um elemento nesse ínterim, ou seja, o bom cavalheiro seria não aquele que sabe muitos passos, mas que tem uma técnica que o proporciona se conectar ao seu par e usar a música como elemento desta conexão. Pois, como afirma a depoente E1, ao salientar que, apesar de ser o homem o condutor não só à dama tem que se adaptar à sua condução, mas ele deve se adaptar a dama. Esta depoente (E1) afirma que o bom cavalheiro “é o homem que sabe de adaptar à parceira, à música, um homem que escuta muito bem música, isso pra mim é essencial, me dá pânico quando e danço com alguém que deleta a música.” Pois,

o cavalheiro tem que esperar a dama, tem que acolher a dama, mais do que se jogar. Ele tem que se colocar disponível para a dama, e pra recebê-la, até ela sentir, é, confiança, conforto. O cavalheiro tem que procurar sempre ver se ele está conduzindo de forma clara a dama, com o movimento, sem precisar ficar falando. Eu acho que o momento da dança é o momento de você falar com o corpo. Eu acho que basicamente é isso, olhar pra dama. Não ficar dançando com a dama e ficar olhando para outra mulher. Respeitá-la naquele momento. (Depoente E6)

Em contraponto os depoentes afirmaram que as qualidades de uma boa mulher/dama na dança de salão estão, também, intimamente ligadas à condução, no viés do papel da mulher que é induzida. Foi unanimemente ressaltado que uma boa dama tem que “ser capaz de acompanhar

o parceiro” (depoente 01) pois, a qualidade de uma boa dama é “a mesma do bom cavalheiro, porém, recebendo a condução.”(depoente 02).

Mas, a existência de uma preocupação com o público também foi notada aqui, pois como ressalta a depoente E3 “a boa dama é aquela que tenta acompanhar, seguir a pessoa que tá dançando com ela, e tenta, sei lá, tenta não se preocupar com quem tá olhando, mas tenta interagir com a pessoa, e não com o resto.”

Assim, é responsabilidade do homem conduzir, tomar cuidado com os outros casais do salão no sentido de não bater em ninguém, cuidar da dama e interagir com a música. À dama cabe um papel de “se entregar, no sentido de acreditar que aquela pessoa tá ali dançando com ela pela dança. Não por outra coisa qualquer. E aí se entrega àquilo ali, pra que toda aquela comunicação corporal possa acontecer de uma forma agradável pra ele, pra ela.” (Depoente E10)

Assim, cabe à dama ser versátil no sentido de conseguir dançar com qualquer homem. Porém, problemas como ansiedade e preocupação com o público foram alegados como constantes entre as damas. Segundo o depoente E8:

A mulher tem que ser cem por cento sensação para dançar. Assim, eu acho que ela tem que prestar muita atenção nesta questão de sentir, porque a partir do momento que ela é guiada acho que fica difícil ela pensar em tomar o controle da situação. Querer fazer os passos, eu acho que isso atrapalha, que ocasiona um rompimento daquela questão que eu falei do triângulo. [segundo este depoente o triângulo ocorre pela conexão entre, homem, mulher e a música] O Homem está pensando em fazer uma coisa ela faz outra, eles vão perder ritmo eles vão esquecer da música, o homem não vai conseguir pensar na música e dançar ao mesmo tempo ele vai ficar perdido.

Porém, segundo o depoente E11, além de existirem as boas damas, ainda existem melhores que, segundo ele:

As melhores na minha opinião são justamente essas que sabem dosar bem, são as que sabem escutar na hora certa, e propor na hora certa. Tem a hora de simplesmente seguir o homem, sem nada diferente disso, mas sabem encontrar os momentos pra propor alguma coisa diferente do que ele conduziu ou colocar enfeites e algo mais no que ele conduziu, e que também ao mesmo tempo estão muito atentas à música e ao espaço, porque muita coisa que o homem conduz, na verdade ele deixa um espaço aberto ali pra interpretação. Pra que ela interprete aquilo na música da melhor maneira possível. Então, se ela não estiver atenta à música, ela acaba perdendo esses momentos, essas chances. Então a mulher também tem que estar muito atenta a música, e ao espaço. Às vezes, as pessoas acham que isso é só função do homem.

Essa relação de papéis bem definidos de indutor e induzido é fundamental para

entender a dança de salão. Como se pode ver, isso é algo fundamental para os atores envolvidos com essa prática. Como resultado de sua pesquisa, Massena afirma que:

Refletir se a dança de salão pode ser considerada uma expressão artística, nos leva a verificar a própria essência desta prática. Em primeiro lugar, deve-se considerar uma particularidade característica deste tipo de dança: a de ser, por essência, uma dança interagencial, já que só é possível se dançar a dois. Trata-se de uma dança praticada por pares enlaçados, casais formados por um homem e uma mulher. (MASSENA, 2006, p. 48)

A dança de salão requer a interação entre seus “jogadores”. Porém, esta prática tem como padrão indireto o jogo de um homem e uma mulher. Uma vez criada essa forma de jogo dentro de universo cultural, esta vem sendo repetida e re-apropriada em nossa sociedade. Isso é possível pelo fato de ser um jogo. Isso se aproxima das considerações de Huizinga em relação ao jogo. Este:

Pode ser repetido a qualquer momento, quer seja "jogo infantil" ou jogo de xadrez, ou em períodos determinados, como um mistério. Uma de suas qualidades fundamentais reside nesta capacidade de repetição, que não se aplica apenas ao jogo em geral, mas também à sua estrutura interna. Em quase todas as formas mais elevadas de jogo, os elementos de repetição e de alternância (como no *refrain*) constituem como que o fio e a tessitura do objeto. (HUIZINGA, 2000 p. 11)

Em relação à repetição, podemos encontrar na história da dança de salão sua difusão pelo mundo ocidental um aumento significativo a partir do século XVII. Ela vem sendo reafirmada e mantendo certas premissas como a obrigatoriedade do casal, o processo de contato, a relação com a música etc. Ela chega ao Brasil com a coroa portuguesa e vem sendo reescrita desde então, ganhando novos contornos, mas mantendo suas características em contínuo processo de apropriação e criação estética pelos seus praticantes em território brasileiro. (TONIAL, 2007)

Em relação ao que viemos até agora, foi mostrado que o salão de baile ou mesmo a sala de aula em uma academia de dança de salão se configuram como um lugar próprio com suas regras e convenções. Encontra-se nas observações de Massena ao observar uma academia de dança de salão, que as regras de conduta são constantemente lembradas aos seus atores.

Durante as aulas, as damas são constantemente lembradas que sua função ali é responder à condução masculina. O passo feminino deve ser sempre efetuado posteriormente ao do homem, e nunca de forma simultânea, proposição que deve ser tomada como lema entre os alunos e repetida em coro diversas vezes durante as aulas, com o objetivo de fixar a

postura esperada da mulher. Esse fato parece duplicar a dificuldade dos cavalheiros iniciantes, que além de aprenderem a usar o corpo de uma forma diferente, devem aprender a conduzir a mulher. (MASSENA, 2006, p. 43)

Uma coisa que busca-se apontar aqui, é que a técnica da dança em si está embasada no princípio de estímulo e resposta, cabendo a um componente do duo a responsabilidade pela direção, ritmo, andamento e direção da movimentação de ambos os componentes. Logo, o homem deve saber conduzir e a mulher deve saber esperar o estímulo, decodificá-lo, e responder a ele da melhor forma possível. Mas socialmente, isso ficou instituído em uma relação homem/indutor e mulher/induzida. Isso se representa até na iniciativa de se dançar, como podemos constatar perante as observações de Massena (2006, p. 44): “O homem é considerado o responsável, quem guia, enfim, o chefe (ou a cabeça pensante) do par que dança.”

Ao questionar aos depoentes quem leva mais vantagem na dança de salão, as respostas foram antagônicas, se dividindo. Alguns afirmaram que é “a mulher por ser conduzida.” (Depoente 04) Que esta “leva mais vantagem por não ter que se preocupar em conduzir, apesar de que tem que se preparar para receber a condução.” (Depoente 10).

Contudo, houve quem admitisse uma maior vantagem do homem, “porque, na dança, ele que tem que conduzir, então, digamos que a mulher vai dançar o que ele quiser, porque ele vai puxar para os passos que ele sabe.” (Depoente E3) Outro fator apontado também foi que “O homem sempre leva mais vantagem pelo fato dele estar em extinção.” (Depoente E7) Segundo este depoente, é por conta disso que as mulheres aceitam serem conduzidas pelos homens, mesmo não gostando de proceder assim.

Outro ponto de contradição nas falas se refere ao passo, os movimentos dançantes preestabelecido em cada gênero de dança de salão. O depoente E8 vê uma vantagem para os homens, uma vez “que o passo da mulher é sempre mais elaborado do que o do homem, não sei dizer se seria para harmonizar ou compensar.” Assim, se para a mulher a dança é mais fácil uma vez que ela não tem que conduzir, isso se traduz em fazer passos mais elaborados. Esse fazer passos mais elaborado vai chamar mais atenção, já que o homem serve de base para os passos da dama. Em relação a essa contradição a depoente E4, afirma que “depende pelo lado que você tá vendo. Se for pelo o lado da condução, o homem dá as regras do jogo” e tem vantagens neste quesito, porém esta mesma depoente entende que a mulher “é muito mais vista quando ela está apresentando.” Obtendo com isso vantagens na dança de salão.

Mas a maioria dos depoentes, homens e mulheres, admitem que “nenhum dos dois.

Se houver esta vantagem não acredito ser dança de salão.” (depoente 2) Pois “cada um faz, teoricamente, o que tá acostumado, e tá lindo, tá maravilhoso.” (depoente E1) Uma vez que “ambos estão ali com o propósito de sentir prazer [...] e todos têm condições de sair ganhando”. (Depoente 13) Pois como afirma o depoente E11 “não tem mais vantagens pra um ou pra outro, eu acho que são papéis diferentes, e é ótimo que seja diferente. É isso, é cada um no seu papel. Não tem isso de um ter mais vantagem que o outro.” Ou seja, encontrou-se na pesquisa uma idéia de que homens/condutores e mulheres/conduzidas obtêm vantagens na dança de salão, porém estas vantagens são diferentes. Cada um tem seu papel, o peso e a gratificação que lhe são pertencentes. Sendo algo prazeroso para todos os envolvidos, porém em pontos diferentes.

Pode-se afirmar que o ideal que leva a ser o homem o responsável pelo convite para a dança, está ligado ao fato de ser este o responsável pela condução durante a dança. Ou seja, o homem tem que tirar a mulher para dançar e o fato de ter responsabilidade em relação ao deslocamento, os passos e sua dinâmica estão ligados em uma relação de complementaridade onde um reafirma o outro. A partir disso, se constrói a idéia de que, na dança de salão é o homem quem manda. Porém, como pode ser observado, isso não se dá de uma forma unilateral. Ambos os atores são impelidos a adotar estes papéis para se classificarem como dançarinos de salão, não sendo necessariamente, um fardo.

Assim, passa a ser questionável até que ponto um dos gêneros (másculo ou feminino) possui um real papel de dominação na dança de salão. Se por um lado o homem tem que tirar a mulher para dançar e conduzi-la, esta por sua vez pode desfrutar disso. Um fato interessante é que a decisão, inclusive se o jogo (a dança) vai acontecer ou não, está também sobre o domínio da mulher, pois esta pode recusar o convite do homem para a dança, embora isso não ocorra de forma tão comum. Acredita-se que quem vai a um salão de baile ou academia está disposto a dançar. Assim, a dança de salão acontece em uma condição de complementaridade. Há a responsabilidade, de ambos os gêneros, e o elemento comunicativo é o principal a ser atingido. Isso vai garanti que, ninguém pise no pé de ninguém.

Perguntou-se aos depoentes se a dança de salão é machista. As respostas novamente se dividiram e entre os que acreditam ser machista, ou não. As argumentações foram por conta de que a dança de salão surgiu em uma sociedade machista, e hoje ainda é assim, pois a dança de é machista “na mesma medida em que a sociedade é machista” isso “Pela ótica da condução” (depoente 04) “pois é o homem quem decide quais movimentos serão feitos” (depoente 01) Logo

entre alguns depoentes pôde-se a observar a percepção da dança de salão como algo machista, que reflete uma sociedade machista e por conta disso é o homem quem conduz.

Alguns entenderam que a dança de salão foi criada numa sociedade patriarcal, por isso o homem tem o papel de condutor. Levando isso em consideração a depoente 03 analisa que: “Entretanto, hoje não a vejo mais dessa maneira. Depende da relação estabelecida pelo casal que dança.” Assim, muitos, apesar de entendem que, se existe a uma idéia de que a dança de salão é machista, isso está ligado a questões históricas, e que, assim, como a sociedade tem mudado, a dança de salão também tem mudado.

Eu acho que esse pensamento da dança ser machista é muito antigo, e cada vez mais, a gente passa por cima disso, assim, essa coisa só do homem. Antigamente, nas gafieiras, se anunciava. ‘É o mestre, maravilhoso, fulano de tal, e sua parceira’. Estavam se lixando para quem ele fosse dançar. Eu acho que hoje não. Hoje os homens criaram uma consciência de que eles não são nada se eles tiverem uma parceira boa, e que as mulheres também não são nada se elas não tiverem um bom homem. Porque por mais que um homem possa arrastar uma mulher, coisa que a mulher não tem o poder de fazer, ele não consegue fazer uma mulher dançar bem por si só. E a mesma coisa o contrário. Então eu acho isso, assim. Já foi muito machista. E hoje em dia, as coisas se amenizando nesse sentido. (Depoente E1)

Com o desenvolvimento técnico da dança de salão, na medida que as academias surgem e os movimentos passam a serem mais elaborados, se exige cada vez mais uma grade de desenvolvimento técnico. O homem deixa de ter que carregar a dama para, agora, a ser quem propõe. Ouve a parceira, se adapta e propõe novamente em cima da reposta dela, a dança ganha um grau de complexidade cada vez maior, inclusive para dama uma vez que não cabe mais a ela ser levada. Cabe a ela interpretar e reagir, se adaptando continuamente. Assim, a dança de salão deixa de ser machista pelo viés da condução, uma vez que “a mulher é guiada pelos homens e a mulher que faz as evoluções e exhibições.” (Depoente 05) Logo “o fato do homem conduzir não quer dizer isto [que ele manda], e sim um método.” (Depoente 06) Já a depoente E3, acredita que a dança de salão é somente “um pouco” machista, isso “porque os homens têm que conduzir (risos), e talvez, eu não sei, talvez pudessem ter algumas coisas que a mulher conduzisse, sei lá... mas eu acho também que se fosse misturar a condução dos dois, ia complicar. Acho que realmente deveria ter uma pessoa pra conduzir.” Já o depoente 15 acredita que a dança de salão, “não é nem um pouco machista”. Isso por que “a mulher não é submissa ao homem. Ela não obedece nada; ela faz o que sente vontade. A idéia de a dama ser conduzida é meramente interpretativa.” Outros fatores também foram levantados ao abordar o tema machismo na dança

de salão. O depoente E6 analisa que:

Não diria que é uma coisa machista não, porque eu acho que a dama exerce o poder também na dança, vamos supor, antigamente, os homens convidavam as damas pra dançar, hoje em dia as damas estão convidando. E a dama também não vai dançar com qualquer um... se ela não quiser dançar com o cara, tudo bem, é deselegante, é raro você ver uma dama recusar um convite pra dançar, na maioria das vezes, a dama aceita, mas, se estiver ruim demais, ela pode agradecer e acabou. Então, quer dizer, ela exerce também o poder e o cavalheiro sabe que na hora que ele está interagindo, ele sabe que ele tem que satisfazer a dama, eu acho que é uma troca, um jogo ali, é um jogo, trocar... não deixa de ser um jogo de poder também, mas é um jogo mais de interação do que de poder. Então, eu acho assim, os movimentos das mulheres são mais complexos, mas o homem tem que preocupar com muita coisa. Esse negócio de preocupar em conduzir a dama. Tem que pensar antes, ou seja, você já não está com a mente totalmente disponível como a dama está, simplesmente para dançar.

Assim, é entendido um alto grau de independência da dama, que possui uma vantagem em relação ao homem. Este tem que prestar atenção em várias coisas enquanto a dama se preocupa em dançar. O homem ainda sofre com meio social atual, onde as mulheres têm cada vez mais um poder de decisão na vida pública, como analisa o depoente E8:

Não eu não acho que seja machista as pessoas é que tem uma visão machista. Até mesmo alguns professores eu já vi usando o termo o cavalheiro manda a dama fazer! Não ele conduz, ele pede, ele propõe para ela [...] É uma interação, pelo menos eu não vejo dessa forma, você pede, você propõem a dama a te responder. Ela faz, e outra coisa se ela não quiser fazer ela não faz, se ela cismar de travar e travar e falar que não vai dançar com você mais. Ou seja, o homem não tem controle nenhum.

Interessante notar que houve um maior número de homens alegando que a dança de salão não é machista, pelo fato deles admitirem ter uma dependência do desempenho da mulher para conseguir dançar bem. Já entre as mulheres a maior parte das respostas afirmou que a dança de salão é machista pela condução, porém foi salientado na maioria dos casos, homens e mulheres, que essa relação de machismo só acontece em contexto em que se propõe a isso. Esse machismo na dança de salão é resquício de um tempo, que vem mudando. Outro ponto ligado a condução foi de que esse é um fator funcional na dança de salão, onde alguém teria que conduzir para ela poder acontecer de forma harmônica.

Fazendo uma análise da dança enquanto um processo comunicativo, Eliane Malanga afirma que:

Em uma situação de comunicação encontramos dois objetivos: o de quem emite a

mensagem o de quem a recebe. Quando os objetivos de ambos não são compatíveis, desaparece a mensagem como tal. Os objetivos da comunicação situam-se entre consumatórios e instrumentais em variada gama, sendo consumatório o objetivo que traga a satisfação imediata, na própria realização da comunicação, ou até na produção da mensagem, e instrumental aquele que utiliza a comunicação como elemento intermediário de outra satisfação. O objetivo da dança é consumatório; trazendo prazer estético para quem transmite e para quem recebe a mensagem. (MALANGA, 1985, p. 20)

A autora ainda esclarece que toda comunicação tem uma fonte, uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma instituição, e estes estão envolvidos em um conjunto de relacionamentos que gera uma atribuição de valores e significados a eles mesmos e aos seus receptores. Estes transmissores, com suas idéias e um objetivo a comunicar fazem uso da mensagem que será expressa através de um conjunto sistematizado de símbolos, que é o código e este será transmitido através de um canal. Tudo isso só se completa se, na outra extremidade do canal, encontrarmos uma pessoa ou grupo, a quem chamamos de receptor da comunicação ou alvo da comunicação.

Expõem-se tais considerações, para absolvermos melhor um fato que é considerado fundamental para entender a dança de salão. Trata-se do processo comunicativo que permeia e que gera a dança. Como vêm-se até agora discorrendo, este processo é a base do jogo que se estabelece entre o homem e a mulher durante a dança, e as regras que o permeiam tem por fim ajudar neste processo, pois, um outro fator indispensável para essa comunicação é que o receptor e a fonte sejam similares entre si, pois o receptor tem que reagir ao estímulo emitido pela fonte. Pois, para que haja comunicação:

é necessário que a fonte saiba transmitir seus objetivos em forma de mensagem, através de um código por ela conhecido, isto é, que a fonte codifique a mensagem, e que o receptor também conheça esse código, podendo assim reproduzir a mensagem, ou seja, decodificar o discurso. Na comunicação de pessoa a pessoa o codificador consiste nas habilidades motoras de fonte, e o decodificador, no conjunto de habilidades sensoriais do receptor. (MALANGA, 1985, p.21)

Acredita-se que, as pessoas que procuram uma academia encontram lá, fundamentalmente, elementos que possibilitem a comunicação com o par. Para isso, necessita-se estabelecer um código e sua decodificação em comum para ambos. Para o indutor, é importante transmitir seus objetivos em forma de mensagem que, no caso são os movimentos de seu corpo, e que o receptor, a induzida, possa decodificar o discurso, e assim reproduzir a mensagem de acordo com o esperado pelo indutor.

Escrevendo sobre balé, Eliane Malanga faz a seguinte apropriação do processo comunicativo em relação à dança.

Aplicando a dança a estes elementos, temos que: o coreógrafo é a fonte da comunicação; o bailarino é o codificador; a mensagem são as idéias e emoções que se deseja transmitir; o canal é constituído pelo corpo do bailarino, mais as ondas sonoras e visuais; os receptores são o público, sendo decodificadores seus sentidos (visão e audição) e sua capacidade de compreensão da mensagem. (MALAGA, 1985, p. 21 – 22)

Aplicando estes conceitos restritamente ao casal que dança, podemos entender que o homem, que conduz a dama pelo salão, é a fonte. Ele produz um movimento com seu corpo que leva a dama a se movimentar também. Esta faz isso mediante um processo que a leva ser a codificadora. A mensagem seriam os passos, com sua forma, amplitude e dinâmica, executada pelo homem. O canal se faz pelo gênero de dança de salão que o indutor está dançando, estando este em interação com a música que está tocando, e esta dita o andamento e o estilo de dança que vai ser dançada (ao se tocar uma música pertencente ao gênero samba, espera-se que o casal dance utilizando a forma e os passos de samba, bem como que acompanhem o andamento da música). Os receptores são os que assistem o casal e decodificam a mensagem através de seus sentidos.

Ao se referir ao que seria condução, uma das palavras mais repetidas por nossos depoentes para explicar uma série de fatores da dança de salão, verifica-se que ela é um dos elementos fundamentais para entender o que é dança de salão. O depoente E11 (coreógrafo, professor e bailarino de dança de salão a mais de 15 anos), analisa que:

Então eu acho que a condução ideal é aquela que você consegue transmitir pra parceira através de pequenos movimentos, de movimentos que você faz com o seu corpo, que estando em contato com o dela, vão fazer com que ela entenda o movimento que você quer. Eu entendo condução como um grande idioma, assim, uma linguagem mesmo. Uma língua que a gente aprende a fazer, e a pessoa que quer aprender a dança de salão, ela tem que aprender a falar essa língua chamada “condução”. Isso é muito claro assim, pra mim, no processo de aprendizagem inclusive. Quando você começa a aprender a dançar, você aprende determinados detalhes de condução, determinados passos que vão te possibilitar a falar a palavra solta. Depois você começa a formular frases, e só depois de alguns anos, inclusive dançando, que você se sente falando, dançando fluentemente. É igual quando você fala uma língua. Eu percebo isso muito claramente assim, o meu processo de aprendizado de outros idiomas, inglês e francês, etc, depois de alguns anos que eu fui me sentir falando fluentemente, que é falar sem pensar, formular as frases sem precisar ficar falando, raciocinando que tal palavra vem depois disso, que você tem que usar tal tempo de verbo, etc. então, pra dançar, é exatamente da mesma forma, e eu acho que isso é resultado desse idioma que é a condução. Até um determinado momento você

tem que ficar pensando como que você vai mostrar para o par, seja com o braço, seja com o corpo, seja com a perna, e a partir de um determinado momento isso flui, e é resultado desse idioma que é a condução. E a gente pode extrapolar isso pro sotaque, da mesma maneira que você tem sotaques diferentes, você em expressões diferentes, apesar de as pessoas estarem falando a mesma língua, elas conseguem se entender com alguns ajustes, com um sotaque diferente, com uma expressão, às vezes, desconhecida. A condução é a mesma coisa. Se você fala esse idioma que é a condução, mesmo às vezes fazendo de um jeito um pouco diferente, com um pouco mais de força, maior, menor, com passos um pouco diferentes, se vocês estão falando o mesmo idioma, as pessoas conseguem se comunicar. Então eu acho que é um idioma, é um código de comunicação.

Logo, o que realmente acontece na dança de salão é um sofisticado processo de diálogo entre o par que dança, seguindo os moldes de cada gênero de dança, e também por regras de linguagem que estabelecem um meio de comunicação não verbal entre o par.

Assim, estamos falando de uma dança que serve basicamente ao contexto lúdico, não tendo os dançarinos necessariamente a obrigação ou mesmo vontade consciente de transmitir algo. Isso ocorre implicitamente, haja vista que o simples fato de “dançar por dançar” já implica na transmissão involuntária de algo. A compreensão do público se dá pelo referencial de dança que é construído naquele espaço.

É preciso ainda considerar, no processo de comunicação, um fator fundamental, que é o sistema cultural-social no qual se inserem fontes, ou seja, decodificador e receptor. Fazer aulas de dança é um elemento que ajuda muito nisso. Outra forma de se ter domínio do processo comunicativo da dança de salão é freqüentar baile e dançar com as pessoas procurando reproduzir os padrões daquele local.

Entende-se aqui a dama como receptora. Podemos ver que dela é cobrado um alto grau de atividade e autonomia em relação à dança que ela vai estabelecer com o cavalheiro, que a conduz. Pois, como afirma Malanga:

As habilidades de comunicação do receptor também são fundamentais para que se concretize a comunicação. O receptor precisa ser capaz de decodificar corretamente as mensagens, no que sofrerá influência não apenas do seu conhecimento do código, mas ainda de suas atitudes. Também seu nível de conhecimento da mensagem. (MALAGA, 1985, p. 23)

Qualquer mensagem sofre um tratamento o qual se resume a um “conjunto de decisões tomadas pela fonte de modo a selecionar e dispor tanto o código como o conteúdo”, e isso em segundo momento será feito também pelo receptor, que também fará uma série de escolhas em relação ao código. Este: “Qualquer grupo de símbolos capaz de ser estruturado de

maneira a ter significação para alguém”. (MALANGA, 1984 p.24) Em relação ao processo comunicativo na dança de salão a depoente 16 (bailarina e professora de dança de salão), afirmou que “A dança de salão, não deixa de ter seus códigos, por mais que seja uma dança espontânea” em relação a isso ela explica que aprender a dançar dança de salão:

É como quando a gente aprende um novo idioma. Aprendemos as pequenas células (palavras), que vamos aprendendo a juntar de forma que tenham sentido, significação, para que o outro possa decodificar, fazer uma leitura, e pelo mesmo processo posso dar uma resposta ao que me foi dito. E assim nos comunicamos. Da mesma forma acontece na dança de salão. Recebo um estímulo, faço sua leitura e o devolvo para que haja a continuidade desse fluxo de informações-movimento. E claro que o “sucesso” dessa comunicação envolve várias coisas, como a fonte delas, onde e como se aprendeu e como se processa e executa tudo isso. No caso de um idioma, por exemplo, se eu sei falar inglês teoricamente consigo me comunicar com um italiano que estudou a mesma língua – compartilhamos de um código comum. Mas a fluidez desse diálogo vai depender do quanto em comum tivemos no nosso aprendizado. E se eu for dançar um tango com um japonês? Não compartilhamos do mesmo código? Só que há de se considerar que tivemos fontes diferentes de informações, e nossos corpos, memórias e interpretações foram construídos em culturas totalmente distintas... enfim, toda essa “viagem” pra concluir que mais importante que compartilhar do mesmo código é ter afinidades que vão mais além, pra que essa comunicação na dança aconteça com fluidez.

Aqui estamos tomando os passos de dança, a grosso modo, como códigos¹¹. Logo, podemos notar que o processo comunicativo é algo perseguido e valorizado por seus atores. Ele é algo a ser aprendido. Estes códigos se formaram em diferentes culturas (assim com se formaram as diferentes línguas) e é necessário estudar as diferentes formas (gêneros) de dança de salão para conseguir se comunicar, dançar, com pessoas que comungam dessas diferentes formas de dança de salão, bem como estudar uma nova língua.

Perguntou-se o que é a condução? Encontrou-se a maioria das respostas ligadas a ação do homem, ou seja, a ação do condutor. Segundo a depoente 01, condução “é a transmissão do movimento desejado para a parceira por meio de movimentos corporais.” Ela estaria ligada ao “ato do cavalheiro mostrar claramente o que ele quer que a dama faça da dança.” (depoente 06). Mas houve quem não abordasse a condução de forma unilateral, como a depoente 10 quando afirmou que “condução é saber movimentar o corpo de forma a estimular o parceiro a fazer um

¹¹ Contudo “nunca é demais repetir que o modelo de comunicação é um processo cujos elementos são mutuamente dependentes e não se pode pensar nele como um sistema automático”. Os signos são “unidades de significado e contêm dois elementos: o significante, que é a forma exterior, acústica ou visual e o significado, que é seu conteúdo ideológico ou emocional”. Pois, “Para que haja um signo é preciso que determinado significante tenha significado para, pelo menos, duas pessoas, de modo a poder ser usado na codificação e decodificação de uma mensagem”. (MALANGA 1984, p.24)

movimento em resposta. Penso também que é como se fosse um jogo, em que você desafia o parceiro a fazer um novo movimento, baseado no que você indicou para ele.” Logo a condução foi então abordada por dois vieses, o do cavalheiro onde a condução seria “saber levar uma dama, saber mostrar ela o caminho” (depoente E9), e pelo viés da dama onde “boa condução é ter uma melhor interpretação do cavalheiro. Se ela interpreta bem o que ele quer para a dama, se ele mostra bem o que ele quer, ela vai saber fazer.” (Depoente E9)

Logo, superando uma visão de que existiria um mandante que detém o poder sobre o outro, encontrou-se uma visão de condução que se traduz muito mais em uma “ligação entre os dois corpos” (depoente 02) ou seja, “a proposição de movimentos que visa o diálogo entre corpos” (depoente 03), onde ambos os envolvidos, o cavalheiro e dama, tem um nível grande de agência. É necessário, na verdade, uma interação que gera uma dependência entre ambos, onde existem vantagens e também obrigações a serem seguidas para que o jogo aconteça. Nesta linha de pensamento, encontramos a definição da depoente E2:

Condução: eu acho essa palavra muito forte. Eu acho que seria indução. Eu acho que o homem induz, e a mulher responde. Eu acho que o ganho é de ambos, porque a mulher ao responder, ela se sente bem em poder responder àquilo que está sendo proposto, e o homem, por sua vez, se sente bem em obter uma resposta. Então, eu acho que o ganho é dos dois, e eu não vejo desvantagem nisso não.

Percebe-se que há, na verdade, uma relação de jogo onde ambos têm que estar de corpo presente, e ambos se sentem bem em realizar suas funções. Somente com isso o jogo é capaz de existir e tomar seus jogadores na ocorrência do lúdico.

Esse processo comunicativo vai ser levado em conta para o próprio início da dança. A escolha de com quem se vai fazer aula ou dançar no baile “está subordinada” à capacidade de obedecer às regras. Em um baile de dança de salão, há a possibilidade de a mulher tirar o homem para dançar, contudo, espera-se sempre que seja do homem a iniciativa.

Assim, as damas são escolhidas de acordo com sua capacidade de um maior poder de interrelacionamento (jogo) com o cavalheiro e vice versa. Pode-se perceber então que a boa dama é a que melhor se relaciona com o cavalheiro. É aquela que serve para melhor se exhibir. Assim as mais bonitas e jovens também vão chamar atenção.

Outro tipo de discurso comum no meio da dança, afirma que “*na dança quem deve brilhar é a mulher, o cavalheiro deve dançar para ela, fazer com que se sintam bem e deixar que ela apareça*”. Tal afirmação aparentemente contraria qualquer visão

androcêntrica da dança de salão, desmistificando a idéia da primazia do homem nesse contexto. (MASSENA, 2006, p. 44)

Uma dança só poderá “brilhar” no salão caso detenha um bom processo de interpretação da condução do cavalheiro. Logo cabe à dama um alto nível de atividade nesta troca entre o casal. Se para o cavalheiro é necessário saber conduzir, para a dama é necessário saber ser conduzida, que por sua vez reflete o nível de capacidade de decodificação e apropriação da condução masculina. Isso fica mais evidente ao nos atermos as observações de Massena que afirma:

A interação entre dama e cavalheiro, segundo os dançarinos mais experientes, “*é a base, o núcleo da prática da dança de salão*”. [...] [Porém] não é possível esquecer que essa interação, que estabelece sentidos e posições bem definidas entre os agentes que a praticam, baseia-se em disposições corporais. (MASSENA, 2006, p. 49)

O contrário também é válido. Um bom cavalheiro vai se distinguir dos demais justamente pela capacidade de ser um bom indutor. Seu brilho está justamente no brilho da mulher. Caso a dama tenha uma boa desenvoltura no salão, é porque está respondendo bem aos estímulos de um indutor eficiente.

Logo, a característica que contém maior relevância na dança de salão é a capacidade da dama de se adaptar às condições do cavalheiro. Ou seja, aquela que vai ter um melhor contato com este, estabelecendo um jogo mais prazeroso e vantajoso para ambos, é a que mais serve para ser visto no salão. Além do mais, estando em parceria com um bom jogador, a possibilidade de diversão e de ser absorvido pelo jogo se torna maior.

Porém, não há nada que impeça que uma mulher seja uma melhor condutora que um homem e vice versa. É inclusive uma prática corrente entre professores o entendimento de ambos os papéis na dança para assim pode-los ensinar. O que acontece é que dentro dessa construção social é mais comum que homens sejam cavalheiros e mulheres damas.

Logo, as disposições para ser indutor ou induzido estão, na verdade, envoltas em construções sociais de gênero que se refletem nos papéis assumidos pelos praticantes de dança de salão. Uma dança que está ligada a esta construção social.

Assim, a relação entre o casal de dança deve se dar de acordo com dois princípios. Um de alteridade, já que ambos devem se distinguir, cumprindo papéis bem diferenciados e agindo de forma bem diversa – marcando explicitamente suas funções respectivas de

dama e cavalheiro. E outro de complementaridade, já que as ações ou funções de cada um não têm seu limite no indivíduo. A ação de cada componente do par só existe em conjunto, na interação com o outro. O que parece se confirmar na fala dos professores: *“Na dança, a dama não existe sem o cavalheiro, nem o cavalheiro sem a dama: ambos só existem a dois. Só dessa forma a dança faz sentido”*. (MASSENA, 2006 p. 49)

É interessante salientar, que, para o jogo acontecer, é necessário que um dos jogadores assuma o papel de indutor, e isso vem acoplado à dança como sendo papel do homem, e que outro assuma o papel de induzido, sendo esse, a mulher. Logo, esses papéis já vêm historicamente construídos e relacionados à diferenciação de gênero masculino e feminino.

Um fato que ressalta Massena se refere à, “diferença de gênero presente desde o momento da matrícula.” (2006, p. 37) Ela salienta um estímulo maior para o ingresso na academia (descontos e atenção dos dirigentes) para os homens. Ela aponta que a procura pela dança de salão é maior entre as mulheres, o que gera um desequilíbrio, ao passo que, em cada turma deve haver um certo equilíbrio entre os sexos que possibilite a formação de pares.

Ao perguntar aos depoentes, se haviam mais homens que mulheres nas aulas de dança de salão não houve nenhuma resposta de que haveriam mais homens. A grande maioria foi contundente em afirmar que há mais mulheres. Segundo os depoentes, entre os fatores que fazem com que haja a um número maior de mulheres na dança de salão belorizontina seria o de que proporcionalmente, existirem menos pessoas do sexo masculino do que do sexo feminino em Belo Horizonte. Todavia, o motivo mais falado se refere ao preconceito. A fala da depoente E3 sintetiza as outras falas.

Mais mulheres, [...] primeiro porque existe mais mulher do que homem, você pode provar! (risos) Então, eu acho que é complicado você conseguir equilibrar isso. E também eu acho que isso é muito a questão do preconceito. Os homens têm muito preconceito em relação a dançar. Tem muita gente que pensa que dançar é só coisa de mulher. Mas eu acho que tá começando a mudar, bastante. Tem mais homens assim, que talvez, antigamente, não gostariam de dançar, e que hoje, eles estão vencendo este preconceito e estão procurando aprender.

Assim, apesar do número de mulheres ainda ser maior (assim como existe uma percepção de que mais jovens vêm praticando dança de salão), acredita-se que vem aumentando o número de homens na dança de salão. Segundo a depoente E2: “É meio antigo falar isso, mas antes, o homem não dançava. Enfim, essa cultura mesmo, machista. Hoje, eu acho que é muito comum vê-los, nas aulas, e eles vêm que não tem nada disso.”

Esse dito “preconceito” que principalmente é gerado por uma cultura machista, leva a um imaginário social de que homem não dança e, quando dança, é para ter mais relacionamento com mulheres, e não somente pelo prazer em dançar. Esse contexto machista gera um ambiente que dificulta a entrada dos homens no universo dançante. Os que entram são premiados com o fato de serem poucos, e por isso disputados pelas damas. O depoente E8, ao ser indagado do porque acreditar que existem mais mulheres e pessoas mais velhas na dança de salão, afirmou que “homem normalmente não gosta de fazer aula de dança de salão, por várias questões e muitas vezes até por alguns preconceitos”. Isso, então, seria uma questão cultural. Em seguida, nos trouxe sua história de vida para tratar desse assunto.

Eu mesmo quando meu amigo me chama para ir no forró sabe o que eu falei para ele; eu forró coisa de velho! E isso tem muito tempo, como eu falei tem treze ou mais anos. E as pessoas continuam pensando assim. Hoje mesmo, a maioria das pessoas que eu conheço que não fazem dança de salão se eu perguntar eles vão me falar que é coisa de velho ou de viado, ou então uma coisa boa para arrumar mulher. E que não é, só se o homem quiser só isso aí. Só se ele quiser explorar a coisa só dessa forma. Mulher gosta de dançar mesmo, então o homem vai ter mais contato com mulher, lógico. Ele vai ter mais oportunidades do que um homem que não dança, porque o homem que não dança vai ter menos contato com mulheres do que o homem que dança.

Segundo a depoente E1, existem mais mulheres na dança de salão:

Por vários motivos, assim, pela maioria dos homens serem mais tímidos, e ainda existe muito preconceito do homem que dança, achar que o homem que dança é gay, ou o contrário, você achar que o homem que dança é galinha, então, se uma menina faz aula e o namorado dela não faz aula, com certeza o professor dela vai ser intitulado ou de gay ou de galinha. Das duas uma, entendeu? Tem muito esse preconceito, então, pro homem chegar e ter coragem de passar tudo isso, é mais difícil do que pra mulher, porque pra ela é uma diversão, todas as amigas delas fazem, então, por que ela não vai fazer? Mas, felizmente, isso daí já tá mudando bastante, no sentido de, mais homens, mais jovens estão procurando, estão entendendo que não é isso, não é essa palhaçada que falam, que tem realmente homens que são legais, homens que não são galinhas nem gays. Não tem problema nenhum os tipos, como existe em qualquer outro. Você pode ir jogar futebol, que vai ter o gay, vai ter o galinha, e vai ter os homens normais.

Segundo a depoente E4, existe uma equipariedade entre os sexos nas aulas de dança de salão. Segundo sua percepção, isso está acontecendo por que a “a mídia tá veiculando muito sobre a dança, e hoje há uma vontade muito grande de dançar, e tá tendo muita queda de preconceito atualmente.” Segundo a depoente 10, essa igualdade é dada em grande parte pela mídia e notadamente pelo forró. Segundo ela:

O motivo disso é a influência. Hoje, por exemplo, você pega as pessoas que são influenciadas pelo forró, você mais vê pessoas mais novas sendo influenciadas pelo forró. Aí, você vai ver qual é essa relação que tá por trás. A relação é uma relação corporal com a menina, né? Acredito que a dança de salão se difundiu no meio dos homens hoje com uma facilidade muito maior, e até mesmo com os objetivos que a dança de salão proporciona, a ele, a uma facilidade de conquistar certas coisas.

Em relação às razões para a diferença da procura entre homens e mulheres, Massena associa a um preconceito masculino relativo a esse tipo de atividade. Dançar não estaria associado ao universo masculino, sendo motivo de desconfiança em relação à masculinidade de seus praticantes.¹²

Como solução para esse problema, do excedente masculino, a academia possui os chamados “bolsistas” “homens geralmente jovens que não pagam e podem frequentar todas as aulas que desejarem, assumindo em contrapartida a obrigação de servirem de par todas as vezes que for necessário.” (MASSENA, 2006, p. 39)

Salienta-se aqui que essa é uma prática recorrente em academias de dança de salão por todo o Brasil, mesmo por que a referida academia pesquisada por Massena serve de referência, esta inclusive, trabalha com sistema de franquias por todo o Brasil. Ela também oferece um curso de formação de professores, que existe há 15 anos e hoje é ministrado a cada seis meses. Por isso, esse objeto de estudo tem uma representatividade muito significando em se tratando de academias de dança de salão no Brasil.

Voltando ao problema dos homens em academias de dança de salão, Massena nos apresenta em seu objeto de estudo, um aspecto interessante. Mesmo esses bolsistas aliados aos alunos homens da academia não são suficientes para comportar o número de mulheres alunas. Massena afirma que “Nota-se uma tensão latente, já que as damas se sentem frustradas por ficarem sem par. De acordo com o depoimento de uma aluna de Arôxa, médica, de 29 anos, *‘é como se existisse uma luta velada pela busca dos melhores cavalheiros’*”. (MASSENA, 2006, p. 39)

A autora aponta para uma tensão entre o homem/dançarino, na academia, aquele que

¹² O desconforto do homem em relação ao universo da dança ficou claro já em meu primeiro dia na academia de Arôxa. Antes do início da aula, o gerente do Centro se aproximou de mim e de meu par e, depois de se apresentar, comentou com o novo aluno que o primeiro dia era muito difícil, mas que ele não podia desistir. Falou que fazia questão de “*sempre dar uma força para os homens no princípio, já que sabia que era complicado para eles*”, afirmando que “*eles sempre se sentem constrangidos e que muitos desistem logo de aprender a dançar*”. (MASSENA 2006, p. 38)

é raridade, e a visão social acerca do homem que dança:

A posição do homem que dança configura, portanto, um paradoxo. Enquanto no contexto da escola de dança ou durante os bailes, os homens que dançam (principalmente os que dançam bem) são enaltecidos, invejados por sua habilidade pelos outros homens e desejados como par pelas mulheres, fora desse âmbito são sujeitos a acusações de homossexualidade e considerados menos homens. (MASSENA, 2006, p. 40)

A autora ainda explica que:

Dançar, e especificamente dançar profissionalmente, não corresponde a um comportamento típico da considerada “masculinidade hegemônica”: o tipo de masculinidade que norteia o que é ser “homem de verdade” em nossa sociedade. Dessa forma, o homem que dança integra um tipo de masculinidade subordinada, desviante em relação à masculinidade tomada como padrão e por isso desvalorizada. (MASSENA, 2006, p. 41)

Como pode ser observado, dentro do universo da dança de salão existem representação e modos diferentes de ser homem. A dança é vista como algo inerente à mulher, isso coloca o homem que dança em um padrão desviante de masculinidade. Tecendo um contraste entre os corpos dos homens e das mulheres na academia, a autora descreve que:

Durante as aulas, as mulheres parecem mais “soltas”, mexendo mais os quadris e mostrando mais familiaridade em executar certos movimentos ritmados. O corpo da dançarina deve ser ágil, flexível, e principalmente “feminino”, adjetivo que nesse contexto resume graça, leveza, sedução e charme. Para os professores, a mulher que dança deve ser charmosa, executar os movimentos com elegância, porém de forma sensual. (MASSENA, 2006, p. 51)

Os homens, por sua vez:

Demonstram maior dificuldade para dançar, mostrando-se mais “duros”, contidos. Segundo uma professora do centro de dança com quem conversei, “*é como se tivessem medo de se soltarem o quadril deixassem de ser homens*”, de que o movimento fosse taxado de “exagerado”, “afetado” ou “efeminado”. Arôxa brinca com o assunto, incentivando: “*Podem mexer o quadril que vocês não vão virar gays. Eu sou a prova viva disso, podem confiar*”. (MASSENA, 2006, p. 52)

Em suas observações, a autora nos traz o fato de que “o professor, a todo momento, reforça a idéia de que para dançar bem, é necessário ser “macho”, decidido, viril, argumentando

que só dessa forma o homem será capaz de conduzir apropriadamente a mulher durante a dança.” (MASSENA, 2006, p.52) Assim, o problema da falta de homens em academias de dança de salão se liga a esse ideal de homem que não dança, é combatido na academia. Os homens que entram são colocados frente a um discurso e atitudes que valorizam a masculinidade na dança, enaltecendo a virilidade, criando um contraponto ao discurso corrente na sociedade.¹³ Isso fica patente nas conclusões de Massena (2006, p. 53) que, analisando o discurso do professor, afirma:

Esse discurso pode ser relacionado a uma tentativa de se desmistificar a idéia que associa a prática da dança a um possível comprometimento da virilidade. Trata-se, assim, de uma estratégia de “tranqüilização masculina”, que objetiva deixar os homens mais à vontade para dançar através de uma constante reafirmação da masculinidade.

Questionou-se aos depoentes se seria mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar a dança de salão. Em resposta, a maioria afirmou que é mais fácil para a mulher aprender a dançar, uma vez que “as mulheres são conduzidas e não precisam se preocupar com o espaço no salão, com o ritmo e com a seqüência de movimentos.” (depoente 01). E por este fator da condução, “ela consegue se virar muito melhor do que um homem que nunca dançou com alguém que já dança. Justamente por isso, é o homem que conduz, então, tem essa vantagem à mulher.”

Porém, “o homem, além de ter que aprender os passos e a conduzir, ainda tem que criar.” (depoente 07), “esse ter que conduzir” se traduz em um elemento tido como uma vantagem em determinados contextos. Como por exemplo, o homem poder escolher quem vai tirar para dançar, enquanto que cabe a mulher aceitar o convite. Ou pelo fato de ser ele quem leva e consegue dançar com uma mulher mesmo que ela não saiba dançar muito bem.

Outro motivo que nos chamou atenção foi à idéia de que aprender a dançar é mais fácil para a mulher, por ela já ser portadora de “uma leveza natural” (depoente 04), ou seja, “as mulheres já nascem sabendo dançar”. (Depoente 05). Em contraponto a essa afirmação, a depoente 09 afirmou que:

Acredito que é mais fácil para a mulher aprender a dançar, devido às questões culturais.

¹³ Arôxa fala que “para dançar bem o cavalheiro deve gostar de mulher, gostar do cheiro da mulher, deixar bem claro que é heterossexual e que tem orgulho disso”. Afirma que mesmo quem é homossexual, durante a dança, deve se apresentar como “macho”: “O cara pode ser homossexual, mas ainda é homem, não pode ter atitude de bicha”. (MASSENA, 2006, p.52)

A mulher vivencia mais seu corpo em movimento, é mais permitido; enquanto o homem é mais econômico em seus movimentos, qualquer movimento além do necessário para as atividades diárias é entendido como excesso. Dançar exige permissão do dançarino, ao seu corpo para que esse possa expressar-se, a partir do sentimento despertado, provocado pela música.

Assim, essa “suposta” facilidade que a mulher tem em relação ao homem na dança de salão está expressa não somente no fato de ela somente ter que seguir o homem, mas também por questões que estão além deste fato, o preconceito contra o homem dançante apareceu aqui como fato limitador da frequência dos homens da dança de maneira geral, e também com um fato inibidor de seu aprendizado, pois como nos fala a depoente E3 “o homem, digamos, ele é um pouco mais duro, e também ele tem um pouco de preconceito, eu acho, a maioria dos homens. Eles têm preconceito, por exemplo, de rebolar, no caso de dançar uma salsa.”

Em contraponto, as afirmações de que “é mais fácil para a mulher aprender a dançar”, houve quem afirmou que o nível de dificuldade é igual. A depoente 06 afirma “Não vejo distinção no aprendizado para ambos, porque cada um tem o seu passo e sua importância na dança.” Entretanto, um motivo que aparece nessa suposta maior dificuldade para os homens se expressa justamente para sobrepor essa barreira cultural das pessoas, que vêem o mundo da dança como algo inerente à mulher, e isso se alia ao fato de o homem ser obrigado a aprender a conduzir a dama. Isso faria com que “o início seja mais fácil para a mulher. Mas, quando os homens aprendem a conduzir e a propor movimentos, o desafio para elas aumenta mais.” (depoente 03) Outro relato que nos esclarece isso é o da depoente E1 que analisa:

Por um lado eu acho que... no sentido de aprender o passo, eu acho que pra mulher, mas, com o tempo, eu acho que a coisa vai se emparelhando, vai ficando mais certinha porque, no início, o homem tem muito essa coisa do pensar na condução e no passo ao mesmo tempo, e com o tempo, a mulher vai percebendo que não é só o homem pensar na condução, que ela tem que prestar atenção na condução. Que esse prestar atenção na condução é de uma dificuldade imensa (risos), por experiência própria, que a gente sofre demais, [...] Então vai, essa coisa da dificuldade de aprender, eu acho que realmente no início a maior dificuldade é do homem. Muito pelas questões que eu falei antes também, que é e ele chegar a fazer uma aula de dança, ele passou por muita coisa já, coitado! Então assim, eu acho que com o tempo, depois de algumas aulas, a gente vai percebendo que essa dificuldade vai se igualando nesse sentido.

Então, o que podemos perceber é que um homem pode carregar uma mulher e, com isso, dar a impressão de que ela está dançando bem, quando, na verdade, ser uma boa dama é justamente levar a dança a um grau de atividade (no sentido de uma não passividade), onde ela

não é carregada, mais sim interpreta os estímulos propiciados pelo cavalheiro e isso demanda tanto tempo quanto o “aprender a conduzir”. Em relação a esse assunto, fala do depoente E11 é esclarecedora.

A mulher às vezes tem essa ilusão de que ela sabe dançar porque ela pega um bom dançarino, um bom professor, e ele a conduz, e ela tem essa ilusão de que ela está sabendo dançar. É uma ilusão porque se ela pegar um dançarino normal, digamos assim, que não vai conduzir com mais força do que é necessário, que não vai carregá-la pelo salão, ela não vai conseguir dançar bem. E nem da forma como ela tá dançando sendo carregada, sendo forçada a fazer os movimentos, não é dançar bem. [...] Então eu acho que são somente dificuldades diferentes. Eu acho que as dificuldades são do mesmo grau pra ambos, pro homem e pra mulher. Só que são diferentes. Enquanto que pro homem é difícil lidar com a condução, com as decisões, com a liderança, pra mulher é difícil dosar aquilo que eu falei, em quais momentos ela pode ir além do que ele tá conduzindo, como que ela pode enfeitar, adornar aquela dança, e aí sim ser uma boa dançarina, não se limitar a simplesmente seguir o homem.

Por fim, entende-se que não são níveis ou graus diferentes de dificuldade, mas sim, são elementos diferentes, competências diferentes a serem apreendidas, em mesmo nível de dificuldade. “pro homem é muito difícil conduzir. Pra mulher é difícil adquirir a sensibilidade, a prática, a percepção, o treinamento, pra seguir a condução, pra entender o que passa pra fazer com o mínimo de gesto do homem.” (Depoente E11)

Logo, fica claro que esta relação pode ser vista como um jogo que exige um esforço de ambas as partes, proporcionando bom relacionamento. Entendemos então que não existe uma relação de competição entre as partes do casal, mas a formação de uma dupla, um time, onde o objetivo é conseguir um nível cada vez maior de desenvoltura e produção estética. Como relata Massena:

A idéia de que o homem atua exclusivamente como agente, como aquele que pratica a ação, e a mulher unicamente como paciente ou receptora, sofrendo essa ação parece equivocada. Na medida em que durante a dança cada passo depende da ação e interpretação do outro, pode-se dizer que se estabelece entre eles uma interação dialógica, um jogo, que para se configurar como tal e alcançar êxito depende da reciprocidade. (MASSENA, 2006, p. 50)

Além de ser divertido e prazeroso para o casal conseguir uma boa dança onde os movimentos de ambos se formam do contato entre os corpos, surge uma forma harmônica e esteticamente adequada aos padrões socialmente aceitos naquele contexto. O casal ainda deve seguir o fluxo daquela dança e não esbarrar nos outros dançarinos.

Em sua pesquisa com praticantes de dança de salão, Volp empreendeu duas entrevistas, uma antes e outra após um período de aulas de dança de salão. Como resultado, ela descobriu que “a atitude dos jovens em relação à importância da aparência e do tipo físico da parceria diferiu de um momento para o outro, entre a de antes e a segunda depois do curso de dança de salão”, onde:

A valorização da aparência foi substituída pela valorização do domínio da habilidade, assim como, passou a ser avaliada a dependência na situação. Isto é, é mais importante saber dançar do que ter somente boa aparência e esta última pode sobressair quando as pessoas não se conhecem e se aproximam num primeiro contato. (VOLP, 2004, p. 115)

Logo, saber dançar para ambos os sexos após um tempo de contato com a dança passa a ser um elemento fundamental, estando acima da beleza. Esta, por sua vez, é um conceito socialmente construído. A beleza está ligada a padrões estéticos os quais nos identificamos. A amizade, o respeito e consideração pela pessoa com que se dança, são fatores a serem considerados. Pois como afirma Volp, “a mudança de atitude parece favorecer a valorização do saber dançar e, como comentado pelos jovens, da pessoa em si, pelo que ela é.” (VOLP, 2004 p. 116)

Após um tempo frequentando aulas, “ambos os sexos consideraram a dança de salão facilitadora da desinibição e como atividade que gratifica o dançarino com a admiração de outras pessoas.” (VOLP, 2004 p. 113) Ou seja, ao passo que as pessoas tomam contato com o universo da dança de salão percebem que ganhariam admiração se dançarem bem. Esse dançar bem requer um bom cumprimento das regras do jogo da dança de salão. Em relação às regras:

Os jovens posicionaram-se positivamente em relação às regras básicas da dança de salão. Parece que com isso pretendiam dizer apenas algumas, enfatizando que essas devem servir para gerar condições ao dançarino de sentir-se em segurança para dançar e ao mesmo tempo livre para criar. Colocaram também o tipo de ambiente (formal ou informal) como determinante da conveniência em seguir as regras. (VOLP, 2004 p. 125 – 126)

Assim sendo, as convenções de papéis sociais homem-indutor, que “tira para dançar” e mulher-induzida, que é “tirada” se estabelecem como regras, além de darem os contornos do que seria a dança de salão. Portanto, estes são meios necessários para que a dança ocorra. Em campo, Volp encontrou como regras em seus entrevistados os seguintes aspectos:

Por regras, eles também entendem qual o passo que se utiliza nesse ou naquele ritmo. Utilizam-se desse conhecimento também como referência para analisar se os outros casais dançam bem ou mal. Deixam evidente, ao analisarem os outros dançando, o que aprendem como regras e como as levam em consideração. Assim, olham a leveza, a harmonia na dança dos casais, o respeito ao ritmo, o fato de não se pisarem, a condução bem feita, etc. Colocam a segurança e tranquilidade ao dançar como decorrentes do respeito à técnica e às regras e detectam isso na leveza, soltura, no sorriso dos dançarinos, se o casal conversa, etc, oposto à tensão do corpo, pernas estendidas e "duras". (VOLP, 2004 p.126)

Logo, são as regras que além de propiciarem o jogo, é que vão mostrar quem são os melhores dançarinos. Esses são justamente aqueles que têm um maior domínio de si próprio, que sabem seguir as regras com destreza, estabelecendo um processo criativo dentro dos elementos que lhes são dispostos. Além do mais, essas regras, criam limites e, portanto, segurança para seus atores. Como regra, podemos saber o que esperar dos outros. Logo entende-se, como regra, além dos processo técnicos da dança a dois, também as normas de etiquetas nos espaços de dança, pois, “Existe um comportamento (conduta) esperado no salão, tanto ao dançar quanto na abordagem à parceria convidando a dançar ou agradecendo a dança.” (VOLP, 2004 p. 126 – 127)

2.1.2 Dança de salão e regras

A dança de salão coloca os corpos de pessoas diferentes em contato direto, e em situações não cotidianas de intimidade corporal. Para que isso ocorra, exige-se autocontrole dos seus atores. Volp (2004, p. 103) afirma “que mesmo os dançarinos ‘leigos’ conhecem as regras gerais do como dançar e este código comportamental se propaga, naturalmente, nos ambientes de dança, tornando-se claro mesmo para iniciantes.” Logo há um sistema socialmente aceito em relação aos espaços onde se pratica a dança de salão, estes que instituem papéis e limites para a relação das pessoas. Sobre essa construção história e social do cavalheiro e da dama, Massena (2006, p 96) nos traz as seguintes análises.

Essa visão do cavalheirismo do dançarino está relacionada ao processo civilizatório estudado por Elias (1994). Para ser considerado um bom dançarino, o homem deve assumir quando dança o papel de cavalheiro. Para assumir esse papel deve exercer um controle de si muito maior, afastando expressões violentas de sentimentos e praticando a auto-contenção emocional – atitude que Elias descreve como típica do processo civilizador.

Como se pode observar, para que a dança de salão aconteça de forma a não prejudicar

seus praticantes, existe um conjunto de normas e regras. A dança pode acontecer mediante uma teatralização do ambiente, mesmo com essa permeada por um roteiro predefinido.

A autora ainda traz afirmações que mostram que esses padrões e esse roteiro devem ser seguidos em determinados locais onde, são diferentes da vida corrente. Ali naquele espaço, existem regras que devem ser adotadas, criando um mundo próprio que se encerra naquele tempo e espaço pré-definidos. Isso fica evidente quando a autora afirma que “sendo um casal na vida real, apenas amigos ou tendo se conhecido no momento da dança, para se encaixar dentro dos padrões que norteiam o que é ‘dançar bem’, o par deve cumprir esses requisitos e simular a corte romântica.” (MASSENA, 2006, p. 101)

Todos estes padrões de romantismo, apesar de reforçarem o contato corporal entre o homem e a mulher, têm por fim diminuir o perigo existente pelo não controle desse contato. Pesquisando sobre dança de salão, Massena encontra a palavra “perigo” como algo relevante neste universo.

O perigo, referido várias vezes pelas entrevistadas, encontra-se justamente em dançar com quem “não se conhece” e que, dessa maneira, “pode ser qualquer um”. A dança, a proximidade dos corpos e o clima de sedução que rege o ambiente, podem favorecer o envolvimento entre desconhecidos. (MASSENA, 2006, p. 78)

Além disso, a dança se cria através de um universo de regras próprias, que se ligam também à forma correta de se dançar. Há um ideal de movimento esperado de quem entra no salão. Isso vai dialogar também com a relação técnica em si. Estética e técnica estão intimamente ligadas. Pela técnica, chegamos a uma estética. Não basta dançar, deve-se dançar da forma mais aceita pelo grupo o qual faz parte.

Durante uma aula, ouvi de um aluno a seguinte afirmação: “A gente vem para cá achando que dançando vai se soltar, vai botar tudo para fora, mas não é bem assim. A gente tem que botar para fora não de qualquer jeito, mas do jeito da dança de salão. Antes eu dançava de qualquer jeito. Agora, não, eu danço do jeito que estou aprendendo”. (MASSENA, 2006, p. 84)

Ao pedir para ele me explicar melhor essa diferença, o rapaz, engenheiro, de 25 anos, respondeu:

“Eu sou tímido. Então, agora que acho que danço melhor e sei o que fazer, tenho menos vergonha estou mais solto. Eu era mais tímido para dançar, tinha vergonha, sabe? Mas,

por outro lado, não, estou menos solto, porque não danço de qualquer jeito, do jeito que eu inventar. Agora minha vergonha é outra. Tenho vergonha de dançar de qualquer jeito, tipo, bancar o doido". (MASSENA, 2006, p. 84)

Em relação à pesquisa empreendida por Volp (2004), os alunos afirmaram que a dança favorece a desinibição, mas isso está subordinado a regras. Além das normas de conduta e da apropriação da técnica da dança, cada um deve saber de acordo com seu gênero. Outro elemento que podemos apontar é a obrigatoriedade de deslocamento no sentido anti-horário no salão que algumas danças comportam¹⁴. Logo, existe um paradoxo entre a liberdade e a subordinação às regras da dança de salão tanto no salão¹⁵ quanto nas aulas¹⁶ de dança.

Segundo Massena (2006, p. 59), a dança de salão enquanto uma atividade pode recriar sentimentos numa situação imaginária. Ela afirma que “essa recriação, que caracteriza um jogo tenso e por isso mesmo prazeroso, caracteriza bem o espírito teatral da dança de salão.” (MASSENA, 2006, p. 59).

Em relação à tensão, Huizinga apresenta as seguintes considerações:

Tensão significa incerteza, acaso. Há um esforço para levar o jogo até ao desenlace, o jogador quer que alguma coisa "vá" ou "saia", pretende "ganhar" à custa de seu próprio esforço. [...] O jogo é "tenso", como se costuma dizer. É este elemento de tensão e solução que domina em todos os jogos solitários de destreza e aplicação, como os quebra-cabeças, as charadas, os jogos de armar, as paciências, o tiro ao alvo, e quanto mais estiver presente o elemento competitivo mais apaixonante se torna o jogo. Esta tensão chega ao extremo nos jogos de azar e nas competições esportivas. Embora o jogo enquanto tal esteja para além do domínio do bem e do mal, o elemento de tensão lhe confere um certo valor ético, na medida em que são postas à prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem e, igualmente, suas capacidades espirituais, sua "lealdade". Porque, apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo. (HUIZINGA, 2000, p. 12)

A dança de salão se dá entre homem e mulher no intuito de que o casal seja uno, seja harmonioso. Ambos estudam dança para serem melhores jogadores e não para competir com o sexo oposto, ou seja, que para jogar melhor com o outro componente do casal.

¹⁴ Segundo MASSENA (2006 p. 85 – 86): Em relação ao conjunto dos dançarinos deve se agir de forma respeitosa, de forma a não atrapalhar o desenvolvimento da dança alheia. Os casais devem bailar em um sentido específico, geralmente no sentido anti-horário, e respeitar o espaço dos outros casais na pista.

¹⁵ Embora digam que o baile é um lugar onde “tudo pode acontecer”, as coisas acontecem dentro de limites bem definidos. Ainda que possa guardar surpresas e promover encontros inesperados, é possível se pensar que no baile existe também algum tipo de controle, como durante as aulas de dança. (MASSENA 2006, p. 86)

¹⁶ Durante as aulas, o controle é feito de forma mais direta. O ambiente de aula, embora seja repleto de brincadeiras e descontração, não deixa de ser um ambiente controlado, onde existem alunos que pagam para aprender a dançar e professores que devem cumprir esse papel, ensinando a dança. Existe uma relação formal e comercial, em que os papéis estão bem claros, assim como a hierarquia. (MASSENA 2006 p, 87)

O elemento de tensão está presente na dança de salão. Cada passo pode ser decisivo. O casal se encontra em um salão onde a imprevisibilidade é algo patente. Nunca se sabe o movimento do casal ao lado. O clima que a dança busca encenar, vem de acordo com um emaranhado de regras que o casal comunica entre si. Logo, na dança de salão, não basta se movimentar ligado a alguém. É necessário uma destreza em relação aos códigos que são construídos mediante regras a serem seguidas por quem dança, tornando a dança um jogo tenso tanto para o homem quanto para a mulher.

Segundo Massena:

O universo da dança de salão se caracteriza por um tipo de sociabilidade peculiar, marcada fortemente pela sedução. Sociabilidade é um conceito definido por Simmel como “uma forma lúdica de associação” (1983:169), em que a interação social tem seu fim nela mesma. Cada espaço de sociabilidade está permeado por regras de conduta (Simmel, 1983), que modelam as formas de se relacionar socialmente nestes espaços, guiando as pessoas a agirem de acordo com o que se espera delas. (MASSENA, 2006 p. 89)

Essa informação parece estar de acordo com o que nos falar Huizinga sobre o jogo e suas regras próprias. A dança de salão como todo jogo, está cercada por uma atmosfera lúdica, que é constituída por um conjunto de normas que precisam ser seguidas para que o jogo possa efetivamente acontecer e, mais do que isso, essas regras propiciam segurança às pessoas que freqüentam espaços de dança de salão. As mesmas regras que caracterizam a dança de salão também são elementos de tensão, pois:

A dança de salão relaciona-se ao imaginário amoroso romântico, em que o casal é sua expressão mais concreta. No caso da dança, o par que “evolui” no salão não necessariamente é heterossexual, casado ou mesmo com algum relacionamento afetivo. Porém, de alguma forma, representa o ideal diádico romântico em que dois indivíduos formam uma só entidade: o casal. (MASSENA, 2006 p. 92)

Em relação às regras e preceitos de um jogo encontramos as seguintes afirmações de Huizinga:

Por sua vez, estas regras são um fator muito importante para o conceito de jogo. Todo jogo tem suas regras. São estas que determinam aquilo que “vale” dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão. (HUIZINGA, 2000 p. 12)

Assim, podemos então afirmar inclusive que o que caracteriza um jogo são

justamente as suas regras. Elas determinam como será o jogo, que elementos permeiam a busca do objetivo a ser alcançado, criando assim, uma identidade, uma estética.

Podemos notar que esta relação condução-conduzido e deslocamento no salão, referem-se a coisas funcionais para a dança, são regras não discutidas. O que ocorre com a prática e o estudo é que seus praticantes conseguem cada vez mais um grau de refinamento e autonomia em relação a estas regras. Contudo estas não se perdem, se traduzem em elementos que caracterizam a dança, tornando possível sua prática.

Notamos então, tendo como referência as observações de Mariana Massena que, se existem regras estabelecidas, estas podem ser re-apropriadas pelos seus atores. Porém ainda existem padrões que são seguidos, como os seguintes:

Assim, o esperado da dama na dança de salão é a passividade, enquanto do cavalheiro, espera-se a atividade. Ele não só escolhe a dama, como esta deve obrigatoriamente aceitar. Recusar um convite de um cavalheiro para dançar é uma das maiores gafes que podem ser cometidas de acordo com as regras de conduta da dança de salão. Segundo Arôxa, *“a mulher deve dar pelo menos uma chance ao homem, e aceitar dançar no mínimo uma música. Depois pode até falar que está cansada, mas não recusar de primeira”*. A mulher que, contrariando essas normas, recusa um convite, é mal-vista e provavelmente nunca mais será chamada pelo cavalheiro recusado ou mesmo por outros que presenciaram a cena. (MASSENA, 2006, p. 42)

Em relação a esse ponto, Huizinga afirma que:

O jogador que desrespeita ou ignora as regras é um "desmancha-prazeres". Este, porém, difere do jogador desonesto, do batoteiro, já que o último finge jogar seriamente o jogo e aparenta reconhecer o círculo mágico. É curioso notar como os jogadores são muito mais indulgentes para com o batoteiro do que com o desmancha-prazeres; o que se deve ao fato de este último abalar o próprio mundo do jogo. Retirando-se do jogo, denuncia o caráter relativo e frágil desse mundo no qual, temporariamente, se havia encerrado com os outros. Priva o jogo da *ilusão* — palavra cheia de sentido que significa literalmente "em jogo" (de *inlusio*, *illudere* ou *inludere*). Torna-se, portanto, necessário expulsá-lo, pois ele ameaça a existência da comunidade dos jogadores. (HUIZINGA, 2000 p. 12)

Assim percebe-se que, se existem regras construídas socialmente, elas podem ser “quebradas”. Porém, existe um sistema de coerção neste meio, entendendo que a dama que não aceita o convite pode ser entendida como a desmancha-prazeres.

Embasada em Norbert Elias (1994)¹⁷, Massena analisa que:

¹⁷ Segundo Massena, Elias afirma que “o controle das emoções pelo indivíduo é feito através da coação externa de seu meio social e da coação interna, produzindo no indivíduo o autocontrole.” (MASSENA 2000, p. 83)

No caso da dança de salão, a coação externa acontece por meio do aprendizado de passos, que devem ser reproduzidos e de normas de comportamento, que devem ser adotadas. Por mais liberdade que o dançarino possa ter para inovar em sua técnica de dança, sempre deve se adequar a um estilo, de forma a não descaracterizar a dança de salão. (MASSENA, 2006, p. 83 – 84)

Assim, na dança de salão é naturalizada a relação homem indutor e mulher induzida. Estes papéis são necessários para a concretização da dança. Esta se apresenta como algo que procura criar uma via onde um induz o movimento do par (historicamente construído como casal), que deve ser decodificado e interpretado pelo outro. O resultado disso é um movimento uníssono dos dois corpos que estão no salão dialogando com a música. Com os outros casais da pista e com os que observam, tudo isso mediado por uma série de padrões a serem seguidos, para assim conseguir uma aceitação daquele grupo em questão.

Tudo isso está envolto por um conjunto mais geral de padrões historicamente construídos, que criam o ambiente do jogo atual da dança de salão, onde uma possível transgressão seja neutralizada via encenação que se encerra na própria dança:

A cultura específica da dança de salão, ao privilegiar e tornar usual a encenação da corte romântica, faz com que ela perca sua significação relativa a um envolvimento afetivo. Cortejando todas as damas, o homem não se compromete com nenhuma. Tudo está sob controle, já que este é o comportamento esperado dele. Ao mesmo tempo, a mulher, quando aceita a corte e se faz coquete para todos os cavalheiros, não corre o risco de ser identificada como uma mulher “fácil”. (MASSENA, 2006, p. 105)

Logo, se criou um modelo prévio de comportamento para esse contexto, não havendo perigo, pois o jogo encena um lugar e tempo próprio que não se confunde com a seriedade da vida corrente, mas não deixa de ser uma seriedade dentro do contexto que se cria. Essas regras não são totalmente impostas, elas fazem parte desse universo, tornando a vivência possível.

Ao perguntar aos depoentes se acham que a mulheres gostam de serem conduzidas na dança de salão, todas as resposta caminharam para o sim, ou seja, elas gostam de serem conduzidas, mas este gostar está intimamente relacionado em ser conduzida por alguém que conduz bem. Segundo a opinião da depoente E3, “às vezes, as mulheres acabam conduzindo também [...] porque o cavalheiro, porque se ele não conduz, e a dama sabe um pouquinho mais, ou ela fica esperando que o cavalheiro conduza, e ele não conduz, ela acaba fazendo alguma coisa sozinha, tipo, ela tenta arrastar o cavalheiro também.” Um dos motivos relacionado a esse gostar de ser conduzida foi o não ter muitas responsabilidades. Segundo a depoente E3:

Eu acho que é interessante quando você dança com alguém que conduz bem, porque, aí, você não precisa, você não tem aquela tensão, você se sente, como que eu vou te explicar? Acho que é uma questão até de segurança mesmo, quando a pessoa conduz bem, você sabe que você vai conseguir acompanhar, porque você pode relaxar e prestar atenção nas dicas do cavalheiro, você vai fazer coisas que até você não aprendeu ainda, e, se o cara conduzir muito bem, você faz até sem perceber.

Assim, encontramos respostas positivas em relação ao ato de serem conduzidas. A depoente 03 afirma que “elas gostam de serem conduzidas por vários motivos, principalmente pelo comodismo e porque sempre foi assim.” Em relação a isso a depoente E2 afirma que a condução “É uma questão histórica, mas eu acho que atualmente tem que ter alguém pra dirigir a coisa. E a proposta é essa. É a comunicação. Um pergunta e o outro responde. Eu acho que só propicia ali a dança quando tem um condutor ali”. Mas em meio a isso a dama tem autonomia. Segundo a mesma depoente, ele prefere danças em que a dama pode enfeitar, devido a um grau maior de conhecimento e liberdade dada pelo cavalheiro.

Falando sobre se as mulheres gostam de serem conduzidas, a depoente E1 analisa que: “Acho que gostar não é bem a palavra. Mas a gente já se acostumou, na verdade. [...] E, sinceramente, eu não acho muito ruim não, mas eu acho que quem não gosta de ser conduzida é justamente quem tem essa dificuldade de se entregar, de tentar procurar essa versatilidade.”

Logo, questões ligadas à própria essência da dança de salão, foram enfatizadas para explicar o porquê de as mulheres serem conduzidas, e também esse “ser conduzida” também é visto como um elemento que confere liberdade a mulher, uma vez que:

A mulher tem os passos mais complicados da dança, pois seu papel não é ser passiva, mas sim de fazer a dança ficar realmente bonita. A maioria das mulheres amam ter essa liberdade para se expressar e para desenhar com seu corpo, sem ter que se preocupar com o planejamento da dança e dos passos. A mulher não é obrigada a fazer nada; ela só o faz se sentir vontade, ou seja, se a condução for digna e apropriada. Alguns homens, no entanto, conduzem mal e tornam a dança extremamente desprazerosa para a mulher. (depoente 15)

Logo, ser dama e, com isso, ser conduzida, traz consigo suas vantagens e desvantagens. Pois, “é um papel de menos responsabilidade” (depoente 12), uma vez que mulher não tem que se preocupar com os outros casais do salão, pois existe a idéia de que o homem leva a mulher. Segundo a depoente 11, ser conduzida é “uma maneira de se sentir mais feminina, protegida, cuidada, com a atenção do cavalheiro voltada para ela.” Porém, lhe cabe um alto grau

de atividade que ocorre à medida que a dama tem que seguir o cavalheiro e se possível, ser capaz de enfeitar. Ter autonomia no meio das proposições que este faz durante a dança. Segundo o depoente E9, o cavalheiro “mostra o caminho, a pessoa (a dama) faz. Esse negócio de pegar e levantar cá, levando lá, ela esta sendo é carregada, ela não esta dançando.”

Mas, como salienta-se, o processo de condução no qual cabe à dama seguir o cavalheiro, é algo inerente à dança. É algo esperado por seus atores, por saberem que, quebrando esta regra, estarão dançando algo fora do comumente aceito como dança de salão. Isso está exposto na fala do depoente E10, ao afirmar que “é das meninas, como eu falei, é uma coisa construída historicamente. Eu acho que já vem dela. Isso já vem da cultura. A dança de salão é uma dança a dois, onde a mulher, ela é conduzida. Ok. Então, ela já espera isso, ela já vem com essa relação.”

Em relação a isso o depoente E11, relata que:

Então eu acho que sim, claro, muitas não gostam, mas eu acho que inclusive hoje... eu não sei, pode ser impressão minha, mas nos meus primeiros anos quando eu dava aula, eu via muita mais mulheres reclamando disso. Às vezes de brincadeira, mas você via que tinha uma certa resistência de ser conduzida, de simplesmente relaxar e deixar ser levada. E interessante que agora, pensando nisso, nos últimos anos eu não vejo praticamente isso mais. Às vezes numa brincadeira ou outra, mas eu acho que também pela maneira como atualmente a gente lida com a condução que é de uma forma um pouco diferente do que era antigamente. Antigamente era uma coisa muito mais de dar as ordens e obedecer. Inclusive, se falava muito em “comando”, e hoje a gente não fala mais em “comando”, a gente fala em “condução”, que é uma coisa muito menos autoritária, e que ajuda nisso também.

Em contraponto, perguntou-se se os homens gostam de conduzir na dança de salão. As respostas foram semelhantes às questões levantadas sobre se as mulheres gostam de serem conduzidas. A depoente 01 afirmou que “não, pois conduzir é tarefa muito difícil de aprender e que requer tempo e dedicação.” Já a depoente 2 acredita “que sim pois é a melhor forma de ser bem recebido no salão.” Assim, questões como aptidão foram ressaltadas também pela depoente 03: “Acredito que os homens que têm mais facilidade para dançar gostam de conduzir, mas os homens que têm dificuldades para aprender e se movimentar na dança talvez não gostem tanto. Nunca ouvi nenhum aluno reclamar dessa situação.” Porém o fato de ser o homem que conduz também foi visto como “uma relação de poder.” (Depoente E4). Em relação a isso, questões históricas e atuais se entrelaçam como vemos na fala do depoente E10:

Eu acho que gostam de conduzir muito. É, eu acho que, um dos motivos até da pergunta anterior que você me fez e que me fez lembrar sobre o que os homens buscam mais, eu acho que um dos motivos é esse, mostrar para a mulher uma certa hierarquia, um certo poder: “oh, eu sou capaz de fazer você fazer aquilo”, e isso não tem como não negar, isso é uma coisa que foi construída historicamente dentro da dança de salão e que se perpetua até hoje, e que vai se perpetuar, assim, vai diminuindo, claro, eu acredito que vá passando por esse processo, mas, até um certo ponto, porque como existe na dança de salão, porque tem essa coisa definida, e tem que ter mesmo, mas eu acho que tem coisas que são exageradas, acho que tem homens que tem essa coisa da condução de uma forma exagerada, que passa para outros ideais.

Mas esse mandar traz consigo uma série de responsabilidades. Novamente, vem a questão de saber fazer, no caso, saber conduzir. O depoente 10, afirma que “a preocupação em aprender a conduzir consome um pouco do prazer em conduzir. Por outro lado, pensando naqueles homens que já dançam bem, acho que gostam pelo fato de terem o controle da situação.” Segundo o depoente E11, os homens gostam de conduzir por que:

A dança de salão surge dessa forma também, muito em função disso, desse papel de líder do homem, essa coisa de séculos de uma sociedade patriarcal, então é natural que o homem goste. A maioria, é claro, goste de mandar, goste de liderar, goste de dar as ordens, por outro lado, é um peso muito grande, é uma responsabilidade muito grande. Eu me lembro quando eu estava começando a aprender a dançar, nos primeiros anos, e depois, quando eu ia nos forrós, como que os homens sofrem quando eles não sabem conduzir, porque as mulheres, mesmo no forró que é uma dança mais simples, mesmo ela não sabendo dançar, ela tem uma facilidade, um bom dançarino que a conduza bem e pega pra dançar e ela consegue se virar bem. Mas o homem, não adianta ele pegar uma ótima dançarina porque se ele não souber conduzir, não vai funcionar nada.

Novamente, questões culturais e históricas foram usadas na argumentação a respeito de os homens gostarem de conduzir. Porém, outra questão nos chamou atenção. Segundo o depoente E8:

Eu acho que funciona melhor assim, com um gerenciando, mostrando. Porque se fossem os dois conduzindo imagina a bagunça que não ia ser. Eu acho que não daria muito certo, dentro do princípio que é a dança de salão em que o homem conduz e a dama acompanha, ela responde a condução do cavalheiro, ela reage a ação do cavalheiro. Eu acho que essa ação do cavalheiro é que dá a oportunidade do cavalheiro de ser cuidadoso com a dama dele, é ela que dá a oportunidade do cavalheiro conhecer a dama dele. Porque cada dama você vai ter que conduzir de um jeito.

Ao analisar um grupo de jovens antes e depois de terem contato com aulas de dança de salão, Volp nos mostra que:

Na questão sobre a necessidade de seguir muitas regras para dançar (29a), um número significativo de respondentes mudou sua opinião para uma posição mais favorável. Observando os dados, essa mudança ocorreu principalmente de respostas intermediárias (2) para positivas (3). Isso pode significar que os respondentes que não tinham certeza sobre a utilidade e necessidade das regras na primeira entrevista, obtiveram informações e oportunidades de prática no curso que os levaram a aceitar a necessidade de seguir regras para dançar. (VOLP, 2004 p. 104)

Acredita-se que isso seja algo inerente a todo jogo. A existência de regras é um dos fatores que torna o jogo possível. As regras da dança de salão¹⁸ se por um lado incentivam as pessoas a terem um maior contato de intimidade corporal por outro estabelece papéis definidos sobre como dançar. Além disso, também estabelecem limites, impelindo os padrões de comportamento que são socialmente aceitos e repetidos pelo grupo de seus praticantes, ou seja:

Quanto à aceitação, o que ficou mais claro é que o contato corporal obedece às regras sociais, reforçando-as. Mesmo os que, verbalmente se posicionam contra essas regras, reproduzem-nas, quando em ação, e só ultrapassam os limites quando o nível de conhecimento e relacionamento com a outra pessoa o permitem, o poder global da sociedade é limitador e o jovem, a ele, se submete. (VOLP, 2004 p. 174 – 175)

Essa “submissão” ao poder global da sociedade, que dita as regras, tem uma ligação com o fato de certos dançarinos serem admirados, pois é dentro das regras ditas até agora, que a dança de salão ocorre. Os dançarinos admirados serão copiados, constituindo assim um ciclo, que faz com que estas regras, embora de forma dinâmica e adaptada a cada contexto, se perpetuem. Como afirma Volp, (2004, p. 112) “para os jovens a dança de salão os torna mais sociáveis, os desinibe, e gratifica o dançarino com a admiração de outras pessoas. [...] no geral, deixaram transparecer uma certa timidez em declarar seu orgulho em serem admirados.” Levando em consideração que a pesquisa de Volp se ateve a pessoas que fazem aulas, acreditamos que fazer aulas de dança é um seguro meio para tanto.

É importante discorrer sobre uma questão que está intimamente ligada à dança de salão: a música. Essa relação se estabelece de forma direta. É possível afirmar que a expressão

¹⁸ Em sua pesquisa com adolescentes que tiveram contato com aulas de dança de salão e suas regras, Volp afirma que a impressão dos jovens de que “As regras a que se refere a questão foram expostas quando da descrição da condução e etiquetas de salão. Pode-se ver que são regras simples, que a maioria favorece o desenvolvimento da atividade sem transtornos e que enaltecem papéis sociais tradicionais. Num primeiro momento, e sem conhecimento, a tendência dos jovens é a de se colocarem em oposição às regras do mundo adulto, como simples atitude natural da idade. No caso da entrevista, a resposta intermediária talvez tenha sido a forma polida de assim se pronunciarem. A constatação de que as regras a que se referia a questão eram simples e poderiam ser adotadas sem lhes tirar o status de jovens, fê-los mudar de atitude.” (VOLP 2004 p. 104 – 105)

“Vamos dançar forró” vem na verdade de “vamos dançar *um* forró”. Assim, a técnica da dança e música de origem tem uma fonte em comum. Em um baile em que se está tocando um forró, espera-se que o casal, ao entrar na pista de dança, dance usando as técnicas vindas do forró, e não do tango, por exemplo. Seria bem destoante ver uma pessoa dançando tango em meio a outros dançando forró. Destoante, inclusive, em relação à música. É sobre esta articulação entre música e dança de salão que pretendemos agora discutir.

2.2 O que leva as pessoas a procurarem a dança de salão

Aborda-se agora o que leva uma pessoa a procurar uma academia ou mesmo um baile de dança de salão. Não podemos deixar de perceber que a dança é uma fonte muito forte de sociabilidade. As pessoas continuam aceitando o convite para a dança a dois, mesmo sendo possível para ambos os atores simplesmente recusarem a participarem da dança.

Entende-se aqui a dança de salão como uma atividade voluntária. As pessoas não só vão aos bailes como ainda procuram as academias para fazer aulas e dançar cada vez melhor. Isso implica na capacidade de dançar com mais pessoas e, conseqüentemente, mais vezes. Segundo Everton Vieira Abreu *et al* (2008, p. 651)

Atualmente as pessoas vivem uma vida muito corrida devido às exigências do dia a dia. Isto faz com que elas busquem alternativas para saírem da rotina e a dança de salão é uma das alternativas mais procuradas pelas pessoas e principalmente pelos tímidos. (ABREU *et al*, 2008, p. 651)

Concordando com Ried (2004), Fonseca (2008, p. 16) afirma que:

Além dos aspectos sociais, a dança de salão é uma preciosa arma no combate à vida sedentária, pois além de ter características de esforço físico traz satisfação por ser uma atividade conjunta ao embalo da música. É lúdica e acessível a todos, já que as únicas exigências fundamentais e indispensáveis são a música, espaço e um parceiro.

As aulas e bailes que acontecem em horários divergentes das horas de trabalho dos seus atores, se constituem como uma atividade livre, embora exista certa pressão em certos segmentos ou horas da vida social para que as pessoas dançarem, como a famosa valsa de casamento.

Pode-se então concluir que a dança, assim como o jogo, só “Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual.” (HUIZINGA, 2000, p. 10). Os profissionais que trabalham com a dança de salão estão em posição similar aos que são obrigados a lançar mão desta atividade social de lazer em certos momentos de sua vida social. Cristiane Costa Fonseca afirmou que:

Observamos que, à semelhança de outros estudos a dança de salão vem sendo procurada por proporcionar prazer, satisfação, possibilidade de aprendizado e realização pessoal. Além disso, a prática dessa atividade trouxe benefícios positivos na percepção corporal dos sujeitos pesquisados. Os indivíduos apresentaram melhora na percepção da altura dos segmentos corporais e na percepção da largura do ombro depois de concluído o módulo Iniciante. A dança de salão também promoveu melhora na auto-imagem dos participantes, principalmente as mulheres, que passaram a perceber o contorno corporal mais próximo do que consideram o ideal. (FONSECA, 2008 p. 11)

Em relação à dança de salão, encontramos nas análises de Fonseca um forte argumento sobre a existência do outro. Não basta se mover, isso é construído pela presença do outro e essa presença reflete no desenvolvimento do próprio indivíduo e de sua imagem.

Curiosamente as diferenças, as limitações, as dificuldades se fundem no tempo e na parceria da dança de uma música e os desafios vencidos são comemorados com ares de cumplicidade. Este vínculo, mesmo que momentâneo, entre os parceiros, cria um bem estar duradouro que é o resultado do movimentar-se físico aliado a uma fluidez mental. (FONSECA, 2008 p. 14)

Analisando a dança de salão Abreu, *et al* (2008) nos apresenta considerações que complementam as idéias defendidas por Fonseca (2008), segundo o autor:

As pessoas que buscam esta atividade para perder o medo, normalmente apresentam um comportamento inibido e com a prática desta atividade ela poderá aos poucos perder a sua timidez. Por ser uma atividade que envolve muitas pessoas e tem o contato físico obrigatório, os praticantes aos poucos poderão perder o medo de se expor em situações sociais, de ter um contato mais próximo com as pessoas. Com uma diminuição do medo de se expor, elas terão uma menor sensibilidade a críticas e conseqüentemente o medo de se pensar que serão alvos de avaliação negativa também diminuirá. (ABREU *et al*, 2008 p. 654)

Como discorreu-se até agora, o universo da dança de salão tem como premissa construir um mundo onde a intimidade entre os casais tem um significado próprio e acontece dentro de um ritual padrão :

No caso da dança de salão, o romantismo é um ideal, que permeia todo o grupo e que não necessariamente é adotado como norma entre os casais de dançarinos que realmente mantêm um relacionamento afetivo. O par que dança deve se portar romanticamente. Já a forma como o casal se porta na “vida real”, conforme Jaime Arôxa costuma afirmar, “*é da porta da academia ou do baile para fora, é com eles*”. Dessa forma, o romantismo ganha uma significação muito própria no universo da dança de salão. (MASSENA, 2006, p. 105)

Porém, esse universo romântico também é dançante e saber dançar é algo necessário para que ele ocorra dessa forma. Assim, entende-se que há uma íntima relação entre se gostar de dançar com alguém e o bom nível técnico dessa pessoa. Logo, é plausível afirmar que uma pessoa que dança bem vai ser desejada para a dança, e isso vai se refletir no quesito sociabilidade. Fonseca (2008, p. 14) ainda nos traz as seguintes considerações sobre a prática da dança de salão:

Movimentar o corpo no espaço junto com um parceiro num ritmo musical combinada com a fluidez mental e com o resgate das emoções desencadeadas pela dança envolve a exploração de diversas possibilidades espaciais e articulares determinando a relação do sujeito com seu corpo, com o corpo do outro, com os objetos e pessoas a sua volta. Evoluir na dança pode significar desenvolver-se como pessoa. (FONSECA, 2008, p. 14)

Nesse ínterim as aulas de dança de salão se tornam um importante meio para esse desenvolvimento como ser dançante e como pessoa. Falando especificamente das aulas de dança de salão, tudo torna-se mais claro nas vivências de Fonseca (2008, p. 14), que foi aluna em um grupo de dança de salão em sua pesquisa.

Ainda como observadora nessa situação específica de aula dança de salão, onde os casais são trocados aleatoriamente, entre os parceiros cria-se uma situação em que é necessária cooperação e paciência. Os sujeitos tornam-se companheiros com um único objetivo: dançar. O mandamento da dança social é “dar as mãos e seguir juntos”. Deve existir um olhar sensível para o outro, afinal o outro é seu próprio espelho. Nesse momento a comunicação acontece por meio do corpo, do olhar e do toque. As dificuldades e facilidades são mútuas e todos querem ser aceitos, todos desejam aquele espaço como um espaço de desafios, vitórias, conquistas, prazer, aprendizado, mudanças. Um grande espaço democrático que cabe entre os braços e é do tamanho de cada um. (FONSECA, 2008, p. 14)

Podemos notar então que, para a própria pesquisadora, os momentos significativos em sua vivência foram também os de contato com as outras pessoas, e não somente o processo pedagógico e a aprendizagem em si. Porém, um fato que levanta-se aqui é que, por se tratar de uma dança social, o próprio processo de contato norma de etiqueta e convivência são elementos a

serem aprendidos. Além dos passos, aprender a dança de salão inclui também ter competência de convívio em um espaço limiar, como o baile. Isso fica evidente nas afirmações de Volp *et al* (1995, p. 52):

O ensino da dança de salão abrange um conteúdo técnico e um conteúdo referente à etiqueta social. No conteúdo técnico são abordados temas como postura, condução, percepção rítmica e execução de passos. As etiquetas sociais enfatizadas dizem respeito à atitude individual, de abordagem a uma outra pessoa, e à atitude grupal. (VOLP *et al*, 1995, p. 52)

Um elemento possível de se pensar então é o desenvolvimento didático que as aulas de dança de salão vêm sofrendo com o passar do tempo. O ambiente da academia e da aula é pensado para o bem estar e desenvolvimento do aluno. Assim, são empreendidas estratégias que tornam a dança acessível mesmo para aqueles que têm certo grau de dificuldade. Em um baile o aprendizado se dá na prática, sem ensaios, junto aos outros casais dançando e com poucos elementos facilitadores.

Questionando jovens alunos de um curso de dança de salão, Volp efetiva uma entrevista perguntando por que os jovens dançam. Em resposta, pôde observar que a maioria dos jovens respondeu que dançam simplesmente “porque gostam”. Porém por trás do dançar por gostar, existem outras coisas a serem percebidas, porém, as pessoas não refletem sobre os motivos que geram esse “gostar de dançar”, e cabe aqui nos questionar mais a fundo sobre esse assunto.

Enfatiza-se que “Fazer parte de um grupo é uma necessidade do homem. É uma forma de identificação e o grupo mais tradicional é a família.” Volp *et al* (1995, p. 57) afirma que a dança de salão pode funcionar como acesso do isolamento a um grupo social. No caso da academia de dança de em si, podemos notar a formação de jogadores que são similares, seja pelo gosto a dança, seja por ali dentro estarem se predispondo a aprender um código e um conjunto de elementos para decodificá-lo. É comum os alunos se organizarem para irem a bailes juntos.

As comunidades de jogadores geralmente tendem a tornar-se permanentes, mesmo depois de acabado o jogo. É claro que nem todos os jogos de bola de gude, ou de bridge, levam à fundação de um clube. Mas a sensação de estar “separadamente juntos”, numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, conserva sua magia para além da duração de cada jogo. O clube pertence ao jogo tal como o chapéu pertence à cabeça. Seria demasiado simplista explicar todas as associações a que os antropólogos chamam “fratrias” (como por exemplo os clãs, as irmandades etc.) apenas como sociedades lúdicas. Mas, mais de

uma vez se verificou como é difícil estabelecer uma separação nítida entre, de um lado, os agrupamentos sociais permanentes (sobretudo nas culturas arcaicas, com seus costumes extremamente importantes, solenes e sagrados) e, de outro, o domínio lúdico. (HUIZINGA, 2000, p. 13)

Assim, através da dança de salão, se cria uma comunidade de jogadores. A academia de dança (ou mesmo uma casa de bailes, onde os freqüentadores mais assíduos passam a se conhecer) é um local onde os jogadores podem ser iniciados no universo da dança de salão, podem praticar e aperfeiçoar suas qualidades enquanto jogadores/dançantes. Eles também podem se encontrar em outros locais onde se pratica a dança de salão, como bailes. Segundo Volp, o “saber dançar” pode ser uma porta de acesso a um grupo:

O indivíduo começa a dançar com alguém, percorre o salão entre os outros, passa a dançar com outro alguém, ele, aos poucos, fará parte do grupo e o grupo o integrará. De forma análoga isso pode ocorrer para o adulto. Na relação com parceiros de dança o reajuste ao grupo social pode estar fortemente presente. O saber dançar pode ser a forma de aceite pelo grupo. (VOLP *et al*, 1995, p. 57)

Assim, a aula de dança de salão pode, como no caso acima descrito, ser uma porta de acesso a um grupo social. Porém, não deixamos de levar em conta que a participação de grupos sociais está permeada pela aproximação de pessoas que possuam os mesmos signos, idéias e gostos. Logo, é plausível afirmar que uma pessoa que goste dançar se sinta atraída por um grupo social que tenha os mesmo gostos. O contrário também é possível. Uma pessoa aprende a dançar e freqüenta locais com essa prática, não pela prática em si, mas pela companhia das outras pessoas.

Se levarmos isso em conta ao passo que falamos da constituição de um meio social nas aulas de dança que é pautado na construção e comunhão de valores e signos, pode-se afirmar que isso está de acordo com Nelson Carvalho Marcelino (1989, p. 02) quando afirma que “a busca pela prática de atividades físicas vem se firmando em setores significativos da sociedade, enquanto opção de lazer”. O associativismo, “pode servir como ‘desculpa’ para a satisfação de interesses sociais” (MARCELINO, 1990, p. 41), embora haja também o interesse pela busca da melhora da condição física e da saúde. Falando sobre academias, Ângela Cristina Cunha (1999, p. 154) afirma que:

Assim sendo, as academias podem ser entendidas também na perspectiva de constituírem-se num espaço possível de convivência e de vivência do lazer. Um espaço

de desenvolvimento cultural onde os indivíduos vivenciam a cultura no seu “tempo disponível” e convivem entre si. Abre-se um campo educativo não só para aprender coisas, mas para se exercitarem equilibradamente as possibilidades de participação social lúdica. (CUNHA, 1999 p. 154)

Abordando o mesmo tema no caso específico da dança de salão, Fonseca aponta que:

A linguagem corporal despertada através da dança pode ser aprendida e ser usada como uma ferramenta silenciosa de expressar sentimentos e emoções. A depender do parceiro, estabelece-se um diálogo com o outro e com o exterior. Ao analisar os aspectos motivacionais que delinearão o perfil da população estudada percebemos que os indivíduos procuraram a dança de salão principalmente para aprendizado e prazer mais do que para melhorar algum aspecto físico como flexibilidade, postura ou coordenação motora. (FONSECA, 2008 p. 80)

Assim sendo, seus praticantes conseguem benefícios com essa prática, então o fator sociabilidade acaba sendo o maior motivador de sua continuidade na dança de salão. Algo semelhante é encontrado por Cunha (1999, p. 158) em academias de ginástica. Segundo a autora:

O fato de que, apesar da predominante busca da satisfação dos interesses físico-esportivos, há uma relação com os interesses sociais. As pessoas não vão a esses lugares apenas para se exercitarem, mas há todo um convívio social por trás desse cenário, que faz parte do processo. É a possibilidade de convívio social que atrai um grande número de pessoas a aderirem a esse tipo de atividade. Daí a ocorrência do conteúdo social do lazer, ou seja, a realização da prática muitas vezes como “desculpa” para a conversa e o encontro com outras pessoas, ampliando seu ciclo de amizades. (CUNHA, 1999 p, 158)

Esse fato foi também descrito por Volp *et al* (1995) em seu estudo “Por que Dançar? Um Estudo Comparativo” que investigou os motivos que levaram jovens e adultos a praticarem dança de salão. Os resultados¹⁹ demonstram que o prazer e a satisfação foram os motivos mais fortes que levaram os adolescentes e adultos a praticarem a dança. Entretanto, foram apontados também os fatores sentir-se feliz, se distrair, conquistar a admiração, aprender, manter o físico saudável e dançar com quem gosta de dançar. Neste mesmo estudo Volp *et al* (1995, p. 56) afirma

¹⁹ Com o objetivo de investigar os motivos que levam os jovens escolares e adultos a praticarem a dança de salão, Volp *et al* (1995, p. 54) efetivou uma pesquisa com 98 sujeitos: 1º grupo com 60 sujeitos (25 homens e 35 mulheres) de idade média igual a 52,18 anos e o 2º grupo com 38 sujeitos (15 homens e 23 mulheres) de idade média igual a 14,76 anos. O autor nos relata que: os resultados mostram que muitos são os motivos que levam as pessoas a dançar. Dentre eles podemos identificar a busca da experiência social (oportunidade de iniciar, manter ou expandir relacionamentos); a liberação de tensão (oportunidade de relaxar as tensões e buscar estabilidade emocional, descontração); o prazer (oportunidade de satisfazer-se, gostar do que faz, sentir-se bem); ocupação do tempo livre (oportunidade de preencher o tempo disponível - não trabalho/não compromisso social) entre outros, como a oportunidade de sentir-se feliz, de se distrair, de conquistar a admiração, de aprender, de manter o físico saudável, de dançar com quem gosta de dançar.

que:

A sociabilidade, como motivo para a prática da dança, aparece em ambos os grupos etários com percentagens equivalentes. De acordo com a opinião dos sujeitos pesquisados, a dança de salão promove satisfação, pode ser considerada uma atividade de lazer e favorece a sociabilização, fatores fundamentais na formação do indivíduo. (VOLP *et al*, 1995, p. 56)

O tempo de aula dos depoentes que aqui se apresenta variou entre 6 meses e 20 anos. Os relatos sobre o que os motivou a procurar por aulas de dança de salão são diversificados. Muitos alegam quer vencer a timidez, outros, por indicação médica. Mas nota-se que muitos a procuram por ser uma atividade sociabilizadora além de uma possibilidade de convivência com outras pessoas.

Ao indagar os depoentes sobre o que especificamente os motivou a fazer aulas de dança de salão, obteve-se como resposta o desenvolvimento pessoal e físico, busca de qualidade vida, convite de terceiros para as aulas e busca de algo novo para aprender. Houve quem afirmou que passou a fazer aulas como uma forma de exercício físico ou para combater algum tipo de doença e stress, mas também foi encontrado quem afirmou que entrou na dança de salão levado por outras danças, e que procurou na dança de salão uma função prática, ir a bailes. Segundo a depoente E2:

Eu entrei na dança motivada por um outro estilo, que era dança espanhola, [...] mas eu comecei a me envolver porque era algo que eu poderia fazer fora da escola, eu poderia ir pra um baile, eu poderia praticar, e, na dança espanhola eu não tinha isso, eu dançava só na academia, e quando tinha apresentação. A dança de salão me proporcionava ir a bailes, ir conhecer pessoas, e de ver esse ambiente que é dança de salão.

Os motivos que levaram os depoentes às aulas de dança de salão foram não somente o preparo para ir a bailes, mas também a funcionalidade das aulas como atividade física e combate a problemas físicos e mentais. Não podemos deixar de notar que baile e academia estão intimamente ligados. Em alguns relatos, a freqüentação de bailes e com isso a necessidade de aprender foi entendida como motivo principal para ir às aulas. Segundo o depoente 14 “Foi durante um baile lá no Fantasy, no bairro Salgado Filho, vi um casal dançando tão bem, a mulher tão charmosa e elegante era jogada pra lá e pra cá, hoje a gente fala “conduzida”. Achei o máximo e pensei: vou aprender a dançar assim também.” O depoente E6 nos traz algo relevante:

Ah, eu trabalho com dança, só que a dança em meu trabalho são danças coletivas, tem até dança de parceiro, mas como brincadeira, não tem, a nível de interação, de dinâmica de parceiro que tenha dança de salão. E o que eu tava sentindo falta era isso mesmo, esse tipo de dança que envolve a relação com uma pessoa especificamente, e não com o grupo.

Sendo a dança de salão uma dança que se desenvolve impreterivelmente a dois, pode-se notar que a oportunidade de relacionamento corporal com outra pessoa é algo buscado e enfrentado por todos. Além de se relacionar com um grupo diverso de pessoas, o relacionamento específico com outra pessoa é algo que vai acontecer, uma de cada vez (e acontece com várias pessoas na medida em que se busca dançar com muitas pessoas diferentes), sendo que uma das premissas desse universo é dançar com todo mundo.

A aula facilita a entrada das pessoas nos bailes, tornando-se um local onde se está em contato com outras pessoas e em contato corporal direto com o par com quem faz aula. Logo a aula passa a ser algo que cativa as pessoas a continuarem nesse mundo. Ao responder o que especificamente o motivou a fazer aulas de dança de salão o depoente E10 falou:

Tem uma frase de um amigo meu que ele fala muito. Ele fala assim: “não somos nós que escolhemos a dança, é a dança que escolhe a gente”. Então, eu não sei responder a essa sua pergunta, eu só sei te falar que ela me escolheu, tanto é que eu vivo de dar aula de dança de salão, mas eu vivo do palco, bailarino como profissão. Então, eu não sei te responder essa pergunta. A coisa foi acontecendo e foi me envolvendo, eu fiz uma aula, apaixonei com aquela aula e quis mais, quis mais, quis mais, e a coisa tomou uma forma, e tirou a minha perspectiva dentro da educação física, partindo da idéia de que a dança é uma área despreparada, é uma área desvinculada da educação física.

Em relação aos motivos que levaram as pessoas a continuarem nas aulas, os professores que ainda fazem aulas apontaram questões como aperfeiçoamento e continuidade de formação, bem como “a paixão e a profissão. Faço aulas para aprender mais sobre ritmos que descobri e gostei muito e, também, para crescer enquanto professora.” (Depoente 3)

Assim, fazer aulas de dança de salão para quem já tem um nível técnico que o faz dançar bem (dançar com muitas pessoas, em um salão de dança comum) é continuidade de formação profissional e ainda mais técnica. Segundo o depoente E10:

O que me motiva a fazer aula hoje, é simplesmente o fato de eu ser um profissional, eu faço formação, porque a dança é como a maioria das profissões, não todas, mas a dança, você se forma até você morrer. Não existe uma aula que você não aprenda algo novo, mas não é com o objetivo de eu me divertir. Um exemplo claro é essa aula que a gente teve agora [uma aula de samba avançado que acontece entre 21:30 e 22:30]. Eu faço essa

aula morrendo, porque eu to cansadíssimo, é simplesmente pelo fato de eu lembrar um movimento, eu aperfeiçoar uma técnica de movimento, mas não é, em nenhum momento, por prazer. Mas se perde. Mas também eu acho que é uma questão natural, no momento em que o seu lazer começa a virar o seu trabalho, a coisa tende a se perder.

Ao indagar os depoentes sobre os motivos que os levaram a continuar fazendo as aulas, estes se referiam aos benefícios que as aulas proporcionam, além de ir a bailes, a depoente 4 afirmou que: “Adorei dançar principalmente com mais técnica e passos variados.” Aprender técnica e gêneros diferentes de dança de salão garante que uma pessoa possa dançar mais, haja vista que alguns bailes tocam diferentes gêneros musicais que pedem gêneros de dança de salão específicos para estes. A depoente 11 nos informa que: “Aperfeiçoar os movimentos, aprender sempre alguma coisa nova, as amizades, parceiros e parceiras, que fiz. Sair no final de semana para dançar é muito bom, e este é um bom motivo para continuar a dançar.”

Assim, aprender a dança de salão não se resume apenas em aprender uma dança. O universo da dança de salão traz dentro de si uma série de gêneros de diferentes danças, e estes se tornam um incentivo para que as pessoas continuem fazendo aulas, bem como os relacionamentos que ela proporciona. A aula de dança de salão é um lugar para conseguir amigos e um ponto de partida para freqüentar os bailes de dança de salão, estes que muitas vezes são organizados nas próprias academias. Segundo o depoente E6:

Ah, eu gosto, gosto de música, gosto de dança, acho muito interessante, tem algumas danças que eu me afino mais, então é mais tranquilo, outras apresentam mais dificuldades, mas ainda assim eu quero vencer meus limites, descobrir outras possibilidades de movimento, interagir com as pessoas, uma das coisas que me faz, pra mim, na dança de salão, é aumentar meu ciclo de relacionamento, conhecer pessoas, ir a bailes, interagir com pessoas...

Os depoentes foram questionados sobre por que eles parariam de fazer aulas de dança de salão. A maioria se dividiu entre problemas financeiros e falta de tempo disponível. Esta falta de tempo se daria por questões ligadas ao trabalho. Assim, entende-se aqui que, apesar de as pessoas verem na academia um ponto de encontro e envolvimento inter-pessoal e afetivo com outras pessoas, elas não deixam de ver uma relação comercial. Isso fica patente na fala do depoente 14, (Engenheiro, relata que faz aulas a 9 anos tendo algumas interrupções nesse processo, atualmente voltou as aulas depois de um ano e meio fora das academias,) ao falar do relacionamento entre as pessoas envolvidas com as academia de dança de salão. Ele afirma:

Não tem essa de professor e aluno. O que existe é uma relação de prestador de serviço e consumidor. Na escolha de bolsistas, há que se preocupar com a educação, com o bom atendimento, com a sociabilidade, com a capacidade de sorrir, com a paciência, com o bom humor dos mesmos. Os professores também devem seguir os mesmos princípios.

Assim a dança de salão envolve uma relação comercial entre os alunos e a academia, que se dá no sentido de que os alunos querem um bom atendimento e um bom relacionamento com os outros envolvidos nas aulas, o que pode proporcionar a eles uma maior descontração, prazer e desinibição.

Tendo como referência a teoria do fluxo de CSIKSZENTMIHALYI (1992), Volp afirma que a dança de salão pode ser incluída na lista das atividades de lazer, bem como na das atividades que promovem "satisfação" plena. Segundo a autora:

Há aspectos da dança de salão análogos às características básicas das atividades que proporcionam o estado de fluxo. Para que haja a experiência do fluir a atividade deve, como o já mencionado: ter objetivos, ter regras, ter habilidades próprias, fornecer "feedback", dar oportunidade de controle, facilitar a concentração e o envolvimento. (VOLP 2004 p. 46 – 47)

Isso acontece quando a participação em uma atividade obtém o equilíbrio entre os desafios apresentados e as habilidades do indivíduo, sendo que o resultado do envolvimento total do indivíduo em uma interação com a atividade na experiência do fluxo pode ser física, emocional ou intelectual.

Fazendo um contraponto entre a prática da dança de salão e a supracitada teoria, Volp *et al* descreve oito elementos que, fazendo parte da prática da dança de salão, vão propiciar tal experiência aos seus praticantes:

1. a tarefa é possível de ser concluída
2. o indivíduo é capaz de concentrar-se no que irá fazer
3. a tarefa tem objetivos claros
4. a tarefa tem retorno imediato (fornece feedback imediato)
5. a concentração afasta outros pensamentos e preocupações
6. a experiência permite uma sensação de controle sobre as ações
7. a preocupação com o "self" não existe, mas quando a experiência termina ele é sentido com mais força.
8. a percepção da duração do tempo é alterada; horas parecem minutos e minutos parecem horas.

Pode-se então entender que a dança de salão traz benefícios diretos aos seus atores, porém, não é em um sentido de funcionalidade explícita que é procurada e mantém seus

indivíduos matriculados nas aulas. Ou seja, não é só buscando aspectos como melhora na coordenação motora, flexibilidade ou como atividade física que as pessoas buscam a dança de salão. Mesmo a idéia de aprender a dançar está relacionada à oportunidade de obter prazer. Isso acontece permeado pelo processo de se relacionarem com outras pessoas.

Um elemento fundamental para entendermos isso está expresso nas constatações de Fonseca. Segundo a autora “A dança é uma forma expressiva de movimentos guiados pela música. Dançar desperta emoções positivas, prazer e socialização. São esses fatores que motivam o indivíduo a dançar e os mantém empenhados na atividade.” (FONSECA, 2008, p. 11) Além de um elemento que traz benefícios de melhora da condição física ou algo que realmente ensine as pessoas a dançar, o que os leva a buscar e se manter nas aulas é justamente a sociabilidade, sendo este o fato de a dança de salão colocar pessoas em contato corporal direto com outras, fator este preponderante nesse processo. No caso da dança de salão, em contato físico direto com uma pessoa do sexo oposto. Pois, “a dança de salão proporciona contato com o próprio corpo e com o corpo do parceiro permitindo que ambos vivenciem diferentes estímulos sensoriomotores no espaço e no tempo.” (FONSECA, 2008, p. 11) E essa relação entre corpos não é composta somente de pessoas diferentes, mas entre corpos diferentes. É essa relação que caracteriza a dança, pois, como analisa Massena (2006, p. 90) “um dos elementos que caracteriza a dança de salão é ser praticada por pares enlaçados, duplas formadas por um homem e uma mulher.” A autora ainda complementa:

Essa relação difere de outras formas de se dançar a dois ao se caracterizar, obrigatoriamente, por uma díade formada por indivíduos de sexos opostos, por ter como modelo o casal heterossexual. Apoiando-se nesse modelo, a dança de salão reproduz ideais relacionados ao amor romântico. (MASSENA, 2006, p. 90)

Mas esse relacionamento acontece levando em consideração o olhar do outro, pois, “na dança de salão o olhar do par, dos outros dançarinos e dos observadores é constante e esperado.” (MASSENA, 2006, p. 50) Aprender a dançar serve também como um exercício de exibição, no qual novamente se extrai prazer em ser visto e admirado durante a dança, justificando os momentos desagradáveis da aula e do processo de aprendizado. Isso explica também porque as pessoas vão às aulas, pagam por elas, e se colocam em uma relação inicial de desconforto frente a uma pessoa estranha. Elas sofrem tentando manter o equilíbrio, esticar as pernas, manter o ritmo com as repetições, não conseguem fazer e, por fim, continuam

freqüentando as aulas, que se tornam cada vez mais complexas. Dificilmente um aluno que já tem certo tempo de dança faz aula em uma turma atrasada em relação à sua desenvoltura, mesmo porque ele quer um retorno do investimento financeiro que faz na academia.

Ao perguntar aos depoentes qual sua maior preocupação ao fazerem uma aula de dança de salão, encontrou-se nos professores um ideal de “aperfeiçoamento técnico, ficar atenta a cada detalhe ali, e, ao mesmo tempo, buscar conteúdo para as minhas aulas, as aulas que eu ministro.” (Depoente E2) Assim, os professores procuram nas aulas que fazem, além de melhorar sua dança (não o lazer ou prazer) o entendimento de como a aula foi dada, e de que maneira poderiam fazer uso dessa aula para seu ofício de ensinar.

Minha maior preocupação, é melhorar a minha técnica, às vezes observar um estilo diferente de um outro professor. Tanto uma maneira diferente de dar aula quanto uma maneira diferente de dançar, uma maneira diferente de transmitir a técnica, maneiras diferentes de executar os mesmos movimentos às vezes. Então o que eu busco mais é isso assim, além de melhorar minha própria técnica é ter uma pessoa para observar e fora os meus defeitos as coisas que tem para corrigir e a chance de observar uma outra pessoa com um estilo diferente de dançar de executar os passos, de ensinar. (Depoente E11)

Já entre os alunos, encontramos uma preocupação com a técnica da dança. Esta técnica se traduz em “fazer os movimentos certos, com harmonia, graciosidade, corresponder ao parceiro da melhor forma possível, para que a dança flua de uma forma que dê prazer para os dois.” (Depoente 11). Mesmo os que afirmaram fazer aula despreocupadamente, fazem isso devido à preocupações anteriores as aulas, como procurar um professor que tenha como objetivo ensinar realmente a dança com um nível técnico satisfatório, segundo a depoente 09:

Não fico preocupada no momento das aulas, simplesmente as faço. A minha preocupação vem antes, na escolha do professor, esse tem que ser capaz de ensinar os movimentos, a partir da técnica dos diversos ritmos, identificar as minhas dificuldades e propor educativos para correção e aprendizagem, tenho que ter afinidade com a sua didática.

Entende-se que damas e cavalheiros tem papéis diferentes na dança de salão. Foi possível encontrar em ambos a busca de aulas para desempenhar melhor estes papéis, ou seja, a depoente E1, que se preocupa em ser uma boa dama, afirma:

Eu quero aprender a dança com qualquer homem. Se o fulaninho da esquina que eu nunca vi na vida vier dançar comigo, eu quero ter capacidade de dançar, por mais que ele faça força, que eu consiga fazer força do mesmo tamanho. Ou se não, se ele é super

suave, que eu consiga dançar na mesma intensidade, que eu consiga ganhar essa sintonia, conexão, é a coisa que eu mais procuro quando eu faço aula, assim, pra mim, pensando em mim mesmo. (depoente E1)

Os homens se preocupam com a mesma coisa, ou seja, em conseguir ter uma boa conexão ao dançar, para que eles sejam levados a conseguir dançar harmonicamente com um número maior de damas.

Ah, a primeira coisa, eu me preocupo em assimilar os passos, assimilar os movimentos, entender a dinâmica da condução, eu como professor de dança já, então, eu acho que a minha aproximação da dança é diferente de uma pessoa comum, e eu também sou músico, então, assim, são várias preocupações simultâneas, a relação com a música, relação com o outro, se a condução tá direitinho, se eu sou capaz de conduzir qualquer dama, se a dama consegue entender a minha condução de forma clara. (Depoente E6)

Todo esse processo é permeado por um ideal de bom relacionamento com as outras pessoas, seja com o par, devido a uma boa conexão com este quando está dançando, seja com as outras pessoas com quem se convive. Há uma preocupação não só com a técnica, mas, também “em ser simpático e com a receptividade do meu par.” (Depoente 14) Assim, o relacionamento inter-pessoal é algo que preocupa as pessoas nas aulas de dança de salão. Lembramos aqui que este fator foi apontado como um dos principais motivos para a procura das aulas de dança de salão. Segundo o depoente 15, o mesmo se preocupa nas aulas em “sempre melhorar, me sentir melhor comigo mesmo e ser melhor para a dama, atraindo assim para perto mais pessoas legais de se conhecer e dançar.”

Pode-se entender que a técnica da dança de salão é algo que favorece este relacionamento com outras pessoas. Salientamos aqui que dançar a dois é impreterivelmente uma conexão com o outro.

Ao perguntar aos depoentes o porquê de fazerem aulas em suas respectivas academias, os motivos mais comuns foram a percepção da escola como um ambiente acolhedor, comodidade por ser perto da residência ou local de trabalho, “pela qualidade dos professores que ministram as aulas.” (Depoente 08). Assim o ambiente que engloba uma boa localização, os outros colegas e os professores são fatores que levam as pessoas a desenvolverem uma afinidade com as academias onde estão matriculadas. Afirmando que havia parado de fazer aulas e voltou devido a uma promoção em relação descontos nas mensalidades, o depoente 14 afirma que: “Fui lá, gostei do pessoal, do tratamento, do ambiente. Isso teve tanta importância que acabei ficando

numa turma com menos experiência que eu.”

Já entre os professores, a busca de um local que proporcione um contato com uma melhor didática e um maior desenvolvimento técnico foi o mais recorrente. O depoente E10 afirmou que “pra minha análise pessoal, aqui [A entrevista ocorreu na academia, após o depoente fazer uma aula] é o que me dá o que eu procuro, que é o aperfeiçoamento técnico.”

Outro ponto a ser citado pelos profissionais é o profissionalismo do local, bem como o reconhecimento do local e do professor com quem vai fazer aula.

Ao indagar os depoentes sobre que expectativas tinham antes de começarem a fazer aulas de dança de salão, encontramos em sua maioria a uma expectativa de ampliação do ciclo de amizades das pessoas, proporcionado em alguns casos pela perda da timidez e por aprender a dançar. Esse aprender a dançar os levaria a se relacionarem com mais pessoas, seja na academia ou em bailes. O depoente 12 nos fala que tinha como expectativas “Interação com pessoas do meio, melhoria da postura física e repertório diferenciado de movimentos em dança.” Já o depoente 15 afirma que: “Eu esperava perder a timidez, ficar mais popular e aprender a lidar melhor com o sexo oposto.” O relato de vida do depoente E11 levantou algumas questões:

E eu estava entrando para faculdade de engenharia, não passava pela minha cabeça vir a ser um dançarino, quanto mais trabalhar com isso, então eu acho que eu não tinha expectativas. Mas obviamente que logo depois que eu comecei a me envolver as expectativas eram de dançar bem, de é essa coisa que todo aluno tem talvez, assim, de diferentes maneiras na verdade. O dançar bem o conseguir, acho que para o homem tem muito isso de conseguir satisfazer a sua parceira, conseguir fazer com que as parceiras as mulheres gostassem de dançar comigo. E então desenvolver cada vez mais a condução a técnica para possibilitar isso, que acaba sendo um sinônimo de dançar bem.

Esse “satisfazer a parceira” foi algo recorrente nas entrevistas dos homens envolvidos com a dança de salão, e está ligado ao fato de conduzir bem. Isso vai fazer com que o homem consiga e seja desejado como parceiro dançante por várias mulheres, além de ser admirado também pelos outros homens. Interessante notar que o satisfazer o parceiro não foi salientado em momento nenhum pelas mulheres, mas sim fatores ligados a dançar bem, ser charmosa. Ou seja, o dançar bem para o homem está ligado à satisfação da mulher. Já o dançar bem para a mulher está ligado a se satisfazer e parecer melhor, uma vez que os passos mais complicados e que “saltam aos olhos”, são delas.

O motivo geral da socialização e do prazer através da dança foi algo recorrente na fala dos depoentes, tanto dos alunos quanto dos professores. A depoente E2 afirma que:

Bom, a minha expectativa mesmo, antes de me profissionalizar, quando eu entrei na dança, era mais de socialização mesmo, até porque eu era uma pessoa muito tímida. Então achei que era uma oportunidade muito boa pra me soltar um pouco mais, e pra dançar ali, como eu disse anteriormente, buscar outros ritmos que me proporcionassem a praticar num baile, numa festa, e ali, consequentemente, conhecer pessoas.

Somente depois de estar envolvido com o universo da dança de salão, que alguns alunos passaram a ter como objetivo também serem professores de dança de salão. Os atuais professores de dança de salão não tinham como objetivo em suas primeiras aulas uma profissionalização em dança de salão, também não tinham como expectativas ter a dança de salão em suas vidas como uma atividade que, de certa forma, se desligou um pouco do lazer. A depoente E1 afirma que:

Não, antes de fazer aula, eu realmente dançava por diversão, em festas que eu ia com os meus amigos. Hoje, eu continuo dançando por diversão. Eu acho que eu sou uma das únicas pessoas que eu conheço [professores] que continua gostando de dançar (risos). Trabalho, e continuo gostando de dançar. Mas é porque, como qualquer outra profissão, a gente cansa uma hora. Antes que óbvio, quando eu dançava só por prazer, eu ia em baile quase todo dia, eu ia em festas quase todos os dias. Hoje em dia, eu não tenho nem mais energia pra isso. Mas não pelo sentido de não gostar. É o sentido de não ter mais energia realmente. Meu corpo não aguenta mais.

A dança de salão, especificamente os bailes, vista como uma válvula de escape, como uma maneira de combater o stress e repor as energias, passa a ter efeitos contrários com quem tem contato com ela o tempo todo. Assim, ela não deixa de ser percebida como algo prazeroso ou um lazer, mas ganha novos contornos na medida em que se torna a profissão das pessoas, em que estas dependem da dança para seu sustento e tem uma série de obrigações que fazem com que não a busquem com tanta ênfase em seu momento fora do ambiente de trabalho.

Isso fica mais claro ao indagar aos depoentes se suas expectativas em relação à dança de salão mudaram. Em relação a isso, foi recorrente na fala dos professores a idéia de que “Atualmente sim, porque a dança passou de um hobby pra uma profissão.” (Depoente E2) E que “hoje, espero que as aulas, além de divertidas, sejam enriquecedoras, pois estou em busca de aperfeiçoamento” (Depoente 01). Ao afirmar que suas expectativas mudaram bastante, a depoente E1, nos relatou que isso ocorreu:

Pelos meus objetivos de vida, porque, antigamente, como eu dançava por prazer, e a minha função principal era como jogadora de vôlei, a minha expectativa toda

profissional era em cima do vôlei. Profissional e financeira. Hoje em dia a minha expectativa toda é em cima da dança. Então, até quando eu saio pra dançar, por mais que eu dance por prazer, eu fico lembrando da aula que eu fiz na quarta, eu fico pensando em corrigir aqueles erros, porque não é só um momento de diversão pra mim, é um momento de prática, é um momento de eu tentar colocar tudo aquilo que eu paguei em uma hora de aula pra fazer e colocar tudo aquilo na minha dança realmente.

Já entre a fala dos alunos, o que mais se encontrou foi uma idéia de que as expectativas na verdade alimentaram ou se tornaram mais fortes no sentido de aprender mais. Isso em grande parte se expressa na idéia de aprender diferentes gêneros de dança de salão como nos fala a depoente 4 em relação as suas expectativas: “Aumentaram porque agora também faço questão de me aprimorar em todos os ritmos cada vez mais.” Falando sobre esse assunto, o depoente E6 nos relata que:

Eu consegui aprender alguma coisa, ainda falta muito ainda. É aquela história do aprendizado motor, geralmente os primeiros seis meses a um ano, dependendo de cada um, esse prazo geralmente ele é mais rápido mais fácil, você vê o seu aprendizado. Por exemplo, você chega hoje lá na escola pela primeira vez e você não sabe fazer nem passo básico, na próxima aula você já sabe fazer o passo básico, em uma aula de samba, na outra semana você já sabe abrir e fechar o gancho, então o aprendizado é muito rápido, aí de repente em dois meses, um mês em meio dependendo da sua vontade de aprender e sua disponibilidade você já tá fazendo as figuras iniciais lá do samba por exemplo, então, a evolução é muito rápida nesse primeiro ano. Depois disso já começa a ficar mais difícil por que você já sabe fazer um monte de figura só aí começam a ir nos detalhes, então essa parte que eu acho que demora mais. Então a expectativa de quando eu entrei é que seria difícil, foi mais fácil do que eu imaginei que seria, mas, agora minha expectativa é assim, tem uma reta grande pela frente e tem que treinar bastante por que essa melhoria técnica de agora para frente ela, não é fácil.

Assim, é possível identificar que as pessoas procuram a dança de salão por prazer, e à medida que conhecem melhor este universo, descobrem que a dança de salão pode ser uma atividade difícil no sentido de ser instigante, e que se pode melhorar e conseguir um desenvolvimento técnico mais elevado, que vai levá-los a dançar melhor com pessoas diferentes e, com isso, ter um maior ciclo de amizades, bem como satisfação por dançar bem. Pode-se afirmar que os objetivos iniciais dos depoentes alunos, ao contrário dos professores, não mudaram, mas se mantiveram. Mesmo a técnica da dança serve com apêndice para os objetivos ligados à sociabilidade. Isso fica claro no relato do depoente E6 sobre suas expectativas atuais em relação à dança de salão: “Continua a mesma, expectativa de ampliar meu ciclo de relacionamentos, conhecer pessoas, fazer amigos e tal, isso continua sendo a prioridade número um pra mim”. Já os professores fazem aula para melhorar sua qualidade técnica e também sua

qualidade de aula.

Ao indagar os depoentes por quanto tempo pretendem continuar fazendo aulas de dança de salão, a resposta mais comum foi “Tempo indeterminado.” (Depoente 01) Isso em grande parte, por ser entendido que há muito a aprender, que sempre se pode melhorar, e existem sempre novos ritmos a serem aprendidos. A depoente E1 nos informa que pretende fazer aula:

A vida toda. Sem sombra de dúvidas. Eu acho que é uma coisa, principalmente se você carrega como algo profissional, uma coisa que você não pode parar de fazer, é aula. Tem haver com aquilo que eu falei antes, você nunca vai alcançar somente o objetivo. Você nunca vai ser o melhor bailarino. Sempre vai ter um melhor que você. Então você sempre vai ter que fazer aula com um melhor que você, e mesmo que seja um pior que você, ele sempre vai ter alguma coisa pra te ensinar. Então, vale sempre a pena fazer aula. Sem sombra de dúvidas.

Em relação a isso, não só os professores e bailarinos sentem necessidade de continuar fazendo aulas. Como se vem ocorrendo o próprio processo de aprendizagem e reciclagem de como ministrar aulas de dança de salão vem desse ato de “fazer aulas” com outros professores. Mas os alunos também entendem que há sempre a necessidade de buscar algo novo e de desenvolver o que já sabem:

Ah, eu pretendo fazer indefinidamente, primeiro, porque é muito bom, eu vejo a dança, não sei se é exatamente como a música, mas talvez sim, é uma coisa que você nunca para de estudar, música é um negócio que você estuda a vida toda, e eu acho que a dança talvez seja também, sempre vai ter um ritmo novo que pode te interessar, que você pode aprender, possibilidades novas de movimento, que tão sendo desenvolvidas. Então, eu não pretendo parar não. Pretendo realmente fazer a dança uma prática cotidiana na minha vida sempre, e eu acho que a aula é um elemento importante disso. (Depoente E6)

Logo, as aulas de dança de salão são buscadas e geram novas expectativas em seus praticantes. Isso se dá pelos benefícios que a prática traz e a medida que estes benefícios são conquistados com as aulas, as pessoas continuam a se dedicar a dança de salão. A depoente 10, uma aluna, nos relatou que pretende fazer aulas de dança de salão “Para sempre. As aulas me ajudam a sair para dançar e isso é muito bom para minha auto-estima.”

Ao perguntar sobre os planos em relação às aulas de dança de salão encontrou-se respostas ligadas a fazer mais aulas e se desenvolver tecnicamente. A depoente E3 afirmou que: “Eu gostaria de fazer mais aulas, eu acho que eu tenho, hoje em dia, eu tenho feito poucas aulas. Eu gostaria de fazer mais. Eu gostaria de aumentar o número de aulas e talvez mais ritmos

também.” Entre os três alunos que vislumbram a possibilidade de serem professores e/ou bailarinos, foi comum o entendimento de que há um caminho de muita aprendizagem pela frente, e que isso leva tempo. Em relação a isso, uma depoente (advogada) aluna nos relatou “Eu tinha muita vontade de seguir uma carreira como bailarina, mas acho difícil por causa da minha profissão.” (Depoente E4). O depoente E5 afirmou que:

Eu poderia virar um professor, poderia abrir uma escola, mas eu ainda tenho que evoluir muito tecnicamente pra isso e não seria meu objetivo mesmo se um dia eu virasse professor, talvez daqui a dois anos, três anos sei lá, seria a título de hobby, eu ia continuar com a minha profissão e de vez em quando dava uma aula, não sei se, seria o caso.

Ao indagar os depoentes sobre o que leva o público em geral à procura aulas de dança de salão, foi comum nas falas a existência de objetivos variados. Entre os citados, a busca de “uma atividade que seja prazerosa e que os permitam relaxar” (depoente 01), que proporcione benefício físico e psicológico ou mesmo um meio de se desligar dos problemas do dia e fazer uma atividade que se torne prazerosa no sentido de envolver as pessoas no momento em que se dedicam a fazerem a aulas. Segundo a depoente E1.

Varia bastante, assim, as pessoas que não querem ganhar técnica, procuram como diversão, relaxamento, [...] ele vem e faz uma aula de dança de salão por uma hora, se diverte muito mais, e ainda perde algumas calorias, então tem disso, tem pessoas que procuram pra tratar do corpo, então muitos médicos hoje indicam a dança de salão como tratamento de varizes, tanto para tratamento do coração, justamente por causa da diversão, que é um momento de relaxamento. Por mais que ela se estresse em tal aula, “poxa, não to conseguindo fazer tal passo”, ela está se estressando ali, teoricamente, mas está esquecendo do mundo todo, é um momento de isolamento. Raros são os alunos que chegam pra mim e dizem: “ah, não, eu não to conseguindo prestar atenção na aula, porque eu to pensando nisso, nisso e nisso”, normalmente, eles vêm e fazem aula, e relaxam, e esquecem... e depois, quando termina a aula, eles saem correndo pra fazer tal coisa. Eu acho que o principal é o psicológico, de relaxar. [...] com exceção das pessoas que procuram como “ah, não, eu quero ser um professor de dança”. Aí, procura um técnico mesmo.

Fatores mais identificados pelos depoentes foram a busca de uma atividade física, bem como a sociabilização e o lazer. Entre os motivos externos que levam as pessoas às aulas de dança de salão a mídia foi citada com destaque por algumas pessoas, como nos informa a depoente E4:

As pessoas procuram algum tipo de atividade física, e elas encontram na dança uma

atividade muito prazerosa, até porque hoje há uma campanha muito grande com a dança, principalmente nos programas de televisão. Muita gente tem falado muito da dança. E muitas pessoas gostam de dançar, e acabam perdendo preconceito e indo para a academia.

Em relação a perder o preconceito, a depoente E4 (26 anos) expõe que a dança de salão ainda é vista, para alguns, como coisa de gente velha, porém a mídia vem atuando neste processo na medida em que vem ajudando a disseminar a dança de salão. A respeito disso o depoente E10 nos fala que “o fator mídia é um grande financiador. Aí, tem esses pontos, fator mídia, tem o fator mercado, fator moda, e que, por sua vez, entra como influência nas diversas idades.” Assim, a dança de salão vem ganhando público jovem, que pratica notadamente gêneros como o forró e o zouk. Como analisa o depoente E10 “hoje, em BH, as pessoas, os jovens, buscam muito o zouk e o forró. Ou seja, criou-se um mercado e isso virou uma moda. Isso atinge muito os jovens.”

Porém, esse relacionamento com o forró também acontece por questões do meio social, no qual as pessoas que tem amigos ligados aos bailes de forró precisam aprender a dançar não só para entrar nesse convívio, mas também para se manter em convívio com seus amigos ou parceiros que dançam. Em relação a isso, a depoente E2 nos relata que a grande maioria das pessoas busca a dança de salão em prol da socialização e salienta também que “muito jovem diz: ‘ah, eu quero dançar porque eu quero conquistar uma pessoa, porque minha namorada dança, e se eu não dançar, fica complicado!’ (risos) então, eu vejo muito isso, assim, as minhas experiências são muito em cima disso.” Logo, pode-se entender que, para algumas pessoas, o meio é fator preponderante para a busca das aulas. Mesmo as pessoas que buscam as aulas por indicação médica ou por sentirem necessidade de alguma atividade que supra uma carência de exercício físico ou relacionamentos, têm sua carência gerada pelo meio de trabalho e pela sociedade contemporânea, e sua escolha então é influenciada por este contexto e nele se encontra a mídia.

Assim, não foi a necessidade de melhorar, que foi visto como o maior incentivador para as aulas de dança de salão, mas sim o meio e as pessoas com quem a dança de salão vai proporcionar um relacionamento mais íntimo. Em relação a esse processo o depoente E5 afirmou que:

Eu acho muito mais difícil, por exemplo, uma pessoa que não dança, dificilmente ela vai querer ter, querer aprender a dançar em um nível alto, um movimento x, procurar um outro professor por que ele é mais técnico. [...] No início ela não tem essa consciência,

ela vai pela escola que é mais bunitinha, pelo pessoal que é mais legal.

O relato do depoente E11 nos dá um panorama de tudo isso que vem-se analisando. Ao ser indagado sobre o que leva o público em geral para as aulas de dança de salão ele afirmou que:

A maior parte eu não sei, eu saberia dizer diversos motivos que levam as pessoas. Tem muitas pessoas que buscam como atividade física, tem muitas pessoas que buscam por recomendação médica, tem muitas pessoas que buscam por lazer, pelo contato social que a dança de salão proporciona, buscam a dança como uma forma de ter um encontro ali com o outro.

Em seguida, apontou o processo histórico que a sociedade sofreu e do qual vivenciou nesses últimos vinte anos como um fator a ser levado em consideração, pois acredita que, a busca de contato com outras pessoas, tem aumentado com o passar do tempo.

Mais hoje em dia que na época em que eu comecei, pela maneira que as pessoas vivem atualmente às vezes muito distantes das outras e a dança de salão proporciona isso. E eu acho que a dança de salão tem um lado singular assim, comparada a outras atividades, outras modalidades de dança que é o fato de você praticar a dança de salão diretamente com o outro em contato literalmente com o outro o tempo inteiro.

Em seguida, aponta também algo peculiar nas aulas de dança de salão:

É uma das poucas possibilidades de um avô faça aula junto com seu neto, com sua neta que a gente tem aqui, nós já tivemos várias, caso de ter três gerações juntas de uma mesma família aqui fazendo aula. Como a dança de salão tem esse lado bem democrático assim de ser possível ser acessível, de ser viável para as pessoas das mais diversas idades, tipos físicos e etc.

Acreditamos que isso também seja possível pelo processo da mídia e da entrada de pessoas jovens nas aulas de dança de salão. Esse mesmo depoente relata que um dos fatores que dificultaram sua entrada nas aulas de dança de salão, em 1988, era o fato de não terem jovens nas aulas.

Assim, o ponto fundante para os elementos que levam as pessoas à dança de salão é justamente o contato com o outro. É com o intuito de melhorar esse contato, construção de uma técnica corporal que permita a dança, estando atrelado à outra pessoa, que desenvolve o processo de descoberta do próprio corpo. Pois:

Na dança de salão os casais se deslocam no espaço, em pares, com movimentos em diferentes planos e eixos estimulando no indivíduo sua noção de espaço e corpo. Dançar em ritmo musical em companhia de um parceiro também promove alteração dos estados psíquicos. (FONSECA, 2008 p. 11)

Fonseca ainda complementa:

Certamente não é apenas o fato de movimentar o corpo como um exercício físico. Aprender a dançar com um parceiro parece ir muito além. Mover o corpo em companhia de outro, harmonizando movimentos em sintonia, num mesmo ritmo, resulta em uma união do ser físico numa quase mágica sincronia. Proporciona um encontro consigo mesmo, a partir do encontro com o outro. (FONSECA, 2008 p. 13 – 14)

Em relação à percepção dos depoentes sobre qual parcela da população a dança atinge, as opiniões se dividiram entre os que acreditam que a dança de salão é mais freqüentada por pessoas da classe média, e os que acreditam que é algo freqüentado por todas as classes sociais.

Entre as pessoas que acreditam que na dança de salão é mais comum encontrar pessoas mais abastadas, a justificativa foi de que “Hoje em dia, sem sombra de dúvida, a parte mais rica, [...] são pessoas que podem realmente pagar, porque, querendo ou não, a gente recebe pouco, mas dança de salão é muito cara.” (Depoente E1, professora de dança de salão) Encontramos também quem acredite que se encontra “todas as classes e idades. Vejo mais as classes A e B nas escolas de danças de salão. As outras classes participam, principalmente, em eventos do Sesc ou em projetos sociais.” (Depoente 03)

Mas, ao se referirem aos bailes de dança de salão de maneira geral, há um ideal de democracia e mistura de pessoas, como nos fala a depoente 7. Porém a mesma depoente também afirma que em sua academia existe uma classe social mais abastada, uma vez que a mensalidade é cara. Porém afirma que “nos bailes, encontramos pessoas das mais variadas classes sociais, dependendo do tipo e local do baile.”

Assim, há uma diversificação de público da dança de salão em geral. Isso acontece por conta dos bailes e dos locais onde a aula de dança de salão se torna mais acessível, mas existe uma seleção de público de acordo com os espaços ou valor da mensalidade. Isso vai distinguir o público de determinada academia. Segundo a depoente E6:

Classe social, eu acho que é variada, eu acho que a dança de salão cê dança com gente, não interessa, se é preto, se é branco. Claro que cada um tem seus preconceitos, mas assim, eu vejo assim, muita gente interagindo independente da cor, independente de classe social. Apesar, também, de ver o outro lado, eu vejo gente falando, assim, do tipo de lugar que é freqüentado, pessoas assim mais populares, classe mais baixa, lugares freqüentados por pessoas, é, mais bem de vida, eu já ouvi muitos comentários sobre isso. Principalmente das mulheres.

Apesar do ideal de que a dança de salão é algo democrático, há uma seleção dos públicos em relação às academias. E dentro delas há também uma divisão onde os mais jovens fazem aula de zouk e forró.

Em relação à faixa etária mais comum na dança de salão, os depoentes se dividiram entre os que acreditam que a dança de salão atinge em sua maioria pessoas entre “20 a 50 anos.” (depoente 01). Aqueles que acreditam que “Encontramos pessoas jovens, adultas e idosas.” (depoente 09), e uma pequena parcela, que acredita que é freqüentado pela “Terceira idade.” (Depoente 07).

Há um discurso corrente entre os que acreditam que a dança de salão “Não tem faixa etária definida. É uma coisa muito democrática. Surpreendentemente para a maioria das pessoas não ligadas ao meio, há muitos jovens.” (Depoente 14) Ao pedirmos que a depoente E4, de 26 anos, deixasse registrado algo que julgasse importante, ela afirmou:

Eu perdi muito o preconceito da dança de salão, eu achava que era uma coisa de velho. Eu como vim do interior não estava acostumada a ver uma dança a dois, a não ser, bingo de velho em cidade pequena. E quando eu cheguei aqui eu vi que o mundo da dança de salão é enorme e atingi qualquer pessoa, qualquer classe social além de ser uma atividade extremamente prazerosa.

Logo, é possível encontrar um contraste entre a visão do público em geral e das pessoas que passam a vivenciar o universo da dança de salão. A percepção destes últimos é de que a dança de salão vem sendo cada vez mais frequentada por pessoas jovens. Em relação a isso o depoente E6 afirma:

Eu acho que, faixa etária, eu acho que tá mudando um pouco, assim, eu vejo muitos jovens já voltando a se, a se interessar pela dança de salão. Até adolescentes mesmo. Tem algumas academias que tem mais adolescentes, mais jovens, e outros são um pouco mais, não sei se eu to, tendo uma visão limitada no espaço que eu to habitando, mas, de maneira geral, pelo que eu tenho visto, eu vejo jovens, assim, tá diminuindo a faixa etária, mas eu acho que, de maneira geral, cresce, não é mais um, não é mais um trabalho assim visto assim tipo de prática visto com da terceira idade, ou pessoas mais velhas, eu acho que tem muita gente jovem, muita gente bonita.

Essa nova leva de pessoas, jovens e adolescentes, na dança de salão é em grande parte levada por gêneros (comumente chamados de ritmos) específicos, como o forró e o zouk, que são vinculados à parte jovem da dança de salão. Obteve-se alguns relatos de depoentes que acreditam ser o incentivo de dançar forró com a namorada ou mesmo conseguir um parceiro afetivo que leva homens jovens para as aulas de dança de salão. Voltando à percepção do depoente E6, “o zouk, por exemplo, é uma coisa que, eu acho que atrai muita gente jovem, então eu acho que pode até haver com novos, novos estilos.”

Um dos depoentes (15), hoje com 20 anos, afirmou que o motivo de ter procurado a dança de salão foi “um convite para um baile de zouk a céu aberto, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro. A noite estrelada, a iluminação e as pessoas ficavam em perfeita harmonia, e vi ali algo maior do que um mero meio de passar o tempo ou de fazer exercícios, na dança de salão.”

Outro ponto interessante a ser notado é que estes gêneros ligados ao universo mais jovem, também são os que atraem mais o público masculino. O forró foi diretamente citado pelo depoente 11. Ao ser perguntado sobre a existência de mais mulheres fazendo aulas de dança de salão, afirmou: “Normalmente mais mulher com exceção do forró. Forró é o único que a gente observa que tem uma procura maior de homens.”

Isso pode acontecer pela questão de que a mulher está socialmente mais ligada ao universo corporal e artístico, e, por isso, teria mais facilidade de dançar. Isso se articula ao fato de que sua função é ser conduzida. Assim ela pode não saber fazer muitos passos, mais vai conseguir dançar com homens que a “levem”. Isso vai acontecer muito nos forrós na medida em que eles se tornam atividades noturnas de lazer dos jovens belorizontinos. E, nesses locais, se destacam mais quem sabe dançar. No caso do homem, dançar bem significa ser desejado a dançar com mais damas, ampliando sua possibilidade de encontros afetivos.

Fica aqui um ponto fundamental da nossa discussão, a sociabilidade. Claudia Barcellos Rezende (2001) explora a possibilidade da sociabilidade, como prática de confraternização, onde simultaneamente essa mesma sociabilidade realça diferenças e realiza separações, principalmente quando está em questão a afirmação de certas identidades.

A autora nos esclarece que seu estudo teve como foco a interação entre cariocas e nordestinos no contexto específico da Feira de São Cristóvão²⁰, e seu objeto de estudo específico

²⁰ Feira de São Cristóvão, espaço de sociabilidade tradicional dos migrantes nordestinos de baixa renda, que oferece

foi a sociabilidade ali desenvolvida. Para sua análise, Rezende teve como referência o trabalho de Simmel (1971). Segundo a autora:

Para ele, a sociabilidade destila das realidades da vida social a essência da associação, enfatizando basicamente a boa forma. Seria assim uma espécie de forma-jogo (*play-form*) de associação, em que o prazer de cada um depende do outro na interação. Para tanto, são necessárias as características da cordialidade e amabilidade, mas outros traços subjetivos da personalidade não devem estar presentes. É preciso uma certa equivalência entre as partes, como por exemplo igualdade em termos de classe, de forma a evitar atritos e permitir que cada um aja como se o outro fosse um igual. A conversa é elemento importante de estimulação da sociabilidade, na qual importa menos o conteúdo e mais a prática da conversa em si mesma. (REZENDE, 2001, p. 01)

A autora ainda complementa:

Logo devem ser levadas em consideração elementos como padrões de gênero, idade, classe social, pois tendem a diferenciar padrões de sociabilidade. “Mais ainda, embora a sociabilidade implique uma associação prazerosa em si mesma, isto não anula a possibilidade de que, mesmo dentro de certos estilos de sociabilidade, se afirmem diferenças ou até surjam conflitos entre as pessoas.” (REZENDE, 2001 p. 01 – 02)

Transportando esse universo de análise para uma academia de dança de salão, pergunta-se, se uma academia não seleciona seu público pelo local, decoração e valor da mensalidade? E, dentro desse público já selecionado será que jovens e adultos, ricos e pobres, fazem aulas juntos? Qual a relação entre estes? Será que pessoas jovens não se disponham a fazer aula e dançar com pessoas mais velhas por terem obrigação para tanto (relação bolsista/aluno/academia)?

Os próprios espaços de dança de salão selecionam seu público. Questões como local e valor, na mesma medida que atraem um público excluem outros. Se há uma aproximação espacial entre grupos sociais distintos em função do consumo da dança de salão, mantém-se a distância social de várias maneiras. Acredita-se aqui que podemos pensar o ambiente das aulas de dança de salão e dos bailes por este viés, como ocorre na feira de São Cristóvão:

Um duplo aspecto da sociabilidade. Ao mesmo tempo que implica a associação prazerosa entre um grupo específico de pessoas, destacando certos valores seus, delimita por contraste, e exclui, outros grupos distintos. [...] É neste sentido que a sociabilidade constitui-se em práticas de associação lúdica que, mesmo buscando a confraternização, não deixam de ser perpassadas por dinâmicas de diferenciação social e por relações de

barracas com música, comida e artigos de couro e corda típicos da região Nordeste. Hoje a feira é um ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro e um ponto de referência não só para o cultura nordestina, mas também um forró.

poder. (REZENDE, 2001 p. 13)

A academia de dança de salão se insere no contexto atual. Lembra-se aqui que as aulas são consumidas. A academia é uma empresa privada, onde seus alunos são, na verdade, clientes e consumidores e a dança é um objeto de consumo. Além das aulas, as pessoas pagam para ter acesso ao convívio com pessoas com as quais se identificam. Segundo Cunha (1999, p. 124):

A proliferação das academias bem como seu significado referem-se ao contexto sociocultural onde estão estabelecidos. O espaço da academia representa a afirmação social do grupo de pessoas ali contido, bem como aponta para uma percepção das condições reais de vida e certa consciência do papel desempenhado na sociedade. (CUNHA, 1999 p.124)

Ao indagar os depoentes sobre como seria uma boa aula de dança de salão, encontrou-se em sua maioria respostas que salientavam que uma boa aula deve proporcionar lazer aos alunos, que tenham outros alunos agradáveis envolvidos, porém, sem perder o compromisso com a técnica, com o ensinar os movimento e as competências necessárias para ser um bom dançarino de salão. Em grande parte, a qualidade das aulas foi vista como resultado do desempenho do professor. Os professores, por sua vez, afirmaram o mesmo que os alunos, mas salientando que uma qualidade importante do professor é perceber o público e os interesses dos alunos, dosando entretenimento e técnica.

Eu acho que uma boa aula de dança de salão é aquela em que o professor consegue localizar o público, aquele público daquela aula. É conseguir identificar a necessidade do aluno, aquela coisa: “o que o cliente precisa”. Eu acho que tem turma que você consegue identificar alunos que buscam mais o entretenimento ali, é saber dançar tecnicamente, mas o que está em primeiro lugar ali, é a socialização, é o bom relacionamento com a escola, enfim, com todos ali dentro. E existem também turmas em que o objetivo é simplesmente o aperfeiçoamento técnico, e geralmente são aulas mais para profissionais, eu vejo pessoas que buscam a profissionalização. Eu acho que quando você consegue identificar esses diferentes públicos, você consegue dar uma boa aula. (Depoente E2)

Assim, uma boa aula é aquela que envolve os alunos na medida em que atende aos seus interesses, ensinando tecnicamente, mas que não deixe as pessoas perceberem o tempo passar. Tudo isso é intimamente permeado por uma relação comercial entre academia e alunos, onde o professor é um mediador no processo de atendimento dos interesses dos alunos que passam também por ter pessoas com que eles se identifiquem para formar ciclo de amizade e um

ambiente que favoreça tal empreendimento. Porém sem perder o foco de que o aluno deve aprender realmente a dançar bem, tecnicamente.

Mas eu acho que uma boa aula, na minha opinião, é uma aula que alcança a realidade, então você tem que levar as pessoas a executarem movimentos, as pessoas a terem consciência do que elas estão fazendo, quer dizer, levar o cavalheiro a entender como que é a condução, levar a dama a se permitir ser conduzida. Eu acho que uma boa aula de dança de salão, ela tem, na minha opinião, além de ter essa parte de entretenimento, que é importante também, mas ela tem que ter um, acima de tudo, um maior compromisso com o resultado. Quer dizer, as pessoas têm que ter uma noção de que elas tão evoluindo, a cada aula ela tem que evoluir, não dá pra chegar ali e ficar repetindo a mesma coisa que fez na aula passada. A aula tem que acrescentar alguma coisa, afinal de contas, a gente vive num mundo todo, sem tempo, as pessoas estão ali com um tempo precioso que elas estão investindo ali também, e investindo dinheiro e tempo. Então, quer dizer, eu acho importante a pessoa ter uma noção de que ela vai ter um retorno, no investimento que ela tá fazendo. (Depoente E6)

Como salienta o depoente E10,

a aula tem que ser alegre. Ou melhor, sem especificar esses pontos, ela tem que proporcionar a prática que a turma busca, de uma forma geral, que, como eu falei, normalmente a prática é o lazer, [...] Então assim, de uma forma geral, a aula tem que proporcionar a prática que a turma quer, a prática do lazer, abordando tecnicamente os movimentos, e historicamente a relação com a prática a qual ela está fazendo.

Em relação a esse raciocínio, o depoente 14 analisa que uma boa aula de dança de salão deve ser “acima de tudo, alegre, descontraída, o que não quer dizer sem compromisso. A aula não pode ser um martírio, de modo que o aprendiz se sinta burro. O instrutor deve ter a percepção do ritmo a ser imprimido em função do conhecimento e habilidades da turma.” Mas isso sem perder a qualidade do ensino que, em grande parte, está vinculado à condução, ao contato entre o casal. Em relação a isso, o depoente E5 expõe que o que realmente busca é “uma aula técnica, que o cara te fala onde você vai pisar, onde seu peso vai estar, para que lado seu pé vai estar virado, a condução, especificamente, qual movimento que você tem que fazer, o que a dama tem que sentir, acho que isso é importante.”

Assim, a boa aula é uma que consegue satisfazer o cliente. Um fator complicador é o fato das turmas serem algo heterogêneo:

Então a boa aula é aquela que vai saber dosar esses dois lados [diversão e ensino], equilibrar esses dois lados que essencialmente vai satisfazer o objetivo do aluno, porque como eu falei às vezes tem alunos que querem se profissionalizar, tem alunos que estão ali só para se divertir, então não querem muito saber de detalhes técnicos, então é difícil

você saber dosar isso. (Depoente E11)

Ao indagar aos depoentes como é um bom aluno de dança de salão, características como “dedicado, interessado, receptivo e paciente” (depoente 05), “atencioso, pontual, motivado, que respeite e procure interagir com os colegas” (depoente 7) foram muito citadas. Segundo os depoentes, o bom aluno também é aquele que presta atenção nas explicações do professor, além de ser persistente e freqüente nas aulas. Entre os depoentes alunos, a idéia de que “Um bom aluno é aquele que se esforça, tenta seguir o que o professor pede, tenta fazer as coisas da melhor maneira possível dentro da possibilidade dele” (depoente E3) foram encontrados na maioria das falas, bem com um ideal de bom relacionamento com os colegas e com o professor, e “ter cuidado com a higiene” (Depoente 14).

Já entre os professores, também se encontrou a indicação de que “em primeiro lugar ele tem que gostar. Esse é o bom aluno pra mim. Aquele que gosta, com certeza ele aprende, por mais que ele tenha dificuldade. Mas ele é muito atento a todas explicações, ele pergunta, ele questiona, ele preocupa, ele treina” (depoente E2). Em relação ao bom aluno de dança de salão o depoente E8 descreve que:

O bom aluno é aquele que está disposto a aprender. Que tem curiosidade de aprender que ele não se limita só a fazer aula ele sai para dançar, ele escuta música ele vê coisas relacionadas à dança tipo ele entra na internet ele vê um vídeo de dança. Ele chega para você comenta; ah eu vi isso achei legal posso trazer para você, de repente tem alguma coisa que você pode tirar e passar para gente. Eu acho que o bom aluno é aquele que além daquilo que é proposto para ele na aula ele busca além daquilo.

Sendo assim, o bom aluno é aquele interessado, é motivado por um interesse pessoal em relação à dança de salão, e não somente por ter que aprender a dançar por que namorada dança e ele precisa saber ou por que todos os amigos dançam e ele não. Assim, a dança aqui, mais que um meio para sociabilização, se apresenta como um fim em si mesma. O aluno que gosta é aquele que se interessa e por meio disso entende que o desenvolvimento técnico na dança de salão acontece através de sua disciplina, palavra esta que foi citada direta ou indiretamente por vários depoentes. Como pode-se ver há um ideal de disciplina e comprometimento do aluno em relação às aulas de maneira geral. Estas aulas incluem o professor os colegas e o ambiente da academia. Porém, essa disciplina não pode tirar o prazer e a descontração nas aulas de dança de salão. Segundo a depoente E1 “a principal característica de um bom aluno é essa, se estar

relaxado, de estar tranquilo em uma aula, [...] ele realmente entende que ele não precisa preocupar, mas ele está atendo, obviamente, ao que o professor está pedindo.”

Outra constatação desse depoente que, além de aluno também é professor, é de que “os professores não conseguem ser bons alunos de dança de salão, porque, em primeiro lugar, ele tem que entender que ele tem que relaxar, ele tem que entender que ele não precisa saber aquele passo naquele momento. Ele está ali justamente pra aprender.” Logo, segundo a visão da depoente E1 os professores ao fazerem aulas têm um alto grau de cobrança em relação a seu desempenho, o que faz com que eles não relaxem e sejam alunos descontraídos.

Por fim, pode-se entender que o bom aluno é aquele que comunga com as boas qualidades de uma boa aula de dança de salão, ou seja, um aluno que está em sintonia com a aula, que tem um comprometimento com seu aprendizado. Portanto, não falta, é dedicado, e, através disso, consegue fazer sua dança fluir, e através da técnica consegue se divertir. Segundo o depoente E11:

Um bom aluno ele sabe dosar isso, ou seja, tem o momento da aula para você observar os detalhes técnicos e procurar corrigir aquilo ali, mas tem que ter o momento da aula para você deixar a dança fluir. [...] sabe, estar atento aos pontos onde ele tem que corrigir, tecnicamente falando, mas sem perder o prazer da dança.

Ao indagar sobre qual seria o aluno mais comum na dança de salão, somente um depoente o relacionou ao aluno ideal. O restante trouxe outras características do aluno que em maior número frequentam as aulas. Alguns inclusive afirmaram características contrárias ao do bom aluno que descreveu anteriormente. Encontramos entre os professores uma crítica aos alunos que valorizam a aprendizagem de passos de dança de salão.

Aquele que quer aprender todos os passinhos, pra dançar com a namorada, é o usual, aquele que só visa: “ah, eu quero aprender passo, passo, passo, só passo”! Se você pára pra ensinar pra ele um passo básico, pra corrigir um detalhe ou outro, seja até mesmo na questão rítmica, ele já fica sem paciência, ele acha que ali é perda de tempo, que tá enrolando ele, e que ele tá gastando dinheiro à toa. Ele quer passo. Ele acha que se ele não aprender passo, o dinheiro dele estará sendo jogado fora. Ele é um péssimo aluno e vai dançar pessimamente. (Depoente E2)

Assim, pode-se entender que a qualidade das aulas para alguns alunos (principalmente os iniciantes) é medida pela quantidade de passos que ele aprendeu. O que acontece com alguns alunos é que, na medida em que ganham maturidade com as aulas, passam a

entender que a qualidade de sua dança (o investimento que faz nas aulas) não está subordinada ao número de passos que teve contato, mas com a qualidade técnica geral de sua performance.

Outros depoentes afirmaram que o tipo mais comum “são aqueles que fazem aula para socializar, se divertir sem a intenção de se tornar um professor”. Ou seja, haveria “todos os tipos, mas principalmente os que não tiveram a oportunidade de conhecer a dança e querem frequentar lugares com música e dança de salão.” (Depoente 04) Ou seja, aquele que “quer a dança como lazer.” (Depoente 12)

Em relação ao isso o depoente E11 afirma que é:

Difícil definir um tipo mais comum, eu acho que uma característica talvez dos alunos, algo que foi mudando ao longo dos anos, [...] antigamente as pessoas buscavam a dança de salão, elas faziam aula e elas saiam para dançar. Colocavam isso em prática fora da escola fora da aula, e hoje nós vemos muitos alunos, que buscam a escola, e que o local da prática tornasse só a aula.

Embora esse depoente relate que este é o mais comum aluno de academias de dança de salão em geral, ele expõe que, “ao longo dos anos foi aumentando o número de alunos que vão praticar somente na aula, então isso para o professor é difícil, porque acaba que o aluno não desenvolve tanto quanto poderia.” Assim, pode-se afirmar, segundo a visão deste depoente, que um aluno interessado em dança de salão não é aquele que fica restrito às aulas, mas que procura vivenciar a dança de salão de maneira mais ampla, seja pesquisando sobre dança em livros, revistas, internet, etc, seja frequentando os bailes de dança de salão, pois:

Ao mesmo tempo se ele sai para praticar ele acaba ficando cada vez mais motivado para voltar na aula, para continuar fazendo aula. Ele vai observar outras pessoas, ele vai conhecer outra pessoa, ele vai se interessar cada vez mais pela dança, vai conhecer outras danças também. É eu não saberia dizer assim a maior parte do público que procura é dessa forma ou de outra.

Em relação ao que seria um bom professor de dança de salão, foi comum na fala dos depoentes a palavra paciência, que por sua vez também foi muito encontrada em relação ao bom aluno. Logo, ter paciência consigo e com os colegas é algo fundamental em um ambiente de dança de salão. Voltando ao bom professor, a fala do depoente E8 expressa outra opinião muito encontrada. Ele afirma que o bom professor “tem que saber dançar e saber ensinar o que ele dança. E ter paciência, ter uma didática boa [...] Ele tem que estar disposto a ensinar e aprender ao mesmo tempo.” Simpatia, carisma e ser envolvente “boa técnica, que procure resolver as

dificuldades do aluno de maneira descontraída e mantenha um ambiente respeitoso em sala de aula.” (depoente 07) Saber motivar os alunos e gostar de ensinar, também foram elencados como características fundamentais para um bom professor.

Logo, é conferido ao professor a responsabilidade de uma boa aula de dança de salão. O professor é visto como o eixo central para o bom andamento das aulas. Algo que ficou evidente na fala dos depoentes como um todo é que as qualidades de um bom professor são “exatamente as qualidades de uma boa aula. Como eu disse, é um professor que sabe prender o aluno, que sabe deixar uma aula dinâmica, que tem conteúdo teórico e técnico, e, obviamente, que sabe demonstrar o passo.” (Depoente E1)

Em uma aula coletiva, diferentes pessoas com diferentes objetivos estão colocados em contato, e isso gera uma tensão. A organização da própria academia em relação à diferenciação de público é algo que ajuda a minimizar este problema. Em academias encontramos divisão das aulas por gêneros específicos e horários. Isso ajuda na seleção de alunos com idades e interesses em cada aula. A depoente 10 descreve que uma boa aula de dança salão tem como premissas:

Não ultrapassar os limites do aluno, eu acho que é saber a hora certa do que ele precisa, é, eu acho que é, pensando numa maneira mais geral, não ultrapassar os limites da turma, saber a hora certa que cada aluno precisa, saber a hora de privilegiar aquela parte da turma, e saber a hora de privilegiar aquela outra parte da turma, deixar as pessoas à vontade, ou seja, é proporcionar, como eu falei, o que a turma quer no âmbito do lazer.

Assim, o lazer é visto como algo inerente à aula de dança de salão, embora muitas pessoas afirmem procurar técnica. Porém, a aula em grande parte está subordinada ao convívio e ao lazer das pessoas. Sobre essa relação técnica/lazer o depoente E11 descreve como é lidar com isso. Ao falar sobre como é um bom professor de dança de salão afirma que:

Ele tem que saber, ele tem que ter uma percepção grande, uma sensibilidade grande para perceber o que o aluno está buscando, ele tem que ter uma capacidade de perceber aonde e como abordar aquele aluno, que de certa forma é difícil. Porque o aluno às vezes ele está lidando com o corpo, lidando com a própria inibição dele, ele está lidando às vezes com uma parceira que seja sua esposa e tudo mais. Então tem vários sentimentos envolvidos também é o ciúmes, a vaidade é isso é aquilo, então é muito difícil a maneira como você vai abordar o aluno, corrigir o aluno. O professor tem que ser muito cuidadoso para saber como chegar no aluno, como falar, como fazer as correções, cobrar detalhes técnicos, tem que saber qual objetivo de cada aluno para saber o quanto ele deve cobrar de um determinado aluno. [...] Então o professor ele tem que ser muito observador, observar realmente onde chegar, que aluno corrigir o que corrigir

exatamente. É como eu falei antes tem que ter a sensibilidade para dosar o lado lúdico do lado divertido de modo que venha a motivar o aluno a continuar fazendo aula e até que ponto ele insiste com as questões técnicas. Ele tem que conhecer muito além da técnica da dança, ele tem que entender bastante da história daquela dança para realmente lidar com propriedade transmitir com propriedade aquele conhecimento. [...] e saber o mínimo de anatomia, saber o mínimo de pedagogia de psicologia. Justamente por esse lado difícil que é lidar com pessoas as mais diferentes possíveis, é isso.

Uma boa aula de dança de salão leva em conta a diversidade de pessoas que estão ali, e procura atender os interesses destas, sem perder o compromisso de ensinar as pessoas a dançarem a dois, os gêneros de dança criados nos salões.

Sobre o tipo mais comum de professor das academias de Belo Horizonte alguns depoentes informaram que o mais comum é justamente o antagonista do bom professor anteriormente descrito. Ou seja, o mais comum são:

Professores despreparados. Professores que nem os alunos: ansiosos. Professores que, na maioria das vezes, começa a dar aula por pressão deles e por pressão da instituição, porque, o que acontece, muitas vezes, ele é um bom aluno, ele entende, ele pega um passo com facilidade, e aí, as escolas, o mundo da dança de salão faz isso: “ah, você dança direitinho, então vai lá, vai dar uma aula”. (Depoente E1)

Sendo assim, “É comum ver professores que são bons dançarinos e não sabem ensinar bem” (depoente 03) e isso de certa forma gera um ciclo vicioso, uma vez que o professor despreparado vai se preocupar em ensinar muitos passos para alunos que pensam que aprender muitos passos é algo primordial. Em relação a isso, a depoente E2 analisa que a maioria dos professores em Belo Horizonte:

São aqueles que não buscam aprofundar na dança na questão teórica. Eu acho que muitos ficam na questão prática. Eu acho que tem o professor que faz o aluno ser um mau aluno, porque ele começa a deixar o aluno a fazer só passinhos, não corrige, não limpa, não tem aquela paciência de “Oh, você está fora do tempo da música, vamos corrigir isso”! ele vai mau educando aquele aluno. Aí aquele aluno cria com ele que ele não aprende com aquele outro que pára e corrige. Então, esse é um péssimo professor.

Mas houve também os alunos que, como a depoente 04 afirmaram que sempre tiveram bons professores, uma vez que, caso contrário, “procuraria outros.” Assim as relações de mercado fazem com os próprios alunos, na medida em que procuram aulas com professores diferentes passem a selecionar melhor seus professores, de acordo com seus anseios.

Além de ser recorrente na fala dos depoentes a falta de formação específica dos

professores também encontramos a idéia de que “é difícil você encontrar um que não tenha prazer em dançar, em dar aula, em ensinar tudo o que sabe, e geralmente são pessoas atenciosas, pessoas, sei lá, alegres, pessoas de bem com a vida. Todo mundo que mexe com dança, são pessoas alegres, espontâneas.” (depoente E3) Mas é justamente esse ideal de pessoa alegre junto ao fato de que a maioria das pessoas não estão na dança de salão com o intuito de serem professores ou bailarinos que forma um tipo de professor que ensina passo. Segundo o depoente E11:

O mais comum é eu acho hoje em dia um grande problema nas danças de salão de uma maneira geral. É Você ver muitos professores que ficam somente focados no passo, somente na transmissão de passos, passos novos. Mas que pecam por não transmitir bem a técnica de uma maneira geral.

E essa postura segundo, esse depoente (professor), é antagônica à de um bom professor. Este não se restringe a somente ensinar passo:

Em outras palavras, o importante não é você passar você fazer o aluno decorar determinadas seqüências é fazer o aluno entender como aquela dança funciona de modo que ele possa raciocinar e desenvolver os seus próprios passos digamos assim. [...] é você fazer com que o aluno entenda e descubra por ele próprio os caminhos as possibilidades ele entenda como aquela dança fluir.

É tudo isso tem por base a melhor comunicação com o par, que nesse viés deixa de ser um diálogo combinado para ser uma relação de contato que gera novas possibilidades de movimento, ou seja, ao invés de se “ensinar frases prontas para o aluno é você ensinar a formar frases para que ele possa conversar com o outro e não que ele tenha textos decorados assim.” (Depoente 11)

Estes elementos que se vem até agora levantando pautam diariamente o trabalho deste ator social, o professor de dança de salão. Ele é um elemento que vive economicamente do lazer. Voltando a aspectos já falados neste texto, entende-se então que:

São vários os motivos que levam as pessoas a procurar a prática da dança de salão, sejam eles dançarinos ou não. No entanto, percebe-se que em muitos casos as pessoas conscientemente buscam a dança de salão para perder o medo do contato com as pessoas e/ou para ter uma alternativa para sair da rotina do dia a dia. (ABREU *et al*, 2008, p. 653)

Este é um aspecto a ser levado em conta no processo pedagógico e de convívio nas aulas de dança de salão, pois como afirma Oliveira *et al* (2002, p. 02) “Como parte do processo de ensino-aprendizagem, acreditamos que o professor tem um importante papel, no sentido de tentar minimizar este desconforto, se é que ele realmente existe.”

Levando em conta que o que realmente caracteriza a dança de salão é o contato entre um casal, fica evidente que o processo de construção da dança deve estar embasado em criar elementos que possibilitem que o casal se conecte, onde duas pessoas passem a ser um único “par”. Para isso temos o processo de condução, onde uma pessoa, a do sexo masculino, “dirige” o casal. Pois como afirma Oliveira (2002, p. 04):

Podemos verificar que há uma aproximação dos casais quando o par é o “melhor dançarino” ou é a pessoa “com quem mais se gosta de dançar”, e também que há um distanciamento dos casais quando o par é o “pior dançarino” ou é a pessoa “com quem menos se gosta de dançar”. (OLIVEIRA *et al*, 2002, p. 04)

Assim, acredita-se aqui que o próprio fato de estudar²¹ esse processo (o de estabelecer um meio de diálogo entre o casal) cria e desenvolve um menor desconforto para seus praticantes pois, “a boa condução leva a uma aproximação dos casais, especialmente em danças que exigem a aproximação, como a Valsa, impossibilitando o total distanciamento que alguns dançarinos tentam impor.” (OLIVEIRA *et al*, 2002, p. 05) Porém, é justamente esse processo de aproximação o maior elemento de desconforto no início desta atividade. Logo o elemento de maior fonte de dificuldade é também o elemento mais prazeroso na sua atividade.

Em relação a esse processo professor/aluno Volp *et al* (1995, p. 53 - 54) fala que:

Parece ser de senso comum tratar a dança de salão como uma atividade prazerosa pela qual muitos se interessam. Mas não é senso comum, nem corriqueiro um professor ter como objetivo de curso “proporcionar situação de satisfação plena aos praticantes”. Se o alcance dessa satisfação faz o “self” crescer, fortalecendo-o (porque sua organização se torna mais complexa) e colabora para o desenvolvimento do indivíduo, porque a promoção da satisfação deve estar fora dos objetivos da educação? Um “bom” curso de dança de salão, assim como de muitas outras atividades, seria aquele que apresentasse em seu programa aspectos técnicos, nomes de passos difíceis. Teorias de controle motor, etc, ou aquele que priorizasse a ocupação do tempo livre, a vivência do fluxo, etc? Em nossa opinião, nem um nem outro mereceriam total qualificação, mas sim um programa

²¹ Estamos aqui usando o termo estudar por levarmos em conta neste momento de nossa argumentação que o “aluno” faz “aulas de dança de salão” onde o “professor” proporciona para os alunos meios para tanto. Estes meios devem ser aprendidos e adaptados às diferentes subjetividades e corpos dos alunos. Assim um dos pontos da aula é levar o aluno a descoberta (e isso se dá por meio de estudo) de como estabelecer uma relação harmônica com o contexto da dança de salão em geral.

que desse espaço para que todos estes itens fossem abordados e/ou vivenciados. Assim estaríamos considerando o ser humano real, total, cheio de interesses e desinteresses, altos e baixos de performance e de ânimo, acertos e erros, etc. (VOLP *et al*, 1995 p. 53 – 54)

Pode-se ver então que os professores levam em consideração a opinião, o bem estar e principalmente a satisfação do aluno. Isso também por que as aulas de dança de salão são um produto. Um importante meio para tanto é o desenvolvimento técnico da dança, pois, caso elas não atendam as expectativas e a satisfação de seus consumidores, os alunos provavelmente deixarão de participar das aulas, e com isso, o professor deixar de ter renda. Seria então plausível dizer que são justamente as necessidades e desejos dos alunos que são levados em conta na hora em que o professor vai pensar sua aula. Entende-se então que as boas aulas de dança de salão tendem a mesclar a descontração e a formação de um grupo de convívio, com o estudo de técnicas de dança nas quais os alunos vão se apoiar para dançar.

Entre os professores pesquisados teve-se como amostra professores de dança de salão entre 01 e 20 anos de profissão. Ao indagar os depoentes sobre como aprenderam a ministrar aulas de dança de salão, a resposta que encontramos em todos foi que aprenderam na própria prática da dança de salão, seja nas aulas que vem fazendo, auxiliando aulas de outros professores ou mesmo fazendo cursos com professores diversos.

Olha, eu não aprendi a dar aula de dança de salão. Eu posso te dizer que o conhecimento em si que eu busquei foi fazendo outras aulas, e fazendo cursos também, eu fiz cursos de férias pra formação pra professores, eu fiz curso com o Jaime Aroxa 3 anos, faço Semana da Dança desde a 3ª Semana da Dança. Atualmente está na 10ª edição esse ano. 11ª ou 10ª, e eram nesses cursos que funcionam praticamente como um congresso, que durante a semana toda tem palestras teóricas, tem aulas práticas, que vem um pouco da minha formação, já que nesses congressos, a coisa já é mais direcionada pra essa coisa do ensino da dança. Mas eu não fiz nada específico de “como dar aula de dança de salão”. A experiência que eu tive fazendo aula é o que me faz sentir apta para dar aulas de dança de salão. (Depoente E2)

Nesse sentido, o aprendizado de como dar aula é passado de professor a aspirante a professor dentro das próprias academias. Segundo o depoente E8, ele aprendeu a ministrar aulas de dança de salão “Fazendo aula com outros professores; desses professores alguns me deram aulas de como dar aula mesmo algumas coisas, assim, bem específicas. Aprendi mais observando a isso, porque eu fiz aula com muita gente; a maioria das pessoas de Belo Horizonte.”

Assim, como ainda não há um curso regular de formação de professores de dança de

salão, isso acontece muito pela própria inserção da pessoa no universo da dança de salão. O vínculo em uma academia se torna um meio para isso. Isso fica claro no relato da depoente E1 sobre sua trajetória de formação como professora de danças de salão. Ela afirma que aprendeu a ministrar aulas de dança de salão:

Dando aula (risos). É a maneira mais fácil de dizer, assim, porque eu fazia aulas, aí, depois de um tempo já dançando, eu tive interesse e falei com os meus professores na época, e daí eles chamaram... uma coisa que existe da dança de salão: “ah, você vai lá, dá uma ajudinha e tal tal tal”... e daí eu fui... “ah, o professor não vai hoje, você que vai dar aula”. Lindo, maravilhoso! Por mais que as minhas aulas sempre foram, a maioria das vezes foram sempre particulares, assim, hoje em dia que eu ministro aulas em grupo, aí já é outros quinhentos. Mas comecei pela aula particular no Rio Grande do Sul, mais no sentido assim, ajudando, ajudando, e acabo dando a aula.

Em dança de salão pode-se notar duas modalidades muito claras de aula: aula particular e aula em grupo. A “aula particular” referida pelo entrevistado E1 se refere a uma modalidade de aula onde existe um professor para um aluno ou um casal de alunos. O professor ministra uma aula direcionada para um número restrito a no máximo dois alunos, ou ele dança com o aluno que faz aula com ele, ou seja, uma professora mulher ministra aula particular para um homem, e vice versa. Já a aula em grupo, a relação se estabelece entre um professor e vários alunos, onde este tem que atender aos interesses diversos da turma e não de um caso específico.

Outro ponto que se encontrou foram experiências em outras danças e em sua formação no meio acadêmico, como nos informa a doente E10:

A principal base da minha aula vem da universidade, porque eu formei em educação física, em licenciatura, então, vem da universidade. A própria faculdade de educação, as aulas ligadas à educação escolar, até propriamente ligadas à educação física, isso me formou realmente professor. Agora, não adianta ser professor sem estar atuando. Eu participei de projetos de extensão, fui bolsista, eu fiquei 2 anos em projetos de extensão, dando aula na universidade, sendo monitorado e assessorado por pessoas que tinha uma qualificação profissional bem maior do que eu, além disso, tinha experiência com professores quando eu fiz um início em uma outra escola, e aqui, uma base que até completou até hoje, que completa a minha formação, porque ela não acaba, ela é contínua.

Ao perguntar aos depoentes professores o que os faz continuar ministrando aulas de dança de salão, a resposta mais comum se deu pelo cruzamento entre dois fatores: “O retorno financeiro e o prazer em ensinar os alunos” (depoente 01). Embora os professores admitam que o professor de dança de salão não é bem remunerado, afirmam serem professores movidos por uma

“paixão”, por gostarem não somente de dança ou de dançar, mas por se satisfazem ensinando outras pessoas a dançar. Alguns afirmaram, como a depoente 03, que é “A paixão. Consegui me encontrar nesta profissão” é o principal motivo de continuarem sendo professores de dança de salão.

Bom, eu não vou mentir que tem o lado financeiro, mas se eu falasse com você que era só financeiro, eu não estaria ministrando aulas de dança de salão. Porque não é uma coisa que eu conseguiria constituir uma família, por exemplo, como eu falei, a dança de salão tem problemas que são da área, e tem problemas que são locais, como você tem em todos os lugares. O que me faz realmente ministrar até hoje, além do lado financeiro, que não é tudo, talvez seja uma pequena porcentagem, é o fato de eu ter me encontrado na sala de aula. Eu me encontrei na sala de aula. Eu não me vejo em outro lugar que não seja uma sala de aula. E eu falo isso de uma forma mais abrangente, eu não falo isso de estar só na escola não. Eu me realizo dando aula, dando palestras, dando aulas teóricas, não necessariamente práticas, é um lugar que eu encontrei e que eu quero viver pelo resto da minha vida. (Depoente E11)

Assim, encontramos como motivo principal para os professores de dança de salão continuarem como tal, um prazer em ser professores. E esse prazer suplanta inclusive o lado financeiro, apesar de este ter uma grande importância na continuidade do ministério de dança de salão para esses profissionais.

Em primeiro lugar essa paixão que eu tenho pela dança, não somente pela dança mas, por dar aula. Algo que eu gosto muito, me divirto de certa forma dando aulas, acho muito gostoso isso. Eu aprendo muito quando eu estou dando aulas eu acabo aperfeiçoando minha própria dança quando estou dando aula e obviamente hoje é minha profissão meu ganha pão, é eu sobrevivo disso em outras palavras. (Depoente E11)

Em contraponto a isso, os mesmos depoentes afirmaram que parariam de ministrar aulas de dança de salão caso tivessem outra ocupação profissional mais estável, ou estudos no mesmo horário que as aulas de dança de salão. Salienta-se aqui que, o horário de maior movimento em academia de dança de salão é durante a noite, mas o ideal de permanecer ministrando aulas de dança de salão enquanto possível foi algo comum nos depoimentos²² A depoente E1 afirma que pararia de ministrar aulas:

Pela questão financeira. Aí, hoje, pelo menos, pra eu conseguir dar aula e receber assim, pra me sustentar, eu teria que dar aula praticamente o dia todo. Então, como eu tenho

²² O depoente E8 “Se eu tivesse alguma coisa que me restringisse fisicamente, se acontecesse um acidente e eu não pudesse me locomover, alguma coisa assim só.” Depoente E10 “Se um dia eu parasse? Me aposentasse, por exemplo. Ou não aguentasse fazer mais nada, né, eu talvez pararia. Ou então se eu arrumasse uma outra forma de dar aulas, por exemplo, um mestrado em uma universidade, uma escola, né.”

outras atividades, não posso viver só para isso, então seria principalmente financeira, assim, que eu pararia de dar aula pra ganhar dinheiro com outra coisa.

Assim os professores também se vêem envoltos em uma atividade prazerosa ao ministrarem algumas aulas, e o fazem por prazer. Sendo que, os motivos que levam essas aulas a proporcionarem prazer, são semelhantes aos motivos que levam seus alunos a terem prazer nas aulas.

Os motivos que levam as pessoas a buscar uma academia vão além da relação pedagógica de aprendizado de uma dança. Se assim fosse, se submeteriam a uma rotina maçante de exercícios de treinos. A aula é também um ponto de encontro e sociativismo que vai ou não ser estendido aos bailes. Nesse quesito, são notórios os bailes de academias, nos quais os alunos se reencontram com os outros, ou os grupos que se formam por intermédio da academia para frequentar festas e bailes. Nesse caso, seria então possível dizer que o que leva as pessoas à aula de dança é justamente a idéia de aprender a dançar ligando isso à sociabilidade. Aprender a dança seria um meio de se sociabilizar, e a própria aula é um ponto de sociabilidade, onde a dança aparece como um elemento mediador para tanto. Mesmo o aluno que faz aula particular entra nesse contexto. Mesmo não fazendo aula em grupo, ele tem contato com seu professor e com o grupo da academia ao frequentá-la, pois está inserido no grupo que faz aula na academia e que dança em bailes.²³

Isso tudo ainda é reforçado pelo fato de a dança de salão estabelecer um contato, diálogo corporal, entre os indivíduos. Este é o fator que ocupa o maior ponto de dificuldade na aprendizagem. Manter um ritmo, equilíbrio e clareza nos movimentos devem ser aprendidos, pois são apenas meios para um melhor contato e diálogo com o outro. Porém, embora a sociabilidade implique uma associação prazerosa em si mesma, dentro dela se afirmam diferenças ou até surgem conflitos entre as pessoas.

A própria academia de dança estipula um público alvo e cria um padrão, ou seja, atrai um público específico, onde pessoas comungam dos mesmos signos e gostos. Além do gosto em comum pela dança de salão, se encontram em uma comunidade. Neste local, o desconforto de se ter um contato direto com um estranho pode ser minimizado, uma vez que há alguma

²³ Nas aulas particulares somente um aluno ou casal tem o horário e atenção disponível do professor. Quando a aula é de uma pessoa do sexo masculino geralmente ela dança com a professora, ou quando é uma aluna ela faz aula e dança com o professor. Muitos alunos fazem aula particular por terem mais dificuldade, ou por acharem que a aula em grupo rende pouco, por não terem disponibilidade de tempo nos horários que academia tem aula em grupo ou por quererem se especializar em um gênero de dança específico que não tem turma na academia.

identificação com o outro.

Para Magnani (1996, p. 6) a categoria pedaço “designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla, que é fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” Logo podemos perceber que academia pode ser entendida como um pedaço que congrega aulas e bailes, entendendo-a como um potencial espaço onde o lazer e as outras esferas da vida se desenvolvem e articulam.

Outro elemento a ser considerado são as estratégias pedagógicas do professor. Estas devem levar em conta minimizar este desconforto. Se o que realmente caracteriza a dança de salão é o contato entre um casal, é evidente que o processo de construção da dança deve estar embasado em criar elementos que possibilitem que o casal se conecte, onde duas pessoas passem a ser um único “par”. O desenvolvimento técnico que inclui conhecer e dominar os gêneros de dança de salão com suas bases e construções sociais é o principal fator para isso, mesmo que seja difícil.

Assim, é possível afirmar que as pessoas que procuram uma academia de dança de salão buscam os benefícios que ela proporciona, seja o associativismo, uma atividade física ou mesmo por terem uma valsa de casamento ou debutante para dançar, sabendo que serão vistos por todos que querem dançar “direito”.

Pode-se entender que os professores de dança de salão, ao ensinar uma técnica, ensinam as pessoas fundamentos em comum como ritmo, equilíbrio, a premissa de condução e passos “básicos” de gêneros diferentes de dança (nacionais com o samba ou internacionais com o tango), ensinando na verdade uma base que deve ser seguida pelos dois membros do par. Um exemplo disso é a condução. Volp observa que no início do curso de dança de salão, as meninas levavam os meninos. Ela nota claramente “uma interferência do curso dirigindo a responsabilidade da condução para o sexo masculino e capacitando as garotas a perceberem os sinais sutis envolvidos no ato de conduzir.” (VOLP, 2004 p. 123) E essas responsabilidades passam inclusive a serem valorizadas após o curso.

Assim, a dança de salão é pautada por esse processo de interação que, assim como a fala ou a escrita, trabalha sobre bases e padrões que são socialmente aceitos, construídos e aprendidos. Sem ele não é possível se comunicar, tampouco dançar, pelo menos a dança de salão. É possível dançar a dois, mas não seria uma dança de salão sem essas regras de jogo a serem

seguidas. São elas, inclusive, que caracterizam o jogo (gênero de dança de salão que está sendo executado).

3 RELAÇÕES ENTRE A DANÇA DE SALÃO E O LAZER

3.1 O lúdico

É pensando na problemática da dança de salão na atualidade que propõem-se aqui pensar o lazer. Ambos são elementos da cultura e, nesse ínterim, pensar o lúdico se torna um elemento da nossa discussão. Para Antonio Carlos Bramante (1998, p. 11), o lazer pode ser traduzido como sendo "dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer, e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade". Seguindo essa visão, o eixo principal para o lazer seria a ludicidade. O lazer aconteceria como resultado da articulação entre conquista do tempo e a ludicidade.

Segundo Huizinga (2000) e Caillois (1990), o lúdico é elemento anterior à própria civilização e a cultura. Entende-se aqui então que, o conceito de lúdico se torna fundamental para o entendimento do conceito de lazer que norteia esta pesquisa. Falando sobre o lúdico Dumazedier (1976, p. 58) afirma que:

Dentro destas condições reais, equívocas, dialéticas ou conflituais é que se elaboram as novas possibilidades históricas de realização "lúdica" da pessoa. Esta conquistou pouco a pouco o direito a um certo poder (tempo) de escolher atividades orientadas prioritariamente para fins desinteressados, para a satisfação das necessidades individuais ou sociais, sem utilidade social direta, para a expressão, a criação ou re-criação da própria pessoa. [...] tornou-se um tempo que tem as atividades que têm um valor em si.

A ludicidade entendida como a "humana capacidade de brincar com a realidade" (DEBORTOLI, 2002 p. 82) é predicado fundamental do jogo. Huizinga em sua obra *Homo Ludens*, considera que o lúdico é inseparável do fenômeno jogo e que sua essência está na intensidade, na capacidade de excitar e no poder de fascinação. O autor caracteriza o jogo como

uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana. (HUIZINGA, 2000, p. 24)

Tecendo críticas a Huizinga, Gomes (2004 p. 142-143) afirma que:

Concordo com Huizinga quando este ressalta que o lúdico caracteriza-se pela livre escolha, busca a satisfação, possui uma ordem específica (construída pelos sujeitos envolvidos) e se realiza em limites temporais e espaciais próprios. Porém, não avalio o pensamento de que o lúdico seja gratuito (ou desinteressado) e exterior à vida real, propiciando a evasão. Embora ciente de que o lúdico pode favorecer a evasão da realidade, considero esse fato lamentável porque mascara injustiças sociais e estimula a passividade.

Levando em consideração estas afirmações e fazendo uma ponte com a dança de salão, podemos perceber que esta se desenvolve em um limite de tempo e espaço, salões de festas ou qualquer lugar que se institua como local para dança. Acontece perante regras concedidas, tanto regras sociais quanto regras de como se jogar. Estas regras precisam ser aprendidas, sendo obrigatório que ambos os jogadores (o casal) comunguem de padrões corporais de indução e resposta (mais conhecida no meio da dança de salão como “condução”), dotado de um fim em si mesmo, e têm este sentimento de tensão e alegria. Assim, ela está de acordo com o que afirma Bandet e Sarazanas (1973, p. 14) quando afirmam que: “Parece existir no conjunto dos jogos, um movimento de fantasia no sentido do estabelecimento de regras que transformam o jogo ‘num instrumento de cultura fecundo e decisivo’”.

A livre escolha, a busca a satisfação que ocorre dentro de uma ordem específica (construída pelos sujeitos envolvidos) e se realiza em limites temporais e espaciais próprios, podem ser algo inerente à dança de salão. Porém, é uma prática que existe dentro da sociedade que a produz. Quando entendemos a dança como um fator de sociabilidade, admitimos uma tensão latente em seu seio. O dançar em um salão ou mesmo em uma aula acontece mediante um contexto social que produz regras e normas, fazendo do ser dançante alguém ligado à realidade vivida, mesmo que em uma esfera particular, não se caracterizando por uma evasão. Dançar para ser visto não é gratuito. Está intimamente ligado à vida real e as relações de status sociais de poder. Entende-se aqui que o saber dançar cria uma distinção entre os outros sujeitos em um espaço dançante. Portanto estamos estabelecendo aqui que a dança de salão é jogo.

Segundo Huizinga:

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a

rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. (HUIZINGA, 2000, p. 13)

Caillois (1990) definiu o jogo pelas formas que toma esta atividade, que é para ele: 1ª Livre (o jogador não pode sentir-se obrigado). Em dança isso se expressa no fato da pessoa poder não ir ao salão de baile. Também pelo fato de que, a dança somente acontece perante um convite e um aceite. Em seus princípios cabia somente ao homem a obrigação de tirar (chamar) a mulher. Hoje, isso vem se reconfigurando, não impossibilitando uma mulher de tirar um homem para dançar, ou mesmo de dançar em alguns casos mulher com mulher (homem com homem dificilmente se vê).

2ª Separada (circunscrita a limites de espaço e tempo): o mesmo vale para a dança de salão. Hoje é vista como uma atividade de lazer. É feita em momentos específicos da vida cotidiana. A dança em si acontece em um limite de tempo, o da música. Outro ponto é que este tempo está ligado ao tempo conquistado, livre “de certa forma” das obrigações profissionais.

3ª Incerta (o resultado não é obtido previamente). Esta incerteza em dança de salão acontece a todo o momento, desde quando se propõe dançar com uma outra pessoa, até cada instante do jogo. Sendo uma relação de comunicação inúmeros ruídos podem atrapalhar, sem falar que a própria materialidade do salão faz isso. Tem a música que pode mudar o deslocamento dos outros casais e a capacidade e improviso durante a dança que criam situações inusitadas o tempo todo.

4ª Improdutiva (Não cria bens ou elementos novos): hoje a dança de salão prove um mercado em expansão, temos academias, os organizadores de festas e eventos de dança, os bailarinos que se apresentam em espetáculos. Porém estamos aqui tratando o ato de se sair e ir a um salão de dança, onde o principal objetivo é a própria dança e o relacionamento com outras pessoas.

5ª Regulamentada (tem convenções que elegem uma nova legislação momentânea a ter validade): isso fica claro no momento de permissividade de toque que ela permite, pode-se chegar mais perto, encostar, um deve induzir e o outro se deixar levar, cria um padrão romântico de casal que se consolida somente no momento da dança.

6ª Fictícia (tem uma consciência específica de realidade): perante o que venho percorrendo até agora se torna plausível falar que no momento do jogo da dança cria-se um recorte na realidade. Isso acontece em um tempo e espaço que absorve seus jogadores, criando

uma ordem separada da vida corrente, circunscrita aos limites de espaço e tempo do jogo, onde as pessoas deixam de ser homens e mulheres para ser cavalheiros e damas, seres dançantes, munidos de papéis definidos. Uma questão que agora é levantada é em relação ao que afirma Bandet e Sarazanas (1973, p. 21): “O jogo situa-se no domínio da ficção ou da ilusão. O reino da brincadeira é o paraíso do ‘faz de conta’.” Seria a dança de salão uma brincadeira? A dança encanta seduz, atrai grande parte das pessoas, porém as danças de salão entram no mundo social, surgem na aristocracia francesa como um elemento fundamental da educação dos nobres, pois era necessário aprender a dançar para ser aceito. Ao se prestar atenção ao casamento, onde geralmente o casal dança valsa, ou em determinados ciclos de amizade, dançar passa a ser também uma necessidade para se conseguir espaço na vida social. Vale lembrar aqui que esta dança está ligada a uma série de construções sociais, o homem como indutor, o casal, o salão onde todos podem ver, tudo isso são construções que refletem padrões esperados da sociedade ocidental. O mesmo autor, acima citado, aponta para o fato de que o jogo aparece como uma atividade mais natural da criança, pois esta não se prende a constrangimentos e desconhece o sentido de obrigação, ou este é ignorado.

Segundo Bandet e Sarazanas (1973, p. 23) “Na actividade lúdica, ‘o sério’ pertence à criança, que nada pode fazer de mais válido, enquanto que o ‘fútil’ parece estar do lado do adulto, que tem problemas mais graves e mais pesadas obrigações.” Mas isso não se processa de forma tão linear a ponto de apontarmos uma única classe de seres humanos como detentores do lúdico. Isso vai ficar claro na medida em que nos atentamos para a conclusão de Georges Gusdorf (apud BANDET e SARAZANAS, 1973, p. 25), de que, desde a infância:

O jogo não é a negação pura e simples, o aniquilamento da seriedade, do trabalho e da lei, mas sim o signo da seriedade, do trabalho e da lei, mas sim o digno e o penho da reconciliação, no âmbito do destino individual e social, entre a regra e a exceção, entre a necessidade à liberdade. O jogo é o sal da civilização. (BANDET e SARAZANAS, 1973, p. 25)

Portanto, mesmo que em determinados contextos dançar possa ser uma obrigação, se tornando uma atividade séria, não perde por esse fato seu caráter lúdico. Como pudemos notar as idéias sobre jogo e cultura contribuem para evidenciar novas construções dos jogos em contextos diferenciados, e a dança de salão é uma dessas construções, isso fica mais patente ao nos atermos ao que nos diz Gomes, (2004, p.145) em relação ao lúdico. A autora acredita ser o lúdico:

Expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto. Por essa razão, o lúdico reflete as tradições, ou valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade. Assim, é construído culturalmente e cerceado por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência.

Pelo entendimento da autora “O lúdico é um componente da cultura e, enquanto tal, muito mais amplo do que o próprio lazer.” (GOMES, 2008, p. 131) Assim, podemos afirmar que a dança de salão possui a potencialidade de ser uma atividade de lazer, e este se encontra envolto pela cultura. Essa análise encara a dança enquanto uma atividade dotada de ludicidade. Caso essa ludicidade for vivida no tempo dotado de um significado próprio, não estando “diretamente” vinculada ao trabalho pode ser entendida, a dança de salão, como uma atividade de lazer. Porém, não se está aqui afirmando que o lazer e trabalho estejam em esferas totalmente estanques de nossa cultura. Falamos isso uma vez que o lúdico:

Sendo linguagem humana, pode manifestar-se de diversas formas (oral, escrita, gestual, visual, artística, dentre outras) e ocorrer em todos os momentos da vida [...] mas as práticas culturais não são lúdicas em si. É a interação do sujeito com a experiência vivida que possibilita o desabrochar de ludicidade. (GOMES, 2004, p. 145)

Logo, o lúdico constitui formas específicas de fruir a vida social, tendo como traço os sentidos e as emoções, criando assim, um processo estético pela apropriação do indivíduo em relação à experiência vivida, e não a apenas ao produto alcançado. Entende-se então, que o lúdico acontece no processo e não no resultado das vivências. Porém não deixa-se aqui de entendê-lo como um elemento constantemente construído culturalmente e cerceado por vários fatores.

3.2 O lazer

Lúdico e lazer não são sinônimos. Existe uma série de implicações para que uma atividade seja realmente uma atividade de lazer. Encontramos vários significados para o lazer e para a dança de salão, segundo Gomes (2008, p. 90):

O significado de lazer como o inverso das obrigações de diferentes naturezas, principalmente do trabalho produtivo, vem predominando na sociedade atual. Frequentemente, entende-se o lazer como “não-trabalho”, tempo livre ou desocupado dedicado à diversão, à recuperação de energias, à fuga das tensões e ao esquecimento

dos problemas que permeiam a vida cotidiana. Para algumas pessoas representa, inclusive, uma perda de tempo e, enquanto tal, o lazer é configurado como uma futilidade, sendo alvo de valores preconceituosos. (GOMES 2008, p. 09)

Perguntou-se aos depoentes o que eles entendem por lazer. Tivemos em grande parte das respostas a ligação de lazer a uma coisa que proporcione prazer. A relação entre prazer e não obrigação também foi muito citada e, em relação a isso, a depoente E2 fala que “lazer é aquela atividade que te proporciona prazer e nenhum tipo de cobrança.”

O lazer também foi visto como algo ligado a satisfação das necessidades dos indivíduos: “O lazer eu acho que vai variar de acordo com o que a pessoa sente necessidade [...] o que falta pra ela.” (Depoente E1) Assim, lazer seria “Tudo que me dá prazer, que te alivia.” (Depoente 09)

Isso está de acordo com as afirmações de ser ausência de stress: “lazer é descanso, folga, diversão, relaxamento, ausência de stress, prazer.” (Depoente 03) Outro ponto que encontrou-se nas respostas dos depoentes, foi à possibilidade de escolha da atividade e a não vinculação com o trabalho. Assim, “Lazer é tudo que você faz, que não é uma obrigação e se diverte com isso” (Depoente E5). O lazer seria então “desenvolver atividades que me proporcionem prazer. As atividades de lazer são escolhidas ou eleitas somente levando em conta a possibilidade dessas atividades proporcionarem prazer, sem levar em conta nenhuma outra necessidade a ser atendida.” (Depoente 09) Logo, “Lazer é um momento prazeroso no qual você consiga se desligar do seu mundo profissional e familiar.” (Depoente E7)

Pôde-se perceber no discurso de praticamente todos os depoentes, uma idéia de lazer como sendo atividades, onde o lazer estaria expresso por atividades prazerosas que não se ligam ao universo do trabalho. Ou seja, lazer “são as atividades praticadas no tempo livre, por opção própria, sem remuneração, que proporcionam prazer, entretenimento, diversão.” (Depoente 13) Assim, o lazer “É uma prática em que eu gosto de fazer sem nenhuma responsabilidade, sem nenhuma pressa de fazer, sem ter que mostrar nada pra ninguém, sem ter que mostrar performance nenhuma pra ninguém, de estar ali porque eu quero estar ali, da mais pura, do mais puro sentimento.” (Depoente E10)

Salientando ser difícil dar uma definição de lazer, pois “eu nunca pensei nisso”, o depoente E11, um professor de dança de salão, nos falou que “definiria algo que está desvinculado da minha profissão, algo que me dá prazer de fazer, e que está desvinculado também das minhas atividades rotineiras assim, do dia-dia. É algo que vai me trazer um

relaxamento, vai me trazer um descanso.” Em seguida analisa que “a dança, por exemplo, me dá muito prazer, de executar, de dançar, de praticar, e é algo que, querendo ou não, está ligado ao meu trabalho. Então, eu não consideraria a minha principal atividade de lazer, porque eu consideraria lazer como algo que está desvinculado com a minha profissão.”

Porém, ele ainda entende que “apesar de a dança ser sim uma atividade de lazer pra mim, eventualmente, mas é que a dança, querendo ou não, ela está ligada ao meu trabalho.” Logo, ele não entende que a dança de salão na sua vida ainda é uma atividade de lazer, na maior parte do tempo, uma vez que se liga ao seu universo de trabalho, tanto quanto professor quanto bailarino.

Pode-se ver que o lazer vem incorporando o status de não-trabalho. Como fala Gomes (2008, p. 16) “nessa associação, na maioria das vezes o lazer assume a conotação semântica de ócio como antítese do trabalho. Na realidade, essa oposição é apenas aparente, uma vez que lazer e trabalho constituem dialéticas relações”. (GOMES, 2008, p. 16)

A origem etimológica da palavra lazer: vem de *licere* que, em latim, significa ser lícito, permitido. Retornando ao passado romano Gomes (2008, p. 13) elucida que:

O sentido de *licere*, vocábulo latino criado nos tempos áureos dessa civilização que originou, etnologicamente, a palavra lazer na língua portuguesa. Neste estudo, verificou-se que o sentido original incorporado pelo lazer remete aos significados inerentes a práticas culturais consideradas, sobretudo pelos grupos hegemônicos da antiga Roma, dignas e legítimas de serem vivenciadas pelas pessoas comuns, indicando assim um exercício de poder que se vem perpetuando ao longo dos tempos. (GOMES, 2008, p. 13)

Assim a raiz do lazer está vinculada à possibilidade de dispor deste tempo. Em uma sociedade que criou o jargão “tempo é dinheiro” é necessário não somente ter tempo, mas também dispor de condições financeiras para usufruir deste tempo. Isso aplicado diretamente às academias de dança de salão fica mais evidente, uma vez que as aulas são pagas.

Pautado em pesquisas empíricas por ele desenvolvidas na França nas décadas de 1950 e 1960, o sociólogo francês Joffre Dumazedier, que principalmente a partir da década de 1970 influenciou diretamente o campo de estudo no Brasil²⁴, propugna ser o lazer:

²⁴ Segundo MARINHO e PIMENTEL (2010 p. 30) Ele foi um dos primeiros autores a procurar estabelecer critérios precisos para o avanço do conhecimento das formas e dos significados do lazer na sociedade industrial, por meio de uma "Sociologia empírica do lazer". Partindo da dicotomia entre lazer e trabalho, a sua proposta para identificar uma atividade como lazer foi a de conjugar os critérios tempo e atitude.

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (1976, p. 34).

O autor ainda complementa esse conceito, como funções do lazer a recuperação do estresse, o divertimento, a liberação do tédio e expressão do poder criativo. Como podemos notar Dumazedier procura trazer como contribuição avanços no estabelecimento de um recorte claro para se pesquisar. Vale lembrar que todo conceito não consegue dar conta de uma realidade e que, via de regra, serve com um instrumento de definição analítica, para recortar e prover incursões acerca do objeto estudado. E neste sentido se torna necessário uma operacionalização do conceito para se estabelecer melhor os campos de estudo, no caso a sociologia do lazer, o qual ele defende ter que ser empírica a pesquisa. Em suas análises Dumazedier (1979, p. 84) destaca um sistema de caracteres específicos e constituintes do lazer:

- (a) *Caráter liberatório*: o lazer é liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas) e resulta de uma livre escolha.
- (b) *Caráter desinteressado*: o lazer não está, fundamentalmente, submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, sócio-espiritual.
- (c) *Caráter hedonístico*: o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si: “isso me interessa”. Essa busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer.
- (d) *Caráter pessoal*: as funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) respondem às necessidades do indivíduo, face às obrigações primárias impostas pela sociedade.

O autor situa o lazer em um tempo separado do tempo de trabalho, compreendendo este como fruto da civilização nascida da Revolução Urbano-industrial, que artificializou o tempo e o espaço cotidiano do indivíduo. Por situar o lazer como um “conjunto de ocupações”, restringindo o fenômeno à prática de determinadas atividades, este conceito é alvo de críticas por parte de alguns autores.

Segundo Gomes (2008, p.109) “o conceito formulado por Dumazedier restringe o lazer a determinadas atividades, assemelhando-se ao sentido de recreação construídos, no Brasil, até mesmo nos dias de hoje.”²⁵ A mesma autora ainda argumenta: “Do meu ponto de vista o lazer

²⁵ Segundo Gomes (2008, p. 88) “a distinção que aparece nas raízes etimológicas das palavras recreação e lazer

vai além da mera realização de atividades, sendo um campo da vida humana e social dotado de características próprias, que ocorre em um tempo/espço específico.” (GOMES, 2008, p. 125)

Dumazedier define o lazer em oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, especialmente do trabalho profissional. Tecendo críticas ao conceito de Dumazedier, Gomes (2004, p. 121) afirma que:

É importante enfatizar que, na vida cotidiana, nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas. Afinal, não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras, estanques e desconectadas umas das outras, como o conceito de lazer proposto por Dumazedier nos faz pensar.

Assim, pode-se entender que trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas. A sociedade se processa de forma dinâmica, não estática, cujos contornos em determinados contexto não podem ser bem definidos, isso por que ela é movida por inter-relações e contradições gestadas neste processo. Em virtude deste aspecto, concorda-se aqui com Gomes (2004, p. 121) ao afirmar que “trabalho e lazer não constituem pólos opostos, representando faces distintas de uma mesma moeda.”

Perguntou-se aos depoentes se ministrar aulas de dança de salão é um lazer. A maioria dos alunos entende categoricamente que “não se pode considerar como lazer porque tem a ver com trabalho, mas não deixa de ser um trabalho prazeroso.” (Depoente 10) Pois, ser professor “demanda responsabilidade.” (Depoente 12).

Entre os professores dois entendem que não é “nenhum lazer. Apenas gosto do meu trabalho.” (depoente 02). Isso ocorre por que existe “uma responsabilidade em satisfazer de certa forma, mas ao mesmo tempo um compromisso de passar a essência da dança de salão de forma responsável para aquele que nunca teve contato com a dança.” (Depoente E2)

Alguns professores entendem que ministrar aulas de dança de salão é um lazer por

remete a construções inter-relacionadas com o mundo do trabalho, porém diferenciadas no sentido original com que foram gestadas. Enquanto o lazer diz respeito, primeiramente, às práticas culturais consideradas “lícitas”, sendo depois, encaminhado para o estabelecimento de um “tempo livre” reivindicado pelos trabalhadores, a recreação direciona-se para o divertimento, para a ocupação saudável e útil desse tempo vago, tendo em vista a própria recuperação do trabalho produtivo ou escolar. Essa recuperação, entretanto, poderia acontecer em diferentes momentos da vida social, e não apenas no lazer; apesar de este ser colocado como o espaço de tempo mais apropriado para a diversão institucionalizada”.

obterem prazer ao ministrar aulas. Isso apareceu no relato da depoente 09: “me identifiquei com a dança, eu larguei tudo que eu fazia para poder fazer dança, mesmo que eu pegue um aluno que me cause um pouquinho de stress eu vou sair feliz depois da aula.” O depoente E8 entende que está tendo lazer durante seu ofício nas aulas, e afirma que, “quando eu estou dando aula eu não me lembro nem quem eu sou, eu viajo mesmo. Eu estava conversando com um amigo é como se eu fosse um personagem, como se eu fosse outra pessoa.” Porém esse mesmo depoente em outro trecho da entrevista afirma diretamente que “o que eu faço mesmo é uma relação entre dança de salão e trabalho. Eu dou aula de dança tenho o compromisso de estar indo em um determinado ambiente dar aula para as pessoas, recebo por isso, então é uma relação de trabalho.”

Assim, a idéia de um lazer que o professor tem quando ministra aulas de dança de salões está permeado em algumas falas, pela idéia de que isso ocorre “desde que se tenha prazer em dar aulas.” (Depoente 01) Em relação a isso o depoente E10 afirma que “Algumas aulas são. [...] Porque, com o tempo, as pessoas, os seus alunos, vão virando pessoas mais próximas, vão virando colegas, amigos, e aí é uma forma de você buscar a encontrar pessoas que você gosta. Então, a aula, ela se torna uma troca de amizades.” Por fim ele chama atenção às aulas que não tem essa característica, são essencialmente trabalho. O depoente E11 nos relata algo semelhante:

Têm aulas de dança de salão que eu dou que, como eu falei, eu me divirto muito. Eu relaxo muito. Eu tiro muito prazer daquela aula. Mas eu não sei se eu poderia definir isso exatamente como um lazer, talvez de estar ali totalmente ligado à minha profissão, mas se a gente pensar em lazer como algo que me dá prazer, vai me divertir, vai me relaxar, sim, eu consideraria muitas aulas como sendo um lazer pra mim. Outras não, que são aulas mais difíceis no sentido assim que vão me exigir mais. Às vezes vão me exigir muito fisicamente, vão me exigir muito mentalmente, e talvez em função disso eu não vou conseguir divertir tanto ali com aquela aula, ou tirar tanto prazer ali naquela aula.

Logo, a relação entre lazer está, entre os professores, muito mais ligada ao prazer em ministrar aquela aula do que a percepção de que elas são trabalho. Assim é possível analisar que os professores entendem que ao ministrar aula estão trabalhando, mas que o peso do trabalho é esquecido ao passo que se divertem na aula, porém entre os alunos a percepção é que o professor está trabalhando, independente de ter ou não prazer durante as aulas que ministra.

Outro ponto que surgiu é que o professor de dança de salão pode ir a bailes e obter lazer nesses momentos em que não está vinculado diretamente as suas aulas de dança de salão. Segundo o depoente 15, o ministério de dança de salão “É uma profissão que exige estudo de didática e muita prática. Como toda profissão, você pode amá-la, mas continua sendo uma

obrigação. O lazer do professor de dança seria dançar num baile com amigos de seu nível, sem ter o compromisso de ensinar.”

Em relação ao fato do professor de dança de salão estar tendo lazer ao ministrar aulas o depoente E5, analisou que:

Ele está trabalhando, com certeza. Ele pode fazer o que gosta, ele pode tá fazendo um negócio que ele gosta muito, mas sem dúvida ele tá trabalhando e ele tem que ter uma postura profissional aí onde ele tá. Agora vamos para um baile por exemplo, ou até melhorar a situação desse professor, vamos para um baile fora da escola dele, aí ele tá tendo um momento de lazer com a dança de salão.

Em contraponto a essa pergunta, indagou-se aos depoentes se ministrar aulas de dança de salão é um trabalho. A grande maioria das respostas falam diretamente que sim. Mesmo os que afirmaram que poderia ser lazer, afirmaram que é impreterivelmente um trabalho “pois o professor é remunerado e tem um compromisso com o aluno de fazê-lo aprender a dançar” (Depoente 01). Fatores como responsabilidade e remuneração pelas aulas foram usados como justificativa. E houve ainda quem afirmasse que “É sempre um trabalho, mesmo se voluntário.” (Depoente 12) Segundo o depoente E5 o professor de dança de salão “está trabalhando, com certeza. Ele pode fazer o que gosta, ele pode tá fazendo um negócio que ele gosta muito, mas sem dúvida ele tá trabalhando e ele tem que ter uma postura profissional aí onde ele tá.”

Em relação isso, o depoente E1 nos apresenta uma tensão, quando afirma que para ele ministrar aulas de dança de salão é um trabalho e também um lazer, isso por que, ele aponta o fato de ser sua fonte principal renda, de ter responsabilidades. Analisou que se divertir trabalhando é algo que torna o lazer e o trabalho elementos misturados em sua vida. Assim, para este depoente: “não deixa de ser lazer, não deixa de ser trabalho. Eu me sinto uma pessoa abençoada nesse sentido, assim, de eu conseguir fazer exatamente o que eu gosto.”

Já o depoente 13 entende que ministrar aulas de dança de salão “é uma atividade extremamente prazerosa para mim, mas os horários, regras e compromissos impossibilitam que eu veja essa atividade como lazer. É o meu trabalho.” E tudo isso ainda foi reforçado por questões como “demanda formação, investimento, estudo, e minhas aulas são remuneradas. Assim como qualquer outra profissão.” Logo, mesmo que se entenda que a aula é algo que se goste de ministrar, que essa seja uma profissão de escolha, não deixa de estar intimamente ligado ao mundo do trabalho e, portanto dos horários, dos compromissos e das finanças.

Pode-se entender que, ministrar aulas de dança de salão pode vir a ser uma atividade lúdica, em alguns momentos para o professor, mas nem por isso se torna um lazer. Para o aluno que “precisa” aprender a dançar, pode ser um processo de aprendizagem prazeroso e lúdico, mas se torna questionável até que ponto isso é um lazer em cem por cento dos casos. Estamos afirmando isso uma vez que não é o lúdico:

O diferencial do lazer em relação a outras esferas da vida. Se, de acordo com algumas concepções, o lazer está restrito a um tempo livre, o lúdico não. Logo, o lúdico é um componente vital para se compreender o lazer em nossa sociedade, mas está presente também em outras dimensões, desde aquele no processo criativo de uma campanha publicitária até a possessão contagiante de um ritual religioso. (MARINHO e PIMENTEL, 2010 p. 18)

Outro autor importante para pensarmos o lazer no Brasil é Marcellino, que vêm sendo consideravelmente citado nos estudos sobre o lazer em nosso país. Nas análises deste sociólogo brasileiro encontramos alguns redimensionamentos de alguns pontos, isso por que, Marcellino tem sua fundamentação não só em Dumazedier, mas também em Antônio Gramsci, se valendo das perspectivas marxistas para subsidiar suas considerações.²⁶ Marcellino (1996, p. 2 - 3) prefere entender o lazer como:

Cultura vivenciada no “tempo disponível” das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude; fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente; um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuem para mudanças de ordem moral e cultural; portador de duplo aspecto educativo — meio e fim de educação.

Ao redimensionar o lazer como cultura, ele “supera o lazer como simples ‘conjunto de ocupações’, não mais interpretando as categorias lazer e ócio como pólos opostos.” (MARINHO e PIMENTEL, 2010 p. 33) Além disso:

²⁶ Fazendo uma análise das publicações de Marcellino, em relação a influência de Grammsci em sua produção, Gomes (2004, p. 122) afirma que “Um ponto marcante relaciona-se com as chamadas “abordagens funcionalistas” do lazer. No seu entender, tais abordagens são conservadoras, disciplinadoras, visam à manutenção do *status quo*, mascaram injustiças sociais e funcionam como válvulas de escape das tensões. Como as abordagens funcionalistas procuram ajustar o indivíduo de forma a-crítica ao contexto em que vive, incentivam o consumismo em relação ao lazer.”

No lugar de "tempo livre", Marcellino prefere a expressão "tempo disponível" para se reportar ao tempo de ocorrência do lazer, uma vez que, segundo ele, tempo algum é totalmente livre de coações ou normas de conduta social. O tempo disponível para o lazer requer a liberação de certas obrigações. (MARINHO e PIMENTEL, 2010 p. 33)

Tecendo maiores esclarecimentos sobre seu conceito Marcellino explica entender o lazer:

Como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. (MARCELLINO, 1990, p.23)

Outra autora no campo de estudo do lazer é Gomes, que também tem apresentado significativa contribuição para o entendimento de lazer. O conceito de lazer proposto por Gomes (2004, p. 125) entende o lazer como:

Uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações - especialmente com o trabalho produtivo.

Em meio a estes autores nos propõe-se aqui entender o lazer da mesma maneira que Gomes uma vez que este conceito atende melhor ao entendimento de dança de salão dentro de um contexto cultural mais amplo. Conseqüentemente, o lazer é aqui visto como “uma das importantes dimensões da cultura, assim como o trabalho, a educação, a família dentre outras” (GOMES, 2004, p 123). Pois esta articulação amplia nosso entendimento, e as possibilidades de compreensão desse fenômeno. De acordo com Melo e Alves Júnior (2003, p. 10) “o moderno fenômeno do lazer foi gerado de uma clara tensão entre as classes sociais e da ocorrência contínua e complexa de controle/resistência, adequação/subversão”. Segundo Gomes (2008, p. 14) foi com a revolução industrial e as reivindicações dos assalariados pela limitação da jornada de trabalho que culminaram com as conquistas de maiores proporções do tempo livre: “tempo este dedicado à satisfação de diversas necessidades humanas, sociais, políticas e culturais, e não somente lazer.”

A partir de então o lazer passa a ser tratado, inevitavelmente, como um fenômeno

dialeticamente articulado ao trabalho produtivo e fundamentalmente vinculado à categoria tempo. A discussão/vivência do lazer foi, ainda, profundamente alterada no decorrer do século 20, passando este a ser visto e disseminado, pelos meios de comunicação em massa, como um bem de consumo que impulsiona um mercado promissor na sociedade “pós-moderna”. (GOMES, 2008, p. 14)

Assim, em seu início a idéia de tempo do trabalho e tempo do não-trabalho se apresenta como esferas opostas. O tempo do trabalho se afirma como reino da necessidade e o tempo do não-trabalho como o da gratuidade e da desobrigação, por isso também conhecido como tempo livre. Porém, o lazer está em constante mudança, novos tempos criam novos contornos a esse fenômeno, pois como bem nos falam Marinho e Pimentel, (2010 p. 35) “pode-se ter a certeza de que o lazer é uma categoria em contínua construção e engessá-lo a determinado momento da História ou conforme certas regras sociais, econômicas, políticas ou religiosas simplesmente repercutiria em seu empobrecimento mais profundo.”

Perguntou-se aos depoentes se fazer aulas de dança de salão é um lazer, a maioria dos entrevistados afirmou que sim. Essa idéia esteve aliada a justificativa de que a aula “proporciona prazer e satisfação.” (Depoente 06) Ela “exercita o corpo e a mente e tudo isso com música. É agradável e prazeroso” (Depoente 08) sendo “uma fuga da vida profissional e obrigações familiares.” (Depoente 10)

Porém, segundo o depoente E10, “Pode não ser. Depende da busca da pessoa. Do ambiente que ela está.” Ou seja, a aula é um lazer “quando a pessoa relaxa e dança sem preocupações estéticas demais.” (Depoente 12)

Segundo a depoente 03 é um lazer, “para a maioria das pessoas, porque é uma atividade tranqüila, relaxante, onde você conhece outras pessoas, se relaciona. É uma ótima pedida para quem pretende aliar, prazer, saúde e relações.” Segundo o depoente E8, a aula de dança de salão é um lazer justamente por que ao dançar:

Você só pensa no que você está fazendo. Você foca naquilo e tenta fazer o melhor que você puder, e ri se diverte conversa com outras pessoas, tem contato com outras pessoas sendo ser sociais que é o que somos isso é o ideal. [...] Você tem a oportunidade de interagir com as outras pessoas ainda que você não queira. Às vezes você está querendo ficar em casa porque você está triste, chateado. Hoje a gente vê muito pessoa que está com depressão o médico vira e fala; vai fazer dança de salão.

Assim, um dos motivos para que a aula de dança de salão seja vista como lazer, se liga o fato da aula e do universo da dança de salão englobar um contato com outras pessoas.

Logo, a sociabilidade é entendida como algo que leva não só a dança, mas a aula de dança de salão, a ser uma atividade de lazer.

Houve ainda afirmações como as do depoente E6: “É, uma atividade de lazer sim, mas é também um investimento para adquirir novas habilidades, então, é uma outra linguagem.” O depoente E5 ainda analisa que, “Depende muito da concepção, da escola você tem todo tipo de público, vai ter aquele público que quer mesmo técnica de dança de salão, você vai ter um público que tá querendo mesmo é brincar, é conhecer gente nova, então cada escola tem uma proposta diferente e acho que tem espaço, tem mercado para tudo.”

Em relação a essa postura de busca de técnica a depoente 09, uma aluna, afirmou que “Tenho compromisso com a minha aprendizagem, mesmo não prestando conta disso com outros. Talvez se frequentasse as aulas só por frequentar seria um lazer”. Outro depoente que comunga dessa idéia, porém a levando em uma escala mais ampla que de sua experiência pessoal afirmou que: “O objetivo da aula não é divertir, mas sim ensinar. O lazer verdadeiro da dança é aquele que é proporcionado nos bailes, onde o clima é de descontração e de socialização.” Porém ele admite que “Muitos alunos não levam a sério as aulas de dança” (Depoente 15)

Em contraponto, perguntou-se se fazer aulas de dança de salão pode não ser um lazer. A resposta unânime foi que sim. Porém, isso estaria ligado ao fato de que “as pessoas são diferentes. Umas procuram terapia, diversão, curar uma timidez, até mesmo problemas de saúde, problemas emocionais, por questões de se socializar.” (Depoente E2) Logo, é o contexto que vai dar à aula a qualidade de lazer ou não, assim, “a partir do momento em que um aluno começa a se cobrar muito no que diz respeito a dançar bem e a dança passa a se constituir numa obrigação.” (Depoente 10) Essa idéia de obrigação como algo que descaracteriza o lazer foi corrente na fala dos depoentes. O depoente 08 analisa que a aula de dança de salão não é um lazer “Só quando você está passando por problemas difíceis ou se sente obrigado a fazer dança de salão, por algum motivo que não seja o de gostar realmente de dançar.” Outro ponto é que a aula se torna uma obrigação “quando existe qualquer outra necessidade a ser atendida, por exemplo, compromissos outros do aluno com a aprendizagem, do dançarino profissional, do futuro professor” (Depoente 09)

Outro ponto salientado diz respeito à atividade profissional, onde uma aula não é lazer “quando visa objetivo profissional.” (Depoente 07) Assim, a aula como uma coisa relaxante desinteressada é lazer, já outra aula “pode não ser quando a pessoa se preocupa demasiado com

perfeição e performance. Ou quando é muito vaidoso e não interage com o parceiro.” (Depoente 12) Assim, a sociabilidade também é um ponto importante para se ter uma aula de dança de salão que seja um lazer.

Dois depoimentos chamaram atenção. A depoente 01 afirmou que aula de dança de salão deixa de ser lazer “quando deixa de ser uma atividade prazerosa, quando o aluno perde o interesse em aprender a dançar.” Já o depoente E7 afirma que aula não é lazer “se não houver disciplina, comprometimento.” Ao ser perguntado se ele achava que a disciplina e o comprometimento são partes fundamentais de uma aula, afirmou que sim. Logo querer aprender a dançar, está ligado à livre escolha da atividade no seu tempo liberado do trabalho, pois há com isso uma escolha em fazer aula. Fazer aula, apesar de ser visto como uma atividade de lazer e, portanto uma coisa livre de obrigações deve ser feito com disciplina e comprometimento, logo, seria plausível afirmar, segundo este ponto de vista, que ser um bom aluno (anteriormente descrito) é necessário para obter prazer nas aulas.

Voltando ao entendimento de lazer na atualidade. Para Gomes (2008, p. 62): “o lazer é uma dimensão da cultura construída conforme as peculiaridades do contexto no qual é desenvolvido. Nas sociedades modernas, passa a ser reconhecido como uma esfera própria, como um campo “autônomo” e distinto do trabalho, mas a ele relacionado.”

Olhando para a dança de salão a partir deste viés, verifica-se que as aulas estão em diálogo com o tempo do trabalho e, pode-se dizer inclusive, que em alguns casos ela segue uma lógica de produtividade. Os alunos têm horários, regras e objetivos a atingir. Assim, a aula de dança de salão pode ser vista como um investimento que precisa dar um retorno que supra as expectativas de custo-benefício do investidor – no caso, o aluno. Assim, aulas de dança de salão são um serviço a ser consumido. Salientando questões históricas ligadas a formação de seu conceito de lazer Gomes (2008, p. 62 - 63) ainda nos esclarece que:

Além da complexidade que engendra essa trama social [a burguesia reverteu o tempo livre em seu benefício, o ócio foi encarado com um desvio, e o lazer normativo passou a ser regra], cabe destacar que o lazer foi construído como um tempo/espço subtraído do trabalho, como um campo propício para fugir da rotina, compensar frustrações, proporcionar descanso ou divertimento no tempo supostamente “livre” das mazelas do trabalho produtivo. Por essa razão, enquanto categoria dialeticamente vinculada ao trabalho, mesmo passível de direcionamento, o lazer pode ser visto como um direito de cidadania reivindicado pelos trabalhadores no final do século 19.

Por esses motivos, Gomes tece críticas a idéia de tempo livre ou mesmo tempo

disponível para o lazer. Em seu conceito, prefere a idéia de “tempo conquistado” justamente por, em seu ceio histórico, o lazer ser proveniente de conquistas dos assalariados. Porém, salienta que:

O fato de associar as conquistas históricas e sociais à dimensão institucionalizada do tempo não descarta a possibilidade de que outros “tempos” possam constituir momentos fecundos para o lazer. Para tanto, é fundamental que haja autonomia dos sujeitos para encaminhamento/organização de sua vida pessoal/social conforme seus desejos. Por isso opto pela expressão “tempo conquistado” ao invés de tempo livre ou disponível. (GOMES, 2008, p. 130)

Logo, o tempo do lazer se distingue do tempo do trabalho por ser um tempo redimensionado e re-significado pelos sujeitos que o vivenciam. “Mesmo vinculado ao aspecto tempo, o lazer ultrapassa e expande as delimitações colocadas pelos momentos instituídos para esse fim, sendo fruto de tudo o que a humanidade vem produzindo, social e culturalmente.” (GOMES, 2008, p. 130-131)

Assim faz-se importante compreender que não é possível pensar o lazer como fenômeno pacífico, dissociado de outros momentos da vida, não o entendendo como “um fenômeno isolado, pois, está em franco diálogo com contexto”. (GOMES, 2004, p. 124 - 125). A mesma autora nos fala ainda:

O lazer representa um fenômeno sociocultural que se manifesta em diferentes contextos (histórico, social, político, etc) de acordo com os sentidos/significados que são produzidos e reproduzidos por meio de relações dialéticas dos sujeitos nas suas relações com o mundo. Enquanto uma dimensão da cultura, o lazer é dinâmico e, se por um lado é marcado pela diversidade, por outro constitui/é constituído pelas identidades distintivas de cada grupo social, colocando em realce os hibridismos que permeiam a relação global/local. GOMES (2008, p. 05)

Conforme destaca Gomes (2008, p. 12) sua “concepção de lazer abraça quatro elementos inter-relacionados: a atitude lúdica, as manifestações culturais, o tempo e o espaço.” Sendo elas:

- Tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, etc.);
- Espaço-lugar, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro contigo, com o outro e com o mundo, além de convívio social para o lazer;
- Manifestações culturais, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento;
- Atitude ou ações, que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e

com a realidade. (GOMES, 2008 p. 125 - 126)

Nessa referência, dos quatro elementos, a autora observa que o lazer se inscreve no seio das relações estabelecidas em diversas dimensões da nossa vida sendo institucionalizado como um campo dotado de características próprias, estando em franco diálogo com o contexto.

Em suma, enquanto prática social relacionada às diferentes dimensões de nossa sociedade, o lazer necessita ser concretizado *como um direito social*, em princípio, proveniente das conquistas dos trabalhadores por um tempo legalmente regulamentado; e *como uma possibilidade de produção de cultura*, por meio da vivência lúdica de diferentes manifestações culturais. Essa vivência é mobilizada pelo desejo e permeada pelos sentidos de satisfação, liberdade e autonomia – sejam eles reais ou apenas percebidos. (GOMES, 2008, p. 131) grifos do autor.

Perguntou-se aos depoentes se existe uma relação entre dança de salão e lazer. As respostas foram unânimes em afirmar que sim. A depoente 08, justifica que “a dança de salão é uma forma de lazer. Você trabalha o físico e a mente. Tudo isso com música e geralmente em companhias agradáveis.” O depoente E7 afirma ainda que “a dança em si se transforma em momentos de prazer.” Outro ponto abordado foi que com a dança de salão “você ganha qualidade de vida, além de estar fazendo uma atividade muito prazerosa.” (Depoente E4)

Uma coisa notada em todos os discursos foi à ligação da dança ao prazer, este usado como elemento fundamental para se definir tanto o lazer quanto a dança de salão. Mas, chama atenção que a dança de salão seria um lazer justamente pelo fato de ser procurada como um lazer. A depoente 03 afirma que existe uma profunda ligação entre dança de salão e lazer uma vez que “muitas pessoas fazem aulas de dança de salão por lazer ou para sair e se divertir.” Já a depoente 01 informa que “a dança de salão é uma atividade que proporciona diversão e relaxamento, muito procurada pelas pessoas em seu tempo livre.”

Assim, essa ligação entre dança de salão e lazer acontece por uma atitude das pessoas em relação a elas, e também pela existência de uma ambiente que favorece essas questões. Ou seja, “nas escolas podem ter relações de lazer, nos bailes podem ter relação de lazer, pode ter relação de lazer com a dança de salão em vários locais, desde que o local favoreça.” (Depoente E10)

Lembra-se aqui que, tanto as escolas como as casas de baile são ambientes de lazer por natureza, onde existe uma administração que pensa em construir um ambiente no qual as pessoas se divirtam, e por meio disso consumam. Percebe-se que a maioria das pessoas vão a

bailes e academias para se divertir. Porém, os professores de dança de salão em sua maioria só encontram lazer nos bailes, uma vez que fazem aulas pensando em seu desenvolvimento técnico e em sua formação enquanto professores. O depoente E8, afirma que:

Um homem tanto pode fazer a aula por lazer, só para poder fugir do cotidiano de trabalho dele por exemplo: - Ele trabalha o dia inteiro fica estressado e a noite ele vai fazer aula de dança para relaxar, isso para mim é lazer. E também tem o homem que trabalha o dia todo ou mesmo o que trabalha mesmo com dança de salão e sábado ou domingo ele vai para baile ele vai dança, vai se divertir, encontrar com os amigos dele, é lazer.

Logo, se existe uma relação entre dança de salão e lazer, esta relação acontece quando relações de trabalho não estão envolvidas, sejam elas de um professor ou de um aprendiz de professor. Segundo o depoente 14, a relação entre lazer e dança de salão “depende do enfoque e dos objetivos da pessoa. Para aquela que só quer aprender a dançar para sair para dançar, ir a bailes, forró etc, é lazer. Para quem está se preparando para ser um profissional da dança, pode até ser prazeroso, mas é uma qualificação profissional, investimento.”

Acredita-se aqui que, essa variável do enfoque e dos objetivos da pessoa de que nos fala o depoente 14 não acontece somente com as pessoas que fazem um investimento no sentido de se tornarem um profissional. Esse investimento na aula pode acontecer com o fim de ir a um baile e dançar bem, assim a aula seria um local de aprendizado onde o aluno está depositando seu tempo e dinheiro. Nesse sentido ele precisa aprender e se esforçar, para daí sim conseguir seu objetivo: sair e dançar. Por esse viés, o momento da aula não seria uma atividade de lazer, mas sim, um momento de aprendizado para conseguir satisfação em seu momento de lazer, no baile.

É no seio de uma manifestação cultural lúdica enquanto possibilidade de produção cultural que entendemos a dança de salão, mas, o que seria a dança de salão? Uma coisa a ser adiantada é que constitui-se como um reducionismo entende-la no sentido literal de seu nome, ou seja, dança de salão é uma dança feita no salão, ou uma dança de propriedade do salão. Ela hoje engloba uma série de gêneros e dentro destes gêneros já surgem vários estilos. Em um rápido olhar na dança do forró pelo Brasil vão se ver claras diferenças nas músicas e nas formas de se dançar. Outro ponto seria o que diferencia a dança de salão de outras danças. Que peculiaridades e propriedades ela possui? Essa pergunta está relacionada à abrangência de gêneros que hoje a dança de salão comporta. Em síntese, o que de comum encontramos no samba de salão, no tango, no forró, na salsa, etc?

Para melhor entendermos isso, uma série de fatores devem ser levados em consideração. A escolha de análise nesta pesquisa recaiu sobre a cultura, o lúdico e o lazer, aspectos abordados nas seções anteriores que serão visto de forma articula adiante.

3.4 A Dança de Salão

Pode-se entender a dança de maneira geral como sendo feita de movimentos e gestos, porém não podendo ser definida como simples movimento desconexo e sem sentido. Encontramos na dança uma profunda ligação com uma forma de representação e resignificação da realidade. (TONIAL, 2007) A dança muito mais do que um conjunto de movimentos dispersos segue a uma homogeneidade rítmica e a um conjunto de normas, que vai estar de acordo com cada apropriação por parte da sociedade e de cada indivíduo. (TONIAL, 2007) “O ritmo, pois, interno ou externo é marcado de várias maneiras, ao som, ou não de música (também um ritmo próprio), seria o ponto de partida” para a dança, que é uma atividade a qual se desenvolve no espaço e num tempo determinado, cuja configuração é o ritmo. (MENDES, 1984 p. 05)

Na Alta Idade Media encontramos as primeiras evidências do substrato que mais tarde vai se conceituar no que entendemos por dança de salão. Neste período, a dança persistiu nas feiras, nos limites dos castelos e nos pequenos burgos nascentes, umas inventadas e outras trazidas do oriente, para onde os dançarinos iam acompanhando os cruzados. Aos poucos, as “danças” foram imitadas pelos nobres e depuradas pelos mestres-de-baile, sendo acrescidas e adaptadas de características pessoais.

As danças medievais e renascentistas, que evoluíram para as de corte ou de salão, bem com as de teatro, têm com origem comum as danças populares [...] por outro lado, os nobres também influenciaram as danças populares, fazendo com que se tornassem mais refinadas. E as que passaram pelos salões tiveram seus ritos enriquecidos e entretiveram nobres e soberanos durante largo tempo. (MENDES, 1984, p. 19)

Assim o que nos seus primórdios era uma manifestação coletiva construída no âmbito das tradições da cultura popular, passa a ser visto como símbolo de ostentação e divertimento da corte.

A dança, que outrora era popular e que não estava dissociada da vida do povo, nesta nova conformação passa a ser concebida como divertimento da aristocracia cortesã, assim como um dos elementos para afirmar o prestígio e o poder deste grupo dominante.

(SOUZA, 2004, p. 02)

Logo, essa atividade lúdica de movimentação corporal que prioritariamente foi um produto popular, passa principalmente nas cortes italianas e francesas, a ser um objeto de separação de classes. Já se encontra aí, o projeto de elitização a partir da construção de novos sentidos e significados. Se tornando objeto de apreciação de uma aristocracia cortesã, assim, passa a ser um dos elementos que reafirmam o poder deste grupo dominante, servindo para naturalizar e legitimar as diferenças existentes.

Nas festas nos salões aristocráticos, feitas e desfrutadas por uma aristocracia palaciana, encontramos as danças dos salões²⁷ ou danças da corte. Estas festas eram feitas sobre a tônica do controle e da política do palácio, locais de constituição política entre o rei e a aristocracia. Logo, a dança dos salões estava em um contexto onde a leveza, e bom domínio dos movimentos eram indispensáveis. O ideal era o de afirmação da realidade posta e não uma fuga a ela como era o caso do carnaval de rua. A isso Roberto DaMatta (1984) chama de “ritos de reforço” onde o que se tem por fim é celebrar as relações sociais como são, mantendo as diferenças, celebrando assim a própria ordem social. Essa herança permanece maior ou menor grau nos salões de dança atualmente.

Vindas da Idade Média encontram-se na renascença as danças camponesas e as danças dos nobres. Primeiro a Espanha difundiu suas danças de sapateado, depois com Rei Sol, Luiz XIV e sua etiqueta, as danças de pares entrelaçados não puderam ser aceitas pelo palácio, passando a imperar o Minueto ensinado pela “Academie outônoma de la Danse”. Mas é somente no fim da renascença que a dança se define em três linhas:

As danças populares, as danças da corte, delas originadas, ambas de caráter lúdico não-exibicionista, e as danças executadas em *balletos*. Estes vão constituir, por assim dizer, as raízes do teatro da dança moderno, ou da dança no teatro, que teria plena autonomia de expressão a partir da segunda metade do século XVIII, uma vez que unia elementos característicos das duas formas de arte em espetáculos apreciados por um público aristocrático principalmente espectador. Isto é, um público que extraía o prazer lúdico na apreciação do espetáculo e não de sua participação nela, como nas danças da corte. (MENDES, 1984, p. 24)

Logo, é a partir de uma raiz única de movimentação corporal lúdica, ou dança como é

²⁷ O termo danças dos salões é usado para diferenciar as danças da corte em relação às danças populares. Portanto, este não é sinônimo de dança de salão como conhecemos hoje.

comumente conhecido, que se foi separando e se constituindo em duas vertentes principais: a dança dos salões e a dança dos teatros. Ou seja, aquelas aprendidas por mera diversão ou vontade de socialização dos indivíduos nos bailes em uma vertente, e uma outra, a dança artística, feita com o intuito profissional, voltada para a produção de espetáculos e apresentações em teatros.

Um fato que considera-se aqui marcante para o entendimento deste contexto, da separação das danças que ocorriam nos salões palacianos em duas vertentes, a que continuou no salão e a de caráter profissional, é a ação de Jean-Baptiste Lully, um florentino naturalizado francês, que trouxe o balé dos palácios para os teatros, lançando a “dança nobre” e profissionalizando cada vez mais a dança, pois “as danças dos séculos XVI e XVII eram apreendidas e cultivadas, como arte, embora não houvesse ainda nítida separação entre bailarinos profissionais e amadores” (MALAGA, 1985, p. 63):

A passagem dos balés da corte das salas dos palácios para o palco dos teatros foi [...] a partir de 1681, a introdução de número crescente de bailarinos profissionais nos espetáculos. Daí a uma completa profissionalização da dança foi um passo. (MENDES, 1984, p. 27 - 28)

Todo esse processo vai dar-se mediante a criação do bailarino profissional. Este passa a estar em um palco italiano e não mais nos salões onde todos podiam participar. Salienta-se aqui que esse processo é um desdobramento do já ocorrido nos salões de baile em relação ao trabalho dos mestres-de-baile. Estes se apropriavam e deputavam as danças populares vindas do ocidente. O balé nasce então de uma apropriação das danças dos salões, que por sua vez vieram das danças populares.

Ou seja, a dança que no início era uma atividade em um tempo do não-trabalho, dos bailes, cria uma nova possibilidade, a de se assistir os espetáculos de dança nos teatros. Isso na medida em que se cria a profissão de bailarino, profissional que recebe para trabalhar dançando em espetáculo de dança. Porém as danças dos salões da corte continuam sem característica profissional, não ligadas ao mundo do trabalho.

Este processo se deu de maneira contínua, sendo reflexo de um contexto cultural mais amplo. Na renascença, as danças dos salões, dos palácios, também passam a ser elemento de prazer da vida social da aristocracia e da nascente burguesia que se afirma neste período. As mudanças que ocorrem com o ressurgimento da cultura greco-latina, a invenção da imprensa e de um ideal de liberdade iluminista são expressas em todos os hábitos da sociedade, inclusive na

dança:

A dança também sofreu profundas alterações, pois foi nesta época que ela começa a ter um caráter mais social e, talvez nesse sentido, possamos compreender melhor a intensificação de seu sentido político. Essa tão antiga manifestação corporal começa a ser elemento principal das festas da nobreza e passa a ser muito apreciada como forma de lazer. (SOUZA, 2004, p. 01)

O Minueto laçado na corte de Luiz XIV foi uma das danças em casal que abriu espaço a nova geração coreográfica que hoje encontramos. Muito embora, os pares ainda serem independentes, já se dá início a introdução da valsa, que “veio abrir caminho para uma última geração coreográfica, que chegou até nossos dias: as danças de pares enlaçados.” (CORTES e LESSA, 1961, p. 10)

Estas gerações coreográficas chegaram a Paris, e ali se enraizaram, tangidas pelos fenômenos mais complexos, tais como a Descoberta da América, o Século do Rei-Sol, a Revolução Francesa e a derrota de Napoleão. A vida social, em Paris, sofria a influência de tais fenômenos, e espalhava, por todo o círculo de preponderâncias da cultura ocidental, novas idéias, novas técnicas, novas “modas”, novas danças. (CORTES e LESSA, 1961, p. 10)

Já na época de Napoleão, se dava certo valor às danças de giro dos povos germânicos, de um modo especial, a valsa. Segundo Paixão Cortes e Barbosa Lessa (1961, p. 87) “A valsa e outras danças de pares enlaçados já eram populares, entre os germânicos, desde o século VIXI, mas não haviam conquistado Madri nem tão pouco Paris”, pois a liberdade de contato que as danças enlaçadas traziam, onde o homem e mulher se encostam pela cintura e rostos, foram combatidos:

Em Paris, durante muito tempo a valsa conseguiu apenas invadir as figuras da quadrilha, com o nome de “balance”, mas então nada possuía daquela vivacidade característica, daquele girar tresloucado que muitas vezes levava à vertigem; o “balance” limitava-se a um lento e fugidio rodar de pares que se tomavam pela cintura causando escândalo a uma Paris que vinha dançando, desde há um século, somente minuetos e contradanças. (CORTES e LESSA, 1961, p. 87)

Com a derrota de Napoleão, a França foi ocupada pelos exércitos estrangeiros. Cerca de 150.000 soldados chegaram a Paris, trazendo seus costumes, usos e danças. No mesmo momento está ocorrendo o congresso das Nações Européias, com a finalidade de reorganizar político-geograficamente a Europa, o que significou a ida de 100.000 estrangeiros para Viena, onde a valsa era muito difundida e fazia sucesso. Era nesse contexto que Joham Strauss

(compositor) foi considerado o rei da valsa. “Terminado o Congresso, 100.000 estrangeiros levaram as valsas vienenses para suas nações. E as capitais dos povos latinos readquiriam, assim, a paixão, o caráter, o sentido que suas danças não mais possuíam.” (CORTES e LESSA, 1961, p. 88) Assim a valsa se polarizou e retorna a Paris com mais força.

Quando Paris reassumiu sua condição de Capital-do-Mundo – e então com mais intensidade do que ao tempo de Luiz XIV, pois o fausto da cortes já não a sufocava; com mais vigor do que ao tempo de Bonaparte, pois as guerras já não a ensangüentavam – seus salões se reabriram ouvindo o riso das valsas vienenses, que lá iniciavam a jornada pelo mundo ocidental, buscando as cidades, as vilas, os campos e os sertões mais longínquos. (CORTES e LESSA, 1961, p. 88)

A valsa abriu caminho para que outras danças de pares enlaçados conquistassem Paris e posteriormente o mundo. As primeiras danças denominadas de danças de salão vão chegar ao Brasil em 1808 junto à corte portuguesa, estabelecendo assim um novo diálogo cultural entre os costumes e tradições ligados às manifestações artísticas européias e os costumes dos que aqui se encontravam. (PERNA, 2001)

Como se vê, as danças dos salões se dividiram em uma dança voltada para o que mais tarde vai ser o denominado lazer, que hoje chamamos de danças de salão, e outra que sobe ao palco e se torna uma atividade de “lazer” somente para quem assiste, a qual hoje chamamos de balé clássico.

Como se pode ver, as danças populares e as danças dos palácios passaram por um contínuo processo que Bakhtin chama de circularidade cultural, no qual houve uma depuração das então danças pelos mestres-de-baile. Eles criavam e divulgavam coreografias a serem aprendidas pela aristocracia e dançadas coletivamente. Essas danças eram executadas nos salões com o status de arte, porém, sem haver uma separação clara entre os bailarinos e os espectadores. Isso chega ao ponto de essas danças ganharem os palcos italianos dos teatros, criando assim a profissão de bailarino.

Paralelamente a isso, as danças dos salões continuam sendo praticadas, abrindo espaço para as danças de pares entrelaçados, que tem como maior ícone a valsa. Esta dança primeiramente vai ser mal vista pela sociedade. Haja vista, o relacionamento corporal que a caracteriza. Posteriormente vai ser depurada e se tornar uma prática corrente pela classe aristocrática e burguesa. A valsa, a primeira dança de salão de proporções mundiais, vai ser difundida pelo mundo e ser re-apropriada pelas diferentes culturas, em um processo que vai criar

as diferentes danças de salão hoje existentes. Portanto, as danças de pares enlaçados nascem e são levadas a Paris ganhando o território europeu e posteriormente, o brasileiro. Neste contexto, foram reproduzidas e re-apropriadas pelos que aqui viviam. Sendo este processo dinâmico, foi sendo refeita e reinventada com o passar do tempo.

Concorda-se aqui com as afirmações de Miriam Garcia Mendes ao falar sobre o surgimento da dança. Ela aponta:

A predominância do forte componente lúdico que a dança, inegavelmente, contém: dança, pelo prazer de dançar, de exibir-se, de mostrar a capacidade de organizar os movimentos, sem que exista alguma coisa, uma emoção, um sentimento, procurando expressar-se através da movimentação do dançarino. (1985, p. 10)

Devido a todas as questões, que em linhas gerais até agora foram expostas, entende-se aqui que o conceito de lazer proposto por Christianne Luce Gomes (2004) e suas implicações, tem muito a contribuir com o entendimento de dança de salão. É envolvido por todo este contexto da sociedade atual, e do lazer nela contida, que nosso objeto se encontra.

Desde sua origem, tanto as danças dos salões (hoje danças de salão) quanto às danças de palco, mantém um caráter lúdico, mas somente a ludicidade de quem dança não é o suficiente para se caracterizar o lazer. Todo esse processo ajuda a entender então o que é a dança de salão nos dias de hoje: temos os professores e bailarinos, que trabalham com a dança de salão, e os alunos, estes sim tem lazer com a dança, mas é um lazer na medida em que a aula de dança é uma finalidade em si.

A dança de salão é impreterivelmente uma atividade lúdica, uma vez que mesmo um professor de dança de salão ou bailarino profissional, fazem uso deste elemento para concretizar a dança. Trabalha-se aqui a idéia de que movimentos corporais somente se tornam dança acompanhados do lúdico.

Hoje existem as duas vertentes nas danças de salão, uma que em se desliga dos bailes dos salões para ser cultivada por trabalhadores contratados para tanto, e por isso devem desenvolver um nível técnico que o diferencia do público em geral, os bailarinos. E, uma dança que continua sendo voltada para o salão de baile, onde o intuito é que todos possam dançar com todos, sem terem problemas com lesões, suor, horários etc. Nesse mesmo contexto há ainda os professores, as pessoas que tem “bolsas de estudo” em academias (estes cumprem obrigações em relação a essa bolsa), e ainda os dançarinos de aluguel.

Segundo Luis Moreno (2004) “Dança de salão é a arte de dançar em casal”. E Volp (1994, p. 10 - 11) por sua vez nos informa que segundo Encyclopaedia Britannica, (1980) a dança de salão “também denominada dança social ou popular, é normalmente dançada por casais que reproduzem passos pré-determinados e variações, com objetivo de entretenimento ou de competição, em ambientes particulares ou públicos.”

Olhando para essas propostas de conceitos de dança de salão entende-se aqui que Moreno a reduz somente a aquela praticada por casais. Para alguém versado em dança de salão é possível perceber se uma dupla de homens ou dupla de mulheres está dançando um determinado gênero de dança de salão ou não. Isso está de acordo com o que a Encyclopaedia Britannica diz sobre a dança de salão, uma vez que ela aponta para ser a dança de salão uma dança marcada pela reprodução de passos pré-determinados e variações. Logo, será que se um par de pessoas do mesmo sexo, ao executarem esses passos pré-determinados (criados pelo contato entre um homem e uma mulher) da mesma forma que um homem e uma mulher o fariam, ainda está dançando dança de salão? Outra questão é, se esses mesmos passos forem executados com uma música diferente do que foram concebidos, esses mesmos passos deixariam de serem passos de dança de salão?

Entende-se aqui que a instituição de um casal, para dança de salão, está ligada a sua constituição histórica e não pode ser negada, mas não podemos reduzir o fenômeno somente a isso, ou mesmo a uma música pré-concebida para cada gênero de dança.

Luis Gonzaga (1996) propõe que a dança de salão é a “arte de dançar a dois”, mas, uma vez que a dança de salão é uma prática social que além de ter caráter artístico também é praticada em salões sociais, não entendemos somente como uma arte, mas com algo com a potencialidade para ser uma arte.

Para Zamoner (2005, p. 52) “dança de salão é arte de interpretar a música através de movimentos dos corpos de um casal, quando o cavalheiro atrai a dama a realizar movimento.” Segundo a mesma autora “ela é constituída por pares, por casais e a ação da dança de salão é baseada em um cavalheiro que conduz fisicamente, pelo toque, uma dama.” (ZAMONER, 2005, p. 27)

Acredita-se aqui que Zamoner oferece progressos no entendimento de dança de salão, uma vez que se atenta para o processo de condução, mas a autora ainda liga a dança de salão a arte, e a idéia de ter que ser um casal, o que dança. Através do casal ela aponta para uma outra

construção histórica a de ser o homem, no papel de cavalheiro, que induz a movimentação da mulher, no papel de dama, através de sua própria movimentação, sendo então o homem o guia. Outro ponto é que ela liga a dança de salão à interpretação da música.

Dança e ritmo são inseparáveis, mas a dança, podendo ser uma expressão livre e despojada do movimento humano, podendo inclusive ser marcada apenas pelo ritmo interno do dançarino, o importante seria que a dança é diferente dos movimentos comuns. (MENDES, 1984)

Esteticamente a raiz do que hoje entendemos por dança pode ser considerada como a mais antiga das artes. Há registros no Paleolítico Superior de atividades dançantes e só vão se encontrar registros de instrumentos musicais no Neolítico, o que leva a se perceber que a dança não está estreitamente associada a um ritmo externo produzido por instrumento ou som da voz, e entende-se aqui como ritmo externo aquele “produzido por instrumento ou som de voz” como um possível sinônimo de música. Logo, a “dança seria a arte mais antiga, mais capaz de exprimir tanto as fortes quanto as simples emoções sem o auxílio da palavra” (MENDES, 1984 p. 10).

A questão é: ritmo e dança são inseparáveis uma vez que o ritmo se atém a espaços de tempo regulares, e isso é essencial a própria vida. Ritmo é algo inerente a qualquer atividade corporal de alta performance, assim como é essencial para a música. Não existe dança ou música sem ritmo, mas assim com existe música sem dança, existe dança de salão sem música. Pode-se inclusive, entender que o que os músicos fazem no instrumento ao ser tocado, é uma coreografia. Assim, tocar um instrumento é executar uma coreografia que faz com o um aparelho produza sons audíveis aos seres humanos. Portanto, cabem aqui ressalvas quanto à ligação unilateral da dança de salão com a música. Pois, essa relação é passível de novos contornos em nossa atualidade.

Porém, as músicas estão historicamente ligadas às danças de salão. Isso se expressa no fato de que os nomes dos gêneros de danças de salão comungam com os nomes dos gêneros músicas. Por exemplo, temos o gênero musical samba e o gênero de dança de salão samba que é geralmente usado para dançar música do gênero samba. Hoje a expressão “Vamos dançar um samba” pode se ligar a dançar uma música que é do gênero samba ou dançar o gênero de dança de salão samba, mas, este pode ser dançado com diferentes gêneros de música ou mesmo com ausência de música.

Segundo Maria Inês Galvão Souza (2010, p. 01) dança de salão é:

aquela praticada por casais, que surgiu na Europa, no Renascimento, e que desde os séculos XV e XVI tornou-se uma forma de lazer muito apreciada, tanto nos salões dos palácios da nobreza como entre o povo em geral. É chamada de “social” por ser praticada em festas de confraternização, propiciando o estreitamento de relações sociais de amizade, de romance, entre outras. É denominada de “salão” porque requer salas amplas para os dançarinos realizarem livremente suas evoluções e porque foi através da sua prática nos salões das cortes reais européias que começou a ser valorizada e levada para as colônias da América, Ásia e África.

Souza se liga a questões históricas para definir seu objeto de pesquisa (a dança de salão), apresentando importantes considerações. Mas, ao se olhar para a dança de salão no contexto atual entende-se aqui uma maior complexidade que pode ser, em parte, elucidada por questões históricas, mas não em sua totalidade. Outro autor que dá um conceito palpável a nosso objeto de pesquisa é Volp (1994). Ela define a dança de salão como:

Uma modalidade de dança na qual pares de dançarinos sincronizam passos e figuras ao som da música, mantendo-se dentro das normas sociais em relação ao contato entre eles e com os outros pares no salão. Como atividade física, pode ser caracterizada de intensidade leve a forte dependendo do ritmo e da execução associada a ela.

Esta autora aponta a música como um elemento de sincronização entre os pares, na dança de salão, não colocando a dança a mercê da música. Acredita-se aqui serem importantes as afirmações de Volp na medida em que ela assinalou para o fato de que, a dança de salão se mantém dentro de normas sociais em relação ao contato entre os dançantes, e com os outros dançarinos que dividem o salão. Entende-se aqui que, a dança enquanto elemento puro é um sinônimo da liberdade do indivíduo, inclusive em relação à música e formas pré-estabelecidas de se movimentar. Mas, esta liberdade não deixa de beber nos padrões estéticos e aceitos pela sociedade, seja para negá-los ou aceitá-los. Pois é na sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão que é seu (DAMATTA, 1986), que mesmo o individual não deixa de estar envolto em toda uma dinâmica social e estar relacionado a ela. Portanto, a dança é um fator que expressa à liberdade individual, sendo sua aceitação pelo restante da sociedade e a própria aceitação do indivíduo, subordinada aos padrões constituídos e aceitos na sociedade e na cultura da qual faz parte.

Perguntou-se aos depoentes o que é dança de salão e obtivemos respostas como “Conceituar dança de salão! Pô sei lá bicho” (Depoente E5) ou mesmo “Teria que pensar, ler e estruturar bem para te responder esta pergunta.” (Depoente 02) Obteve-se ainda, respostas ligadas a vida das pessoas como “Sonho, tudo de bom, para mim eu acho que é assim fantasia não sei,

outro mundo. É como se fosse uma outra dimensão.” (Depoente E8) Ou mesmo “A dança é um prazer inenarrável. A dança é só alegria.” (Depoente 08) Assim, vê-se que alguns praticantes de dança de salão tem dificuldade em expressar o que esta seja.

A questão mais recorrente nas respostas foi de que o dança de salão é uma “dança a dois.” (Depoente 07) Esse dançar a dois acontece de forma harmônica por quê:

A dança é a arte de se comunicar com o outro, que não seja por palavras. [...] a dança de salão te propicia a se interagir com o outro sem uso de palavras. [...] Não é uma relação combinada. Não é uma coreografia. É uma relação que se estabelece de uma forma espontânea, do qual eu já disse várias vezes: de um perguntar e o outro responder. (Depoente E2)

Foi perguntado a esse depoente se essa relação tem que ser, necessariamente, entre homem e mulher. Ele respondeu que “Não, eu acho que a dança a dois, independente do que seja.” Em relação a isso o depoente E11 relata que dança de salão:

Uma dança praticada a dois, há alguns anos atrás poderia dizer que é uma dança praticada entre um homem e uma mulher, mas de uns anos pra cá não é politicamente correto você dizer isso, da mesma forma que não é mais politicamente correto você dizer: “homens pro lado, mulheres pro outro. A parte do homem é essa. A parte da mulher é essa”. Então, nos EUA, atualmente, se usa muito o condutor e o conduzido. Daí os gays podem se ajustar da maneira que eles acharem melhor. Então hoje não se poderia dizer que é uma dança praticada por um homem e uma mulher.

Assim, talvez até possa-se dizer que é uma dança de casal, mas esse casal se estabelece no sentido de ser a união de duas coisas diferentes. Não seria necessariamente a união entre um homem e uma mulher, mas sim, a união entre um condutor e um conduzido.

Outro ponto que também se mostrou muito relevante foi que “Danças de Salão são as danças dançadas a dois, criadas, principalmente e inicialmente, para sociabilizar ou comemorar situações.” (Depoente 09) Nesse sentido a depoente E1 afirma que:

Dança de salão é toda dança que provém do salão [...] você não vê dança contemporânea feita no salão. Você não vê balé feito no salão. Dança de salão provém do salão, como a gafieira, como o bolero, como o samba rock, como o zouk, como a salsa, tudo vem do momento de pessoas que interagem em grupo, e obviamente que acabam se separando em casais, etc e tal, mas vem de festa, vem de baile, obviamente que quando você trabalha com isso, você tem que sistematizar, tem que dizer qual é o passo correto por base, dizer pra onde que a pessoa vai começar e pra onde que ela vai, mas a dança ela nasce no salão.

É justamente desta raiz dos salões que faz com que hoje, tenhamos vários gêneros de dança de salão, uma vez que encontramos em academias várias danças provenientes dos salões de vários lugares do Brasil e do mundo. Assim, a dança de salão tem dentro de si, não uma única dança, mas várias danças de salões diferentes. Segundo a depoente 5, dança de salão “são diversos ritmos executados por um casal como forma de diversão, socialização, entretenimento e caracterizada pela execução em um salão.” Segundo o depoente E11, a dança de salão é “uma dança praticada em par, [...] necessário completar dessa forma, que são praticadas a dois com gêneros musicais ou em bailes populares.” Em relação a essa definição, de que a dança de salão está historicamente ligada aos bailes populares, e ao fato que existe algo que liga os diversos gêneros de danças de salão do mundo, o depoente E11 complementa que:

E esses bailes populares podem ser entendidos das mais diversas formas dependendo do contexto onde estão inseridos estes bailes. Então, por exemplo, dançar num baile popular em Cuba é uma coisa. Você dançar em um baile popular no Brasil, ou mesmo no Brasil, um baile popular num reduto de uma cidadezinha no interior do nordeste é uma coisa. Se você pensar num baile popular no subúrbio do RJ já é outra coisa. Mas a dança que é praticada lá não deixa de ser dança de salão. São gêneros diferentes que são praticados, formas diferentes, às vezes danças completamente diferentes, mas não deixa de ser dança de salão. [...] Mas dança de salão pra mim, obviamente, é tudo. Forró, seja tango, seja salsa, seja valsa, seja uma zurka, uma polka... Esses gêneros todos são dançados a dois e são praticados num baile.

A dança de salão hoje, com a facilidade do deslocamento de pessoas e informações, se difundiu por várias partes do mundo. E com isso, danças de várias partes do mundo se espalharam mutuamente. Segundo a depoente 09 a dança de salão é “dança a dois, realizando passos característicos de cada ritmo. Por ser dançada por pares e seguir passos respectivos aos ritmos.” Em relação a isso a depoente 12 também informa que é uma “dança social de pares baseada num repertório tradicional.” Essa tradição, que se liga ao passado não deixa de ser reapropriada no presente como nos informa a depoente 11. Para ele, a dança de salão é o “resgate do romantismo do passado com toques de modernidade.” Segundo o depoente 13: “Atualmente, como em outras formas de arte ou expressões artístico-culturais, é difícil elaborar conceitos fechados, uma vez que tudo recebe e agrega informações um do outro.” Por esse depoente afirmar que prefere estabelecer dança de salão tendo um olhar na atualidade, ele afirma que “hoje, talvez diria que é aquela que se dança a dois, em bailes ou aulas com esse objetivo, que seja embasada nas danças praticadas nos salões recreativos, gafieiras, clubes. Que tem seus códigos sem perder a espontaneidade. Que tem o foco na relação entre o par que dança.”

Em contraponto perguntou-se o que poderia fazer uma dança a dois deixar de ser dança de salão e, a questão mais levantada foi, “a dança deixa de ser dança de salão quando você dança mais individualmente, [...] se você deixa de estar dançando com seu parceiro a maior parte do tempo da dança, então, já deixa de ser dança de salão.” (Depoente E6) Esse dançar a dois acontece em grande parte pela condução. Segundo a depoente 03, o que poderia descaracterizar a dança de salão, é “a não-condução ou a não existência do diálogo entre o casal.” Ou seja, “a falta do jogo, do desafio e da cumplicidade.” (Depoente 10)

Logo, a dança de salão é marcada por ser uma dança a dois, onde os dois estão em contínua interação. Nesse processo se desenvolveu uma técnica que proporciona aos dois jogadores uma maior possibilidade de jogo e harmonia, a condução. Assim, “A dança de salão é a dois. Não tem como ser individual. A diferença é exatamente aí. A dança de salão é praticada a dois. Tem que ter sintonia entre o casal. Quando isto acontece tudo fica lindo de se ver.” (Depoente 08) Como se pode observar, é esse processo de interação, que cria uma estética a qual é apreciada pelas pessoas. Pois “Perderia o sentido de dança de salão se os casais comessem a dançar separados.” (Depoente 06) Dando ênfase a isso, o depoente E9 ainda analisa que, “quando você dança as pessoas não têm que falar fulano dança bem, elas tem que falar o casal dança bem, aí é dança de salão.”

Outro ponto ressaltado foi que, a dança de salão vem do salão e possui uma linguagem própria. Ou seja, algo que descaracterizaria a dança de salão é “Não realizar os passos característicos aos diversos ritmos.” (Depoente 09) Portanto “a dança de salão tem passos marcados, é como se tivesse uma coreografia mesmo. E as outras danças que não são consideradas danças de salão é uma coisa mais livre, que você pode, sei lá, você pode dançar junto, pode dançar separado. A dança de salão, eu acho que tem um padrão.” (Depoente E3)

Afirmando ter como fundamentos vir do salão e “porque as danças de salão têm como base a condução, é alguém que propõe um movimento pra alguém o tempo todo.” Um dos depoentes, 13, ainda firmou que “há outros tipos de dança que se dança a dois sem propriamente ser dança de salão, como no flamenco, na dança contemporânea... porém, o que as distingue essencialmente é que a dança de salão não precisa de um palco para acontecer.” Uma coisa que hoje é patente no universo da dança de salão belorizontinha, é essa ligação da dança de salão não só como prática de salão, mas o entendimento dela como uma linguagem artística e cênica ligada ao palco. Isso aconteceu porque grande parte dos depoentes ou já assistiram um espetáculo de

dança de salão de companhias que trabalham com essa linguagem, ou mesmo, além de professores também são bailarino e fazem apresentações. O depoente E11 ao analisar a dança de salão e os problemas de conceituá-la na contemporaneidade, cita seu trabalho como bailarino e diretor de uma companhia de dança de salão:

O trabalho que a gente faz aqui com a companhia é um trabalho que alguns críticos chamam de “dança de salão contemporânea”, justamente porque quando ele é levado pro palco, ele perde muitas características tradicionais da dança de salão, digamos assim. Os passos são muito desconstruídos, modificados, transformados, já que faz com que aquela dança tenha uma outra cara. Justamente por essa visão contemporânea, criativa, artística da dança de salão. Mas eu acho que mesmo assim, mesmo nos palcos dessa forma, mesmo às vezes sendo dançada por uma música que não são tradicionalmente músicas que estariam neste universo tradicional do baile, a essência é preservada. Os passos de onde partiram aquelas desconstruções, a conexão durante a maior parte do tempo com o parceiro. A condução, apesar de ser uma coreografia, a condução permanece sendo preservada, e mesmo que às vezes a música ou determinados movimentos pareçam não ter nenhuma relação com a dança de salão, a inspiração está toda na dança de salão.

Por fim, ele entende que seu trabalho artístico em espetáculos é definido como sendo de dança de salão porque “essencialmente, esses fatores se preservam, que é a conexão física com o par, a condução, e os movimentos tendo sua base neste universo do baile, esses gêneros que são tocados no baile.”

Uma dança se torna uma dança de salão, ou seja, é reconhecida com tal, na medida em que contém elementos estéticos de algum gênero de dança de salão que é reconhecida pela sociedade de que faz parte, onde esta estética é resultado do contato entre dois corpos que tem um dos indivíduos que induz a movimentação de ambos.

Apesar de não poder-se afirmar categoricamente ser a dança de salão em seus vários segmentos uma atividade de lazer, encontramos um relacionamento histórico entre o lazer e dança de salão, e ainda um elemento em comum, o lúdico. Outros elementos ligados à história da dança de salão dão-se pelo fato de ela ser dançada por músicas pré-determinadas e por um casal onde o homem induz a mulher.

Cabe aqui esclarecer que, esses elementos música e casal, são elementos intimamente ligados à dança de salão e fazem parte do imaginário de que ela faz parte, sendo inclusive elementos fundamentais para que ela seja entendida, mas, não pode-se reduzir o fenômeno somente a esses elementos. Acredita-se aqui não serem eles a essência da dança de salão, uma vez que as novas dinâmicas sociais e históricas vêm permitindo novos contornos para essa

prática.

Com base nos vários aspectos que se vem até agora tratando, é possível pensar uma nova proposta de conceito para dança de salão tendo como horizonte a cultura, o jogo e o lúdico. No intento de apresentar o que é essencial na dança de salão, proponho defini-la da seguinte maneira:

Dança de salão é uma prática lúdica de movimentos corporais, estabelecida através de um jogo onde há contínuo processo de contato, onde se visa um relacionamento corporal dentro de linguagens estabelecidas, nas quais um dos indivíduos induz a movimentação da dupla através de sua própria movimentação reproduzindo (sem estar necessariamente preso a eles) estilos e normas já estabelecidos de se dialogar com a música que está tocando e com a materialidade do espaço do salão de dança.

Isso por que a dança de salão é um prática lúdica de movimento corporal, pois, a dança de maneira geral é uma atividade dotada de significado e de ludicidade. É desenvolvida por casais e com músicas específicas para cada gênero de dança de salão na medida em que reproduz estilos e normas já estabelecidas de se dialogar com a música que está tocando e com a materialidade do espaço do salão de dança, uma vez que, suas raízes históricas remontam a danças dos salões que eram impreterivelmente feitas por casais, onde é o homem que conduz a movimentação de ambos, por que o casal dança no salão, junto a outros casais, e estes não devem esbarrar um no outro. Prefere-se usar a palavra “induz ao invés de conduz” uma vez que a movimentação não acontece de forma unilateral, ela se constitui de uma constante comunicação e adaptação entre os jogadores. A música entra como elemento facilitador nesse processo uma vez que estabelece um andamento (velocidade) de movimentação em comum não só entre o casal, mas para todos os praticantes que se encontram no salão.

As novas constituições da dança de salão (os novos gêneros de dança de salão), foram produzidas em interação, principalmente da valsa, com o contexto, músicas diferentes tocadas nos encontros sociais dançantes, onde somente se dançavam homens com mulheres. Porém, hoje a dança de salão se encontra em um status de maior liberdade em relação a esses fatores, por isso, não estando necessariamente presas a eles.

Entende-se aqui que a dança de salão com seus significados e códigos se estabelece

no conjunto dos comportamentos, saberes e saber-fazer de cada sociedade que a pratica. Ela precisa ser adquirida através de um processo de aprendizagem e somente assim é transmitida ao conjunto de seus membros. Nesse processo, o indivíduo aprende pelo contato durante a vida com a dança. Mas também passa a ser um objeto de consumo, onde aprendemos as danças de salão de outras culturas (outros países inclusive) pelas academias.

Isso ocorre pelo fato de que, com a globalização os sujeitos podem ter acesso a novas interações e construções em relação ao tempo e o espaço. Com isso, a cultura traz a pluralidade, a diversidade e a estilização da vida. Se a cultura é aquilo que é experienciado no cotidiano, hoje podemos ter contato com várias danças de salão de diferentes culturas, de locais diferentes. Isso ocorre de maneira mais específica dentro do universo das academias de dança de salão, com suas aulas e bailes.

Pode-se entender então que, a academia inclusive reinventa a cultura da dança do local de onde se estabelece, uma vez que, assim como os mestres de bailes o faziam, hoje com essa erudição (me refiro ao professores geralmente serem versado em vários gêneros de danças de salão) os professores inventam uma dança cada vez mais técnica para seus alunos.

Todo esse processo pode ser mais bem entendido pelo jogo. Como pode-se ver, a dança de salão se desenvolve dentro de um limite de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias. É esse processo que torna a dança possível, uma vez que a pessoa está entrelaçada a outra ocupando o mesmo espaço, e que tem que usar uma linguagem corporal em comum para que haja uma boa comunicação. Esse contato gera um sentimento de tensão, alegria e uma consciência de ser diferente da vida quotidiana uma vez que a dança de salão estabelece uma profunda relação corporal entre seus praticantes, mas começa e acaba cerceada pela música e pelas outras pessoas do salão.

Logo a dança de salão se apresenta como uma expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto, refletindo as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em cada sociedade. Uma vez que a dança de salão é construída culturalmente ela está envolta e influenciada por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência. Lembra-se aqui que, a própria valsa não pôde entrar em Paris durante algum tempo, quando os padrões e valores daquela sociedade não admitiam o contato corporal que a valsa exige para ser praticada.

Como se pode notar, a dança de salão não está posta em nossa sociedade exclusivamente como uma atividade lazer. Sendo ela também uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações dos indivíduos. Mas, esse processo de tensão faz inclusive com que a prática de dança de salão ganhe contornos diferentes em determinados contextos, e em relação à maneira em que é praticada. Ela hoje é um objeto de consumo e fonte de renda para várias pessoas. Portando é reducionista a afirmação de que toda a prática da dança de salão seja um lazer, mas ela está visceralmente ligada ao lazer, inclusive em sua constituição.

Assim como está ligada à música, também se liga em ser dançada por casais, onde o elemento do sexo masculino induz a movimentação de ambos os corpos. Porém hoje possui novos contornos que fazem com que eles sejam mais tênues e que sua relação com o lazer se estabeleça de acordo com o contexto em que está inserida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até a introdução, já organizada pelo dever de terminar. (CERTEAU, 2007 p. 94)

Entender a dança de salão não é uma tarefa fácil. Isso se dá em grande parte porque ela é fruto constante de um processo histórico e contínuo. Entender a dança de salão é impreterivelmente ter que entender o lazer e a sociedade contemporânea que os abarcam. Logo uma série de tensões estiveram envolvidas na operacionalização da produção desse conhecimento que aqui se apresenta.

Vê-se então que a dança de salão hoje abrange uma série de facetas e meandros. Ao tentar entendê-la como atividade de lazer em academias, não pôde-se deixar de percebê-la dentro desse contexto amplo que é do lazer na sociedade contemporânea. Logo, contribuindo com o entendimento da dança de salão, estamos avançando no entendimento também do lazer, uma vez que, essa prática guarda uma série de traços deste contexto mais amplo.

Nesta pesquisa, foi unânime entre os depoentes que a dança de salão é uma dança a dois. Esse é o grande elo para o entendimento da música neste contexto: o fato de ela nascer da festa do salão, por mais que hoje venha ganhando outros contornos. Foi a partir das adequações entre os corpos dos dançarinos de salão sobre a influência da música, que as danças de salão foram criadas. A música é um elemento que dialoga diretamente com a dança de salão no sentido de que ela foi algo presente na criação coletiva nos salões de todo o mundo dos gêneros distintos de dança. Logo, tanto o salão quanto a festa (e esta inclui a música e o salão onde ela é tocada) remontam a história desta dança que vem ganhando novos contornos com o passar dos tempos. Isso por conta do acesso a diferentes músicas que se adéquam aos já existentes gêneros de dança de salão e a invenção da academia de dança de salão.

Neste estudo foi possível entender que existem características na dança de salão que são comuns e esperadas. Isso se aplica à idéia do jogo da dança de salão ser constituído por um homem e uma mulher, e também com uma música adequada para a dança. Estas duas características foram fundamentais para a constituição histórica dos gêneros de dança de salão e

suas respectivas estéticas. Na atualidade, isso ainda se faz presente, e são elementos fundamentais para entendermos do que seria dança de salão ainda hoje. Com base nisso podemos entender a dança de salão como um jogo estabelecido por pares onde são usadas linguagens ligadas aos salões de bailes, e onde um é o indutor da movimentação.

A própria idéia de condução é algo questionável na dança de salão. Esse termo, à medida que a condução passou a ser vista como uma língua em que dois jogadores tem que aprender para poderem estabelecer um jogo de comunicação corporal, passa a não designar bem este processo, por que o condutor, em uma dança de salão tecnicamente mais refinada, deixa de “levar” o outro a fazer o que ele quer. Agora ele se propõe a tentar ser claro em sua intenção de movimento e deslocamentos no salão, ao passo que o “conduzido” agora é quem escuta e interpreta dando a melhor resposta possível ao estímulo vindo do condutor. Essa resposta por sua vez estimula o “conduzido” de alguma forma, pois, cabe ao “condutor” estar atendo a resposta do “conduzido” e se adequar a esta reposta para, a partir disso, propor o próximo movimento. Tudo isso acontece ainda com a interferência da materialidade dos salões onde se dança e a música que está tocando. Esta materialidade é composta pelas outras pessoas (outras pares que também estão dançando e a platéia). Ou seja, esse processo de condução, na medida em que se sofisticava, não pode mais ser visto como algo unilateral, onde o condutor é o agente e o conduzido é passivo. Existe na verdade um processo de indução que acontece em mão dupla, onde ambos são constantemente condutor e conduzido. Porém, as decisões e o ponto inicial do estímulo sempre vão ser de um ator, o cavalheiro. E isso foi entendido como algo funcional na dança de salão e não algo que se liga ao machismo.

Os homens e mulheres aceitam seus papéis pré-definidos. Eles acabam por se acostumar com isso e de certa forma gostam, pois estão em um meio em que todos fazem, e em que o bom condutor e a boa conduzida são exaltados. Por isso, assumem esses papéis sem questionar. Os que questionam, geralmente, o fazem por dificuldade. Assim, as pessoas se preocupam em seguir essas regras do jogo que são preestabelecidas. O ponto fundamental é que uma dança de salão deixa de existir caso não tenha interação entre o par, pois está não é uma dança individual.

O que podemos identificar é que, na verdade este processo histórico que foi cada vez mais dando autonomia e responsabilidades para as mulheres, dialoga com a relação de condução na dança de salão. Essa relação se torna algo mais complicado na medida em que se desenvolve

uma técnica de dança cada vez mais apurada para ambos.

Ou seja, à medida que mulher ganha cada vez mais espaço na vida social, dividindo responsabilidades que antes eram somente dos homens, elas também ganham um alto nível de responsabilidade no processo de contato entre os corpos, o que na dança de salão é chamado de condução, embora alguns prefiram a expressão indução. Com isso, seu papel fica mais difícil, e por isso, elas dizem não gostar de serem conduzidas. Salientamos que todo esse processo também influenciou no papel do condutor, no caso do homem, que hoje sente dificuldade em conduzir. Porém esse sempre foi seu papel. Essa divisão entre condutor e conduzido em relação a gêneros (masculino e feminino) é uma questão histórica.

É interessante notar que só foi encontrada na fala dos homens a idéia de obrigação de busca em satisfazer a parceira, e isso está aliado ao fato de conduzir bem, onde se acredita que o homem é capaz de dançar com qualquer mulher. A condução é um sinônimo deste processo. Logo, se existe uma pretensa vantagem do homem, essa vantagem virá da subserviência no sentido de obrigação de satisfazer a mulher.

Outro ponto a ser aqui retomado é que o convívio com outras pessoas é algo que faz da dança de salão uma atividade prazerosa e que com isso é um ponto fundamental para o entendimento da dança de salão como um lazer pelos seus praticantes. Essa sociabilidade e ideal do salão de dança como algo democrático, são dotados de uma série de tensões em relações de poder, permeadas pelo “dançar bem”.

A sociabilidade é algo muito importante para os atores da dança de salão. Dançar bem significa mais do que ser admirado pelos outros, é ser desejado para o contato físico e social com pessoas diversas. Logo, dançar bem é fundamental porque proporciona um leque maior de amizades. Isso cria uma tensão nas aulas, pois, na medida em que as aulas se apresentam como um ponto de encontro e de sociabilidade, o desenvolvimento técnico naquele momento fica de lado, e isso vai repercutir nos bailes. Os professores e alunos que se preocupam com a técnica, se destacam dos alunos que vão às aulas com o intuito de se socializarem. Isso se explica porque dançando melhor, estes conseguem um melhor contato corporal com pessoas diferentes, ou seja, podem ir a bailes de outras academias e dançar com as mais diversas pessoas, por desenvolverem uma técnica de contato mais apurada. Pois, a dança de salão é algo que induz e propõe um relacionamento não só com quem se dança, mas também com as pessoas da academia e do salão. Assim a técnica é algo que permeia o prazer das pessoas, (cria um fluxo no jogo) é um meio para

o lúdico e o prazer acontecerem.

Se o bom aluno de dança de salão é aquele que tem disciplina e compromisso, ele vai fazer isso dentro de uma atividade de lazer, que seria algo livre e descompromissado. Há uma tensão nesse processo. Uma aula pautada pelo compromisso e pelo trabalho não é um lazer, porém isso não impede que ela seja lúdica e proporcione prazer aos seus atores ou mesmo ao professor que esteja ministrando essa aula. Em contraponto, uma aula totalmente descompromissada é um lazer, e os alunos descompromissados são percebidos como os mais comuns na dança de salão pelos depoentes.

Logo, há um ideal de aula como algo “sério”, onde se quer aprender técnica, mas nem os professores mais comuns são atenciosos nesse sentido, nem os alunos são mais comuns são os comprometidos com seu aprendizado técnico, segundo a maioria dos depoentes. Ou seja, a maioria vê diferenças entre o bom aluno e o aluno comum, bem como entre o bom professor e o professor comum. Geralmente, os alunos apontam aspectos como paciência e simpatia como os mais importantes para uma aula de dança de salão (em relação aos professores). Já os professores afirmam que conhecimento técnico da dança e didática são os mais importantes.

Essa relação é patente ao passo que se percebe que os professores de dança de salão fazem aula não para se divertir mas, questões como técnica de dança e também metodologia de ensino são pontos que estes buscam nas aulas. Isso está de acordo com o relato dos professores que afirmam que aprenderam ministrar aulas fazendo aulas, ou mesmo ministrando aulas (mesmo que isso se relacione com outras vivências como, por exemplo, graduação em educação física).

Interessante notar que muitos dizem que fazem aula para aprender a dançar, mas ao admitirem que aula de dança de salão é um lazer, ligam mais para questões como relaxamento, e não ao aprendizado. Já para os professores o ministrar aulas de dança de salão é visto como um trabalho e como um lazer, de acordo com o prazer que obtêm ministrando essa aula.

Por fim, volta-se aqui às afirmações do depoente E11 ao analisar que “a dança de salão passa por um período de adolescência”, uma vez que o processo de desenvolvimento das academias especializadas em dança de salão criou uma dança cada vez mais técnica que permitiu que esta subisse ao palco. Este novo contexto influencia os salões de baile, abre espaço para novos públicos, não só há o público dos bailes. Agora também há o público das aulas e também o público que vai assistir aos espetáculos de dança, que usam a dança de salão para criação cênica.

Esse novo contexto cria uma tensão entre a técnica e o prazer, criando um novo

“dançar bem” mais técnico, onde a relação de condução ganha novos contornos, bem como a introdução de novos gêneros de dança de salão como o tango, o lind Rop, salsa, zouk entre outros, criando um universo onde as técnicas de passos de diferentes gêneros de dança vêm dialogando entre si, desenvolvendo uma dança cada vez mais refinada tecnicamente.

Esse processo se aproxima das raízes das danças dos salões, que teve seus primeiros relatos com a apropriação das danças das festas populares pelos salões nobres, e estes tinham o mestre de baile, alguém versado em várias danças que refinava estas danças populares para um público mais exigente em relação aos padrões de elegância e técnica. Assim entendemos um contínuo processo histórico que move a dança de salão em nossa realidade, com um melhor entendimento desta realidade que se materializa o texto que vem se apresentado.

Em minhas próprias entrevistas presenciei isso. Ao questionar as pessoas sobre coisas banais de seu cotidiano, no que tange suas vivências na dança de salão e no lazer, meus depoentes se viram refletindo sobre problemas que até então não existiam para eles. Foi movido por esses problemas que pude construir as problemáticas e propor a pesquisa. Na fase de revisão bibliográfica e da análise da dança, pude aprofundar meus questionamento e perceber tantos outros. Tantos caminhos se apresentaram, mas em virtude das questões ligadas ao tempo para o termino da pesquisa tive que estabelecer recortes. Muitos desses problemas ainda estão dentro de mim, alguns nos meus entrevistados, e, espero que tantos outros estejam remoendo o leitor deste texto. E é assim, como um sujeito incomodado pela curiosidade e pelo descontentamento do que está posto em relação a ciência da dança de salão, que termino este texto.

Levando em consideração tudo até agora dito, findo este texto afirmando que ainda temos que nos haver com os sentidos e implicações dessa expressão composta por três palavras, que mesmo o nosso dicionário ainda não entende a existência, mas que é tão comum na vida de várias pessoas. Muito ainda temos que nos haver com a “dança de salão”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Everton Vieira; PEREIRA, Luciane Terezinha Zermiani; KESSLER, Edio José. Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, v. 6, ed. especial, p. 649-664, jul. 2008 ISSN: 1983 – 903
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. Cultura. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 54 - 59
- ANDRADE, Luciana Teixeira de, *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: PUC Minas: C/Arte, 2004
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BANDET, Jeanne; SARAZANAS, Réjane. *A criança e os brinquedos*. São Paulo: Editora Estampa. 1973.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRAMANTE, Antonio Carlos. *Lazer: concepções e significados*. Licere, Belo Horizonte. v.1, n.1, p.9-17, set. 1998.
- BURKE, Peter. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. Org. PRINS, Gwyn Peter São Paulo: UNESP, 1992.
- CALLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CERTAU, Michel de. *A escrita da História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
- CORTES, Paixão; LESSA, Barbosa. *Manual de danças gaúchas*. 2.ed. São Paulo: Irmãos Vitae, 1961.
- CSIKSZENTMIHAL, Mihaly. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- CUNHA, Angela Cristina. *Os conteúdos físico-esportivos no lazer em academias: atividade ou passividade?* In *Lúdico, educação e educação física*. Org MARCELINO, Nelson Carvalho. Ijuí. UNNIJUI, 1999
- DAMATTA, Roberto, *O que faz o brasil Brasil?*. Rio de Janeiro. Rocco, 1986
- DEBORTOLI, José Alfredo O. Linguagem: marca da presença humana no mundo. In: CARVALHO, Alysson et al. (Org.). *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX-UFMG, 2002. p.73-76.
- DEUSTSCH, Silvia. *Música e dança de salão: interferências da audição e da dança nos estados*

de ânimo. Tese de Doutora apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FONSECA, Cristiane Costa. *Esquema Corporal, Imagem Corporal e Aspectos Motivacionais na Dança de Salão*. Dissertação. (Mestrado em Educação Física) Instituto de educação física. Universidade São Judas Tadeu. São Paulo 2008

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. 12º ed. São Paulo. Companhia das letras. 2000

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Christianne Luce; AMARAL, Maria Teresa Marques. *Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer*. Brasília, SESI/DN, 2005.

GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Christianne Luce. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. 2 ed. rev. e ampl. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

GOMES, Christianne Luce. *Lazer e descanso*. Seminário Lazer em debate, São Paulo: USP, 2008. p. 1-15. Disponível em: <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazerdebate/anais-christianne.pdf.pdf>. Consultado em 07/08/08.

GONZAGA, Luiz. *Técnicas de dança de salão*. São Paulo. Sprint. 1996.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4. ed. São Paulo. Perspectiva, 2000

KIMMEL, M. A produção de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, n.9 (4): 103:17, out.1998.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAVILLE, Christian; DIONNE, J. , SIMAN, L.M. de C. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Lazer: um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHMS, H.T.; GUTIERREZ, G.L (org). *O corpo lúdico: ciclo de debates Lazer e Motricidade*.

Campinas: Autores Associados, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996. Disponível em <http://www.n-a-u.org/QUANDOOCAMPOCAPI.pdf>. Consultado em 14/07/2007

MALAGA, Eliane. *Comunicação e balé*. São Paulo: Edima, 1985

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1990.

MARCELINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus, 1990.

MARINHO, Alcyabe; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. (org) *Teorias do lazer*. Maringá: Eduem, 2010.

MASSENA, Mariana. *A sedução do brasileiro: um estudo antropológico sobre a dança de salão*. 2006. XXf. Dissertação. (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

MELO, Victor Andrade de. *Lazer e minorias sociais*. São Paulo: IBRASA, 2003.

MENDES, Miriam Garcia. *A dança*. São Paulo: Ática, 1985

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORRENO, Luis. *Dois na dança: conheça a mais completa de todas as artes*. São Paulo: s.ed., 2004.

OLIVEIRA, Sandra Regina Garijo de *et al.* O espaço interpessoal na dança de salão. *Motriz* (UNESP), Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 37-42, 2002

OLIVEIRA, Janete da S.; FREITAS, Ricardo F. Consumo. In: GOMES, Christianne L. (Org). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 48-51.

PERNA, Marco Antonio. *Samba de gafieira: a história da dança de salão brasileira*. Rio de Janeiro: O autor, 2001

REZENDE, Claudia Barcelos. Os limites da sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001

ROSA, Maria Cristina. Diversão. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do*

lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SABINO, Cesar. Musculação. In: SABINO, Cesar. Musculação. *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SIMMEL, Georg. *Cultura feminina*. Lisboa: Galeria Panorama, 1969.

SIMMEL, Georg. *On individuality and social forms*. Chicago, University of Chicago Press. 1971

SOUZA, Maria Inês Galvão. *Arte, cultura e sociedade: uma rede intrigante para algumas reflexões sobre a dança*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/ines_enfefe_2004.pdf>. Acesso em: 14/12/2006.

SOUZA, Maria Inês Galvão. *As novas configurações dos espaços de lazer de dança de salão da cidade do Rio de Janeiro: uma análise das performances do palco da vida*. Publicado. Disponível em <http://www.anima.eefd.ufrj.br/danca/ARTIGO3.htm>. Consultado em 11/11/2010 /2006

SOUZA, Maria Inês Galvão et al. “*Me divirto dançando*”: *um etnografia dos espaços populares de dança na cidade do Rio de Janeiro*. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (orgs). *Coletânea VI Seminário “O lazer em debate”*. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2005.

SOUZA, Maria Inês Galvão; MELO, Victor Andrade de. Dança. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992

TONIAL, Tiago, *Dança e sociabilidade: o Dois-um em Rondonópolis*. 2007. Monografia (graduação em História). – ICHS/CUR, UFMT, Rondonópolis, 2007.

VOLP, Catia Mary; DEUTSCH, S.; SCHWARTZ, G. M. Por que dançar? Um estudo comparativo. *Motriz*, v.1, 1995.

VOLP, Catia Mary. *Vivenciando a dança de salão na escola*. Tese (Doutorado em Psicologia da Universidade de São Paulo) Instituto de Psicologia da Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1994.

WERNECK, Chistiane Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira. *Lazer e mercado*. Campinas. SP: Papirus, 2001.

ZAMONER, Maristela. *Dança de salão: a caminho da licenciatura*. Curitiba: Prottexto, 2005.

ZAMONER, Maristela. *Sexo e dança de salão*. Curitiba: Prottexto, 2007

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE DANÇA DE SALÃO E LAZER

1. Nome, idade, profissão, onde mora em Belo Horizonte?
2. Qual seu envolvimento com a dança de salão, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de salão de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a bailes... com se envolve com a dança de salão?)
3. Como foi o seu primeiro contato com a dança de salão? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança de salão em sua vida pela primeira vez).
4. Você faz aula de dança de salão a quanto tempo?
5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança de salão?
6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança de salão, hoje?
7. Por que pararia de fazer aulas de dança de salão? (mesmo que não passe pela sua mente parar de fazer aula, por favor formule uma questão hipotética).
8. Você ministra aula de dança de salão há quanto tempo?
9. Como aprendeu a ministrar aulas de dança de salão?
10. O que te faz continuar ministrando aulas de dança de salão?
11. Por que pararia de ministrar aulas de dança de salão?
12. Quando você faz aulas, qual sua maior preocupação? (Com o que você mais se preocupa durante a aula de dança de salão).
13. Onde você faz aulas de dança de salão?
14. Por que você faz aula nesse local?
15. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança de salão, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você)
16. Essas expectativas mudaram? Como? Por quê?
17. Por quanto tempo pretende continuar fazendo aulas de dança de salão?

18. Há planos com relação a isso? (você pretende obter algo mais do que já tem com a dança de salão, pretende se envolver de outras formas com a dança de salão?)
19. O que leva o público em geral (a maioria das pessoas) a procurarem aulas de dança de salão? (O que leva as pessoas a procurarem uma academia de dança de salão. Quais os principais objetivos da grande maioria)
20. Como você acha que é uma boa aula de dança de salão? (Descreva as qualidades de uma boa aula de dança de salão para você, com ela deve ser, que pontos são indispensáveis)
21. Como é um bom aluno de dança de salão? (Quais as características de um bom aluno de dança de salão).
22. Qual o tipo mais comum de alunos de dança de salão? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de dança de salão em Belo Horizonte)
23. Quais as qualidades de um bom professor de dança de salão?
24. Qual é o tipo mais comum de professor de dança e salão? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o professor mais comumente encontrado nas academias de dança de salão em Belo Horizonte)
25. Que parcela da população a dança de salão atinge? Por quê?(Que parcela da população faz aulas de dança de salão, que classe social faz aulas de dança de salão, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de dança de salão em Belo Horizonte)
26. Qual a faixa etária dos praticantes de dança de salão? (Qual a média de idade dos seus alunos de academias de dança de salão em BH)
27. Você acha que tem mais homens ou mulheres freqüentando aulas de dança de salão? Por que isso?
28. O que é dançar bem a dança de salão? (Quais as qualidades que uma boa dança de salão tem)
29. Quando você dança, o que é mais importante para você? (Com o que você mais se preocupa durante a dança de salão)
30. Você consegue isso (suprir o que é mais importante) nas aulas de dança de salão? (Essa questão que saber se o que você falou na questão anterior, na questão 29, são supridas com as aulas de dança de salão)
31. Quando você dança, você pensa nas pessoas que estão olhando você no salão?
32. Qual a relação entre música e dança de salão?

33. Pode ocorrer a dança de salão sem música? Por quê? (essa questão quer saber se pessoas podem dançar dança de salão sem a existência de uma música ao fundo)
34. Que qualidades tem um bom homem/cavalheiro na dança de salão?
35. Que qualidades tem uma boa mulher/dama na dança de salão?
36. Você acha que a mulheres gostam de serem conduzidas na dança de salão? Por quê?
37. Você acha que os homens gostam de conduzir na dança de salão? Por quê?
38. O que é condução para você?
39. Quem leva mais vantagem na dança de salão, o homem ou a mulher? Por quê?
40. A dança de salão é machista? Por quê?
41. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?
42. Você acha que existe uma relação entre sexo e dança de salão, qual? (De que maneira)
43. Que atividades de lazer você mais gosta de fazer?
44. Qual seu entendimento de lazer? (Se você fosse dar um conceito de lazer, qual seria/Se você fosse falar o que é lazer a partir do que você sabe, o que diria que é?/O que você acha que caracteriza a lazer em relação a outras esferas da vida)
45. Existe uma relação entre dança de salão e lazer? Qual? De que forma?
46. Você acha que deveria existir um curso superior em dança de salão? Por quê?
47. Você acha que ministrar aulas de dança de salão é um lazer? Por quê? (Para você ministrar aulas de dança de salão é um lazer, em que situações)
48. Você acha que ministrar aulas de dança de salão é um trabalho? Por quê? (Para você ministrar aulas de dança de salão é um trabalho, em que situações)
49. Você acha que fazer aulas de dança de salão é um lazer? Por quê? Em quais ocasiões?
50. Você acha que fazer aulas de dança de salão **pode não ser** é um lazer? Por quê? Em quais ocasiões?
51. Qual o seu entendimento de dança de salão?(Se você fosse dar um conceito de dança de salão, qual seria/Se você fosse falar o que é dança de salão a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que você acha que caracteriza a dança de salão em relação a outras danças)

52. O que poderia fazer uma dança a dois deixar de ser dança de salão? (Que características um dança de salão teria que perder para deixar de ser dança de salão e virar outra dança que não uma dança de salão)
53. Você acha que a dança de salão proporciona qualidade de vida as pessoas? Por quê?
54. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Ou, poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta academia?

APÊNDICE C

FORMULÁRIO DE PESQUISA SOBRE DANÇA DE SALÃO E LAZER

Informações importantes.

- O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com a dança de salão em academias pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança de salão em nossa sociedade.
- Este questionário não tem por fim te avaliar, de forma alguma. Não busca saber quem sabe mais ou menos das questões abaixo.
- É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe.
- Responda da forma que mais lhe convir.
- Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de salão de salão. Estas questões estarão em [AZUL \(questão 8 a 11\)](#). Por favor responda todas as outras perguntas. Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.
- A pesquisa garante sigilo de sua identidade. (para maiores esclarecimentos, veja o termo de livre e esclarecido, em anexo).
- Logo te procurarei para você preencher e me entregar o termo.
- Após preenchido, envie o formulário para tiagotonial@gmail.com

1. Nome, idade, profissão, onde mora em Belo Horizonte?
2. Qual seu envolvimento com a dança de salão, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de salão de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a bailes... com se envolve com a dança de salão?)
3. Como foi o seu primeiro contato com a dança de salão? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança de salão em sua vida pela primeira vez).
4. Você faz aula de dança de salão a quanto tempo?
5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança de salão?

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança de salão, hoje?
7. Por que pararia de fazer aulas de dança de salão? (mesmo que não passe pela sua mente parar de fazer aula, por favor formule um questão hipotética).
8. Você ministra aula de dança de salão há quanto tempo?
9. Como aprendeu a ministrar aulas de dança de salão?
10. O que te faz continuar ministrando aulas de dança de salão?
11. Por que pararia de ministrar aulas de dança de salão?
12. Quando você faz aulas, qual sua maior preocupação? (Com o que você mais se preocupa durante a aula de dança de salão).
13. Onde você faz aulas de dança de salão?
14. Por que você faz aula nesse local?
15. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança de salão, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você)
16. Essas expectativas mudaram? Como? Por quê?
17. Por quanto tempo pretende continuar fazendo aulas de dança de salão?
18. Há planos com relação a isso? (você pretende obter algo mais do que já tem com a dança de salão, pretende se envolver de outras formas com a dança de salão?)
19. O que leva o público em geral (a maioria das pessoas) a procurarem aulas de dança de salão? (O que leva as pessoas a procurarem uma academia de dança de salão. Quais os principais objetivos da grande maioria)
20. Como você acha que é uma boa aula de dança de salão? (Descreva as qualidades de uma boa aula de dança de salão para você, com ela deve ser, que pontos são indispensáveis)
21. Como é um bom aluno de dança de salão? (Quais as características de um bom aluno de dança de salão).
22. Qual o tipo mais comum de alunos de dança de salão? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de dança de salão em Belo Horizonte)
23. Quais as qualidades de um bom professor de dança de salão?

24. Qual é o tipo mais comum de professor de dança e salão? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o professor mais comumente encontrado nas academias de dança de salão em Belo Horizonte)
25. Que parcela da população a dança de salão atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de dança de salão, que classe social faz aulas de dança de salão, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de dança de salão em Belo Horizonte)
26. Qual a faixa etária dos praticantes de dança de salão? (Qual a média de idade dos seus alunos de academias de dança de salão em BH)
27. Você acha que tem mais homens ou mulheres freqüentando aulas de dança de salão? Por quê isso?
28. O que é dançar bem a dança de salão? (Quais as qualidades que uma boa dança de salão tem)
29. Quando você dança, o que é mais importante para você? (Com o que você mais se preocupa durante a dança de salão)
30. Você consegue isso (suprir o que é mais importante) nas aulas de dança de salão? (Essa questão quer saber se o que você falou na questão anterior, na questão 29, são supridas com as aulas de dança de salão)
31. Quando você dança, você pensa nas pessoas que estão olhando você no salão?
32. Qual a relação entre música e dança de salão?
33. Pode ocorrer a dança de salão sem música? Por quê? (essa questão quer saber se pessoas podem dançar dança de salão sem a existência de uma música ao fundo)
34. Que qualidades tem um bom homem/cavalheiro na dança de salão?
35. Que qualidades tem uma boa mulher/dama na dança de salão?
36. Você acha que as mulheres gostam de serem conduzidas na dança de salão? Por quê?
37. Você acha que os homens gostam de conduzir na dança de salão? Por quê?
38. O que é condução para você?
39. Quem leva mais vantagem na dança de salão, o homem ou a mulher? Por quê?
40. A dança de salão é machista? Por quê?
41. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

42. Você acha que existe uma relação entre sexo e dança de salão, qual? (De que maneira)
43. Que atividades de lazer você mais gosta de fazer?
44. Qual seu entendimento de lazer? (Se você fosse dar um conceito de lazer, qual seria/Se você fosse falar o que é lazer a partir do que você sabe, o que diria que é?/O que você acha que caracteriza a lazer em relação a outras esferas da vida)
45. Existe uma relação entre dança de salão e lazer? Qual? De que forma?
46. Você acha que deveria existir um curso superior em dança de salão? Por quê?
47. Você acha que ministrar aulas de dança de salão é um lazer? Por quê? (Para você ministrar aulas de dança de salão é um lazer, em que situações)
48. Você acha que ministrar aulas de dança de salão é um trabalho? Por quê? (Para você ministrar aulas de dança de salão é um trabalho, em que situações)
49. Você acha que fazer aulas de dança de salão é um lazer? Por quê? Em quais ocasiões?
50. Você acha que fazer aulas de dança de salão **pode não ser** é um lazer? Por quê? Em quais ocasiões?
51. Qual o seu entendimento de dança de salão?(Se você fosse dar um conceito de dança de salão, qual seria/Se você fosse falar o que é dança de salão a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que você acha que caracteriza a dança de salão em relação a outras danças)
52. O que poderia fazer uma dança a dois deixar de ser dança de salão? (Que características um dança de salão teria que perder para deixar de ser dança de salão e virar outra dança que não uma dança de salão)
53. Você acha que a dança de salão proporciona qualidade de vida as pessoas? Por quê?
54. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Ou, poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta academia?
55. Você tem alguma crítica, idéia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?